



Ângela Raquel Ruano Gil

PORTUGAL DOS PEQUENITOS MUSEUS OU PARQUE TEMÁTICO, UMA ABORDAGEM MUSEOLÓGICA

Dissertação de Mestrado em História, especialização em Museologia na área de especialização em História Económica, Social e Cultural, orientada pelo Doutor João Paulo Avelãs Nunes e coorientada pela Doutora Joana da Costa Brites, apresentada ao Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2012



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

PORTUGAL DOS PEQUENITOS MUSEUS OU PARQUE TEMÁTICO, UMA ABORGAGEM MUSEOLÓGICA

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Capa	Fundação Bissaya Barreto – Aguarela “Portugal dos Pequenitos”
Título	PORTUGAL DOS PEQUENITOS – MUSEUS OU PARQUE TEMÁTICO, UMA ABORDAGEM MUSEOLÓGICA
Autor	Ângela Raquel Ruano Gil
Orientador	Doutor João Paulo Avelãs Nunes
Coorientador	Doutora Joana da Costa Brites
Júri	Presidente: Doutora Irene Vaquinhas
Identificação do Curso	Vogais:
Área científica	1. Doutor Nuno Rosmaninho
Especialidade	2º Ciclo em História, especialização em Museologia
Data da defesa	História
Classificação	Museologia
	8-11-2012
	17 valores



SUMÁRIO

Resumo	pág. 5
Agradecimentos	pág. 7
Siglário	pág. 8
Introdução	pág. 9
1. Bissaya Barreto, um percurso biográfico	pág. 14
2. A Fundação Bissaya Barreto	pág. 25
3. História e gestão do Portugal dos Pequenitos	pág. 40
3.1. Antecedentes	pág. 40
3.2. O Arquiteto	pág. 43
3.3. Arquitetura Moderna em Portugal	pág. 44
3.3.1. O Caso de Cassiano Branco	pág. 47
3.4. O Portugal dos Pequenitos	pág. 52
3.4.1. As três fases de construção	pág. 53
3.4.1.1. A primeira fase	pág. 54
3.4.1.2. A segunda fase	pág. 57
3.4.1.3. A terceira fase	pág. 65
3.4.2. O Museu da Criança	pág. 68
3.5. Definição	pág. 71
4. Proposta de renovação da gestão museológica do Portugal dos Pequenitos	pág. 73
4.1. Parque temáticos	pág. 73
4.2. Classificação de património	pág. 78
4.3. Corrente Museológica	pág. 79
4.4. Centro de interpretação	pág. 83
4.4.1. Edifício	pág. 85

4.4.2. Exposições	pág. 88
4.4.3. Financiamento	pág. 94
4.5. Novo Itinerário	pág. 95
4.6. Plano de Atividades	pág. 96
4.7. Avaliação	pág. 99
4.8. Gestão	pág. 100
Conclusão	pág. 103
Anexos	pág. 107
Documentação	pág. 147
Bibliografia	pág. 155
Índice de Anexos	pág. 168

RESUMO

A presente dissertação aborda o Portugal dos Pequenitos, idealizado por Bissaya Barreto e desenhado por Cassiano Branco. Construído em Coimbra no âmbito das Comemorações do duplo Centenário (1940), integra-se no esforço de afirmação ideológica do Estado Novo. Fazemos uma caracterização e análise do percurso biográfico de Bissaya Barreto, da Fundação Bissaya Barreto e do Portugal dos Pequenitos enquanto espaço expositivo.

Para o Portugal dos Pequenitos propomos, ainda, uma estratégia museológica de renovação e revitalização com o intuito de atrair, questionar e fidelizar visitantes. A proposta passa pela definição do Portugal dos Pequenitos como um parque temático histórico, para a qual é obrigatória a classificação como manifestação de património cultural imaterial. Propomos ainda a criação de um centro de interpretação com o objetivo de contextualizar os visitantes.

Palavras-Chave: Portugal dos Pequenitos | Bissaya Barreto | Parque Temático | Parque Temático Histórico | Museu | Museologia | Património Cultural Imaterial |

ABSTRACT

This dissertation discusses Portugal dos Pequenitos, idealized by Bissaya Barreto and designed by Cassiano Branco. Built in Coimbra, in the extent of the Commemoration of the double Centenary (1940), is part of the effort of ideological affirmation of Estado Novo. We make a characterization and analysis of biographical path of Bissaya Barreto, Barreto Bissaya Foundation and Portugal dos Pequenitos as an exhibition space.

To Portugal dos Pequenitos, we propose a museological strategy of renewal and revitalization in order to attract, question and retain visitors. The proposal is the definition of

Portugal dos Pequenitos as a historical theme park, for which is mandatory a classification as expression of intangible cultural heritage. We propose as well a creation of an interpretation center in order to contextualize the visitor.

Keywords: Portugal dos Pequenitos | Bissaya Barreto | Theme Park | Historic Theme Park | Museum | Museology | Intangible Cultural Heritage |

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Dr.^a Isabel Horta e Vale, diretora da Casa Museu Bissaya Barreto, pela simpatia e ajuda disponibilizada. Um especial obrigado à Dr.^a Cristina Nogueira, responsável do Centro de Documentação Bissaya Barreto, pela enorme paciência, sugestões e ajuda imprescindível. Por último, agradeço à Dr.^a Lúcia Monteiro, responsável do Portugal dos Pequenitos, pelo livre acesso para as constantes visitas ao local.

SIGLÁRIO

AAC – Associação Académica de Coimbra

BCG – Bacillus Calmette-Guérin

CDB – Centro de Documentação Bissaya Barreto

CTT – Correios, Telégrafos e Telefones

DGEMN – Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

DPI – Departamento de Património Imaterial

DVD – Digital Versatile Disc

ENM – Estaleiros Navais do Mondego

FBB – Fundação Bissaya Barreto

FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

FMUC – Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

HUC – Hospitais da Universidade de Coimbra

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

IMC – Instituto dos Museus e da Conservação

PCI – Património Cultural Imaterial

PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado

SNA – Sindicato Nacional dos Arquitetos

SNI – Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo

SPN – Secretariado de Propaganda Nacional

USA – United States of America (Estados Unidos da América)

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta dissertação é o Portugal dos Pequenitos, um parque idealizado por Bissaya Barreto, Professor dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), médico-cirurgião da Faculdade de Medicina de Universidade de Coimbra (FMUC) e figura de relevo no poder político da região centro durante o Estado Novo. Este parque, construído em Coimbra no contexto da Exposição do Mundo Português (realizada em Lisboa em 1940) teve como arquiteto Cassiano Branco o qual, apesar de modernista, vem desenhar este projeto sobre alguns dos mitemas nucleares do Estado Novo.

O ideólogo do Portugal dos Pequenitos, Bissaya Barreto, nascido em Castanheira de Pêra, distrito de Leira, a 29 de Outubro de 1886, é enviado pela família, desde muito jovem (com apenas 13 anos de idade) para Coimbra com o intuito de continuar os estudos. Desta forma, em 1903, no mesmo ano de conclusão dos estudos liceais, ingressa na Universidade de Coimbra, onde se matricula nas licenciaturas de Filosofia Natural, Matemática e Medicina (todas com cadeiras obrigatórias para a prática da medicina). Conclui o Bacharelato em Medicina no ano de 1911 e torna-se doutorado na mesma disciplina quatro anos mais tarde, em 1915, com a dissertação *O Sol em Cirurgia*. Assim, com 32 anos de idade, Bissaya Barreto converte-se em Professor Ordinário da Universidade de Coimbra e aos 56 assume o cargo de Professor Catedrático de Cirurgia. Durante cerca de 40 anos exerceu clínica e o ensino de cirurgia na mesma Universidade que o formou.

Em paralelo com a medicina, Bissaya Barreto também desenvolveu interesse pela vida política, dando, desde cedo, a conhecer convicções fortemente republicanas. Teve ligações com algumas organizações secretas, entre elas a Maçonaria, não se conhecendo, todavia, a data da sua adesão. Sabe-se que na famosa federação o “Grande Oriente Lusitano” foi iniciado a 7 de Maio de 1909. No seio desta organização terá respondido pelo nome de *Saint-Just*. Esta ligação com a Maçonaria denota, uma vez mais, proximidade com o Movimento

Republicano, uma vez que, nesta altura, era comum o contacto entre ambos. No entanto, a 4 de Maio de 1913 abandona o “Grande Oriente Lusitano.”

Convém ainda mencionar que Bissaya Barreto atravessou todo o consulado de António Oliveira Salazar de quem era amigo, e médico particular da mãe, estreitando a relação de amizade entre os dois. Conheciam-se desde os tempos de estudante em Coimbra. A 7 de Março de 1927, Bissaya Barreto foi eleito Presidente para Presidente da Junta Geral do Distrito de Coimbra (posterior Junta da Província da Beira Litoral e por último Junta Distrital de Coimbra) cargo que alcança após adesão à União Nacional (único partido constituído legalmente durante o Estado Novo). Bissaya Barreto permanece neste cargo até à Revolução de 25 de Abril de 1974.

Na presidência desta Junta, Bissaya Barreto vai assumir responsabilidades políticas no campo da assistência social da região centro do país. É graças a este cargo e a fortes apoios políticos e governamentais, aliados a uma consistente capacidade de realização, que vai ser possível e Bissaya Barreto realizar a maior parte da sua obra social, inclusive o objeto de estudo desta dissertação. A 26 de Novembro de 1958, pela iniciativa de alguns de seus amigos mais próximos, nasce a Fundação Bissaya Barreto (FBB), sua herdeira universal, que tem como objetivo dar continuidade ao trabalho iniciado por Bissaya Barreto. Algumas das instituições de apoio social criadas pela Junta da Província da Beira Litoral após iniciativa de Bissaya Barreto são transferidas, a seu pedido, para a FBB.

Inicialmente como apenas um jardim para a Casa da Criança Rainha Santa Isabel no Rossio de Santa Clara, o Portugal dos Pequenitos evolui para um projeto muito maior no âmbito das comemorações do duplo centenário da independência (1140) e da restauração (1640). O parque, aquando da inauguração a 8 de Junho de 1940, apenas 15 dias antes da inauguração da Exposição do Mundo Português, era constituído apenas por uma das três secções que o compõem atualmente.

A primeira secção a ser construída foi a das casas regionais, onde, conjugadas em apenas uma aldeia, estão representadas todas as regiões de país. Tendo ainda anexas o pequeno jardim zoológico de animais domésticos. Mais tarde deu-se a construção da secção

da Casa de Coimbra, bem como o Portugal Insular e Ultramarino que compreendem um pavilhão para cada um dos arquipélagos (Madeira e Açores) e os pavilhões representativos das ex-colónias portuguesas. Finalmente, a última secção é a do Portugal Monumental, uma amálgama de monumentos nacionais de norte e sul do país. A construção dá-se por completa com o planisfério das rotas marítimas.

O arquiteto do Portugal dos Pequenitos, Cassiano Branco, nascido em Lisboa a 13 de Agosto de 1897, inicia o Curso de Arquitetura na Escola de Belas-Artes da mesma cidade. Interrompe os estudos após segunda reprovação da mesma cadeira (Desenho de Figura), mas voltar a retomá-los em 1921 após ter viajado por várias cidades europeias. Na década de 20 Cassiano Branco é dos arquitetos modernistas mais reconhecidos do nosso país. Entre as suas obras mais conhecidas de carácter modernista estão o Teatro Éden e o Hotel Vitória, ambas em Lisboa. Em 1937 inicia estudos para a construção do Grande Hotel do Luso, propriedade da Sociedade das Águas do Luso, da qual Bissaya Barreto era acionista, desta vez com um projeto de arquitetura tradicionalista. No ano seguinte, começa então os estudos para o Portugal dos Pequenitos ao qual irá dedicar mais de um terço da sua vida.

Desde da sua abertura que o Portugal dos Pequenitos tem grande eco no mapa nacional e internacional, sendo mencionado em várias publicações portuguesas e estrangeiras. A 28 de Outubro de 1966 é inaugurado no Portugal dos Pequenitos o Museu da Criança, que ali esteve sensivelmente até 1996, altura em que foi desmantelado para constituir o atual Museu do Traje e Museu do Mobiliário. O Museu da Criança era constituído por vários objetos desde mobiliário em miniatura, estampas de quadros famosos internacionais, réplicas de trajes, selos, postais, estampas de hotéis, caixas de fósforos, fotografias, mapas, etc.

A escolha de decisão sobre o tema a tratar por esta dissertação recaiu sobre o Portugal dos Pequenitos porque acreditamos que este local está repleto de potencial, museológico e não só. Abordado de forma distinta pela FBB, este parque pode converter-se progressivamente num local mais procurado não só pelas crianças, mas também por adultos. A descontextualização de que sofre o Portugal dos Pequenitos, uma vez que não é fornecida ao visitante qualquer informação prévia sobre o patrono deste local, o contexto de criação, o

arquiteto e a fundação a que pertence atualmente, é, em nosso parecer, uma lacuna da FBB. É precisamente no sentido de enfraquecer estes vazios que nos apontámos a efetivar esta dissertação e é com o mesmo propósito que realizámos as propostas de revitalização do local.

Para a realização desta dissertação foi necessária a consulta de documentação e bibliografia, como também várias visitas presenciais ao Portugal dos Pequenitos. Grande parte da pesquisa documental deu-se no Centro de Documentação Bissaya Barreto (CDB), pertencente à FBB, localizado na Casa Museu Bissaya Barreto. Também nos foi útil o acervo documental do fundo de Cassiano Branco, adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa em 1990, disponibilizado *online* na página do Arquivo Municipal de Lisboa. A bibliografia consultada foi principalmente disponibilizada pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, pelos diversos Institutos da Faculdade de Letras da mesma Universidade e de novo pelo CDB. Tivemos ainda a oportunidade de complementar o trabalho com uma entrevista à Dr.^a Isabel Horta e Vale, atual diretora da Casa Museu Bissaya Barreto e responsável do Portugal dos Pequenitos de 1999 a 2009.

No que respeita à organização sistemática, esta dissertação estrutura-se em quatro grandes capítulos. Iniciamos o estudo com uma pequena abordagem biográfica de Bissaya Barreto que acreditamos ser indispensável, pois ser-nos-ia impossível estudar a obra sem mencionar o seu criador. Passamos posteriormente a abordar o trabalho de Bissaya Barreto na presidência das Juntas, onde realiza grande parte dos trabalhos de assistência social, alguns dos quais serão mais tarde transferidos para a FBB. Ainda neste segundo capítulo enumeramos os trabalhos continuados pela FBB, bem como aqueles que principiou após a morte do patrono.

O terceiro capítulo é dedicado à análise da construção do Portugal dos Pequenitos, onde fazemos uma pequena biografia do arquiteto, explicamos o contexto sociopolítico de criação do parque, as suas fases de construção e, por último, descrevemos e analisamos as diferentes secções, exposições e museus presentes no local desde a sua criação até aos dias de hoje. Finalmente, no quarto e último capítulo desta dissertação, é abordada a possibilidade de definição do Portugal dos Pequenitos como parque temático histórico e são apresentadas as

nossas propostas de renovação e revitalização do parque, não apenas através da construção de um centro de interpretação, também proposto por nós, mas pela sugestão de um novo plano de atividades para todo o tipo de públicos.

1. BISSAYA BARRETO, UM PERCURSO BIOGRÁFICO

Sendo o Portugal dos Pequenitos o principal objeto de estudo sobre o qual decidimos fazer recair a nossa investigação para a posterior estruturação desta dissertação, ser-nos-ia impossível compreender a história da sua criação, conceção e construção sem antes dar a conhecer aquele que foi o seu patrono, idealista e criador. Iremos assim começar por fazer a biografia daquele cuja estátua se encontra mesmo às portas deste “Portugal das Maravilhas”¹ e que quase sempre ignoramos, mas sem o qual não estaria de pé atravessando gerações e deslumbrando o mundo.

Fernando Baeta Bissaya Barreto Rosa nasce a 29 de Outubro de 1886, em Castanheira de Pêra, concelho de Pedrógão Grande, pertencente ao distrito de Leiria. Filho de Albino Inácio Rosa (ver anexo 1, pág. 108) e Joaquina Conceição Barreto (ver anexo 2, pág. 109), era o segundo de um total de quatro filhos, sendo o único do sexo masculino.²

O pai de Bissaya Barreto era farmacêutico de profissão e dois de seus tios, um deles padrinho de batismo³, também haviam estudado e exercido medicina. Para além da sua

¹ Para além da estátua que se encontra no interior do Portugal dos Pequenitos, imediatamente no início da visita, existe, atualmente, uma estátua em memória do Professor Bissaya Barreto na rotunda situada em frente à entrada principal do Portugal dos Pequenitos. Esta segunda estátua, em bronze, da autoria do artista Vasco Berardo, foi inaugurada a 11 de Outubro de 1997, apesar de alguma contestação de cariz político.

² A irmã mais velha de Bissaya Barreto, nascida no ano de 1885, dá pelo nome de Sofia, as mais novas, Aura e Berta, nascem nos anos de 1889 e 1891 respetivamente.

³ Abílio Baeta das Neves Barreto, tio materno e padrinho de batismo de Bissaya Barreto, era cirurgião-ajudante do Exército. Também o seu tio Augusto Baeta das Neves Barreto foi licenciado em Medicina pela Universidade de Coimbra, tal como, mais tarde, irá acontecer com Bissaya Barreto. Este tio teve ainda participações políticas relevantes, sempre de cariz republicano.

Augusto Barreto continuará em contacto com Bissaya Barreto ao longo da sua vida como é possível comprovar através do grande número de correspondência trocada entre os dois.

profissão, Albino Inácio Rosa concretizou também participações políticas significativas tendo, em fins do século XIX, desempenhado o cargo de Presidente da Câmara de Pedrógão Grande. Mais tarde exerceu ainda um papel ativo no processo de autonomia municipal de Castanheira de Pêra. Estas evidências demonstram-nos o ambiente em que Bissaya crescia e que, mais tarde, irão claramente continuar a marcar a sua vida profissional e política.

Estes factos em forma de testemunhos levam-nos a crer que a família de Bissaya Barreto faria parte de uma classe social média, o que não significa porém que a família não se debatesse com problemas financeiros. É, principalmente, no contexto do percurso académico de Bissaya Barreto que, em correspondência, tomamos conhecimento das dificuldades e sacrifícios, tanto familiares como pessoais, que foi necessário realizar para que aquele decorresse serenamente.⁴

Bissaya Barreto inicia os seus estudos na Escola Primária do Avelar em Castanheira de Pêra, freguesia de Coentral. No entanto, por forma a poder continuar a sua formação académica, com apenas oito anos de idade passa a deslocar-se para Coimbra de forma a poder ingressar no Colégio de S. Pedro. Quando completa treze anos deixava de ser possível a deslocação diária entre Castanheira de Pêra e Coimbra e como não existia nenhum parente da família com moradia dentro ou próximo da cidade, o pai terá afirmado que o “(...) *filho não precisa de vigilância nem proteção. É verdade que tem apenas 13 anos, (...) mas tem de aprender a ser um homem.*”⁵ Assim, Bissaya Barreto instala-se permanentemente em Coimbra a fim de poder concluir o ensino médio no Liceu Central de Coimbra.

Ainda no mesmo ano, a 30 de Outubro, e em simultâneo com o ensino liceal, Bissaya Barreto decide matricular-se na Escola Industrial Avelar Brotero, no curso de Física e Mecânica Industrial, onde permanecerá como aluno voluntário mas realizando todos os

⁴ Em correspondência com o tio materno Manuel Agostinho Barreto, Bispo da Diocese do Funchal, aquando da entrada de Bissaya na Universidade, ficamos a saber que o estudante se encontrava num estado de saúde melindroso.

⁵ GOEMAERE, Pierre – **Os Grandes Contemporâneos: Bissaya-Barreto**, p. 30.

exames de primeiro e segundo anos. A 9 de Julho de 1903 dá por finalizados os estudos liceais com uma classificação final de “Muito Bom com distinção”, concluindo também o curso completar.

Desta forma, ainda em 1903, Bissaya Barreto ingressa na Universidade de Coimbra onde se inscreve em três Faculdades: Filosofia Natural, Matemática e Medicina.⁶ Esta inscrição em Filosofia e Matemática significava que pretendia realizar estudos preparatórios para carreiras profissionais em Medicina e Engenharia. Como o próprio virá, mais tarde, a confessar ao seu biógrafo, Pierre Goemaere, “*estudava medicina para satisfazer as tradições da minha família, a filosofia para me satisfazer a mim próprio e as matemáticas porque estava persuadido que era a engenharia a carreira que me esperava.*”⁷

Desde o ingresso em 1903 até ao ano em que concluiu os estudos (1911), ao aluno Bissaya Barreto (ver anexo 3, pág. 110) foram atribuídos 24 prémios em 36 cadeiras frequentadas. De facto, um dos episódios mais conhecidos da sua vida de estudante ocorreu no ano de 1908, aquando da deslocação do rei D. Manuel II à Universidade. Como era já frequente, a cerimónia de entrega destes prémios aos alunos deu-se na Sala dos Atos, quando o nome de Bissaya Barreto foi chamado⁸ manteve-se imóvel, projetando a decisão das organizações estudantis republicanas⁹, tendo apenas murmurado: “*Não conheço o Rei.*”¹⁰

⁶ De acordo com a prática na época, para frequentar o primeiro ano de Medicina era obrigatória a frequência das cadeiras de Química Orgânica, Física, Botânica, Zoologia e Desenho do Curso de Filosofia Natural e da primeira cadeira na Faculdade de Matemática; daí a sua inscrição nas três. No entanto, Bissaya Barreto frequentará ainda cadeiras de segundo e terceiro anos do curso de Matemática e obterá, em 1908, o Bacharelato em Filosofia Natural com uma classificação final de 18 valores.

⁷ GOEMAERE, Pierre – **Os Grandes Contemporâneos: Bissaya-Barreto**, p. 32.

⁸ Este havia sido premiado pelas Faculdades de Filosofia e Matemática, bem como três distinções na de Medicina.

⁹ Este acontecimento foi retratado pelos jornais da época, com especial incidência, nos de tendências republicanas.

¹⁰ GOEMAERE, Pierre – **Os Grandes Contemporâneos: Bissaya-Barreto**, p. 37.

Após oito anos de estudos, a 21 de Julho de 1911 Bissaya Barreto conclui por fim o Bacharelato em Medicina, onde obtém uma classificação final de 19 valores. No ano letivo imediatamente a seguir à conclusão do seu Bacharelato em Medicina, Bissaya Barreto frequenta o 4º Ano do Curso do Magistério Secundário, curso este que funcionava na recém-criada Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), “(...) deixando em aberto uma possível opção pela carreira de professor.”¹¹ Foi ainda muito jovem que Bissaya teve a sua primeira experiência como professor, ocorreu em 1908, quando era apenas aluno do 3º Ano de Medicina. Mas só em 1911, após a conclusão do Bacharelato do mesmo curso, será nomeado segundo Assistente Provisório e, no ano seguinte, primeiro Assistente Provisório, posição que mantém durante mais quatro anos.

Não se contentando com apenas o Bacharelato, Bissaya Barreto acabará por se doutorar em Medicina no mês de Setembro do ano de 1915, com a dissertação *O Sol em Cirurgia*. Procurou analisar, sobretudo, os benefícios do sol e da helioterapia na cirurgia.¹² São este currículo escolar e o reconhecido percurso cívico que levam a que no ano de 1916 seja nomeado Professor Extraordinário de Medicina da Universidade de Coimbra. Torna-se Professor Ordinário da mesma Universidade em 1918 e, finalmente, a 27 de Agosto de 1942, com 56 anos de idade, é nomeado Professor Catedrático de Clínica Cirúrgica da FMUC (ver anexo 4, pág. 111), escola onde ainda irá exercer o ensino de cirurgia durante mais 14 anos, até à sua jubilação em 1956.

Como professor tornou-se conhecido pelo seu rigor, imparcialidade e exigência, segundo testemunho de alguns dos seus alunos. O próprio Bissaya Barreto, não o negava: “a minha missão é instruí-los, não agradar-lhes.”¹³ Afirmou ainda: “É verdade. Os rapazes não mentiram. Seria de mau gosto não reconhecer. Mas eu também tenho as minhas razões. É certo que sou exigente até à

¹¹ FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya-Barreto: Um homem de causas, fotobiografia**, p. 21.

¹² Tratamento de doenças através da luz do sol.

¹³ SANTOS, António de Almeida – **Intervenções: Homenagem Nacional ao Prof. Doutor Bissaya Barreto – 11 de Outubro de 1997**, p. 21.

severidade, e tanto mais gravemente quanto o sou por princípio. (...) Pretendo que os meus alunos se convençam de que a carreira que escolheram é a mais exigente e severa de todas as carreiras. A medicina e a cirurgia não podem exercer-se insuficientemente, nem o amadorismo é admissível numa profissão em que as responsabilidades são totais e as faltas irreparáveis (...).”¹⁴

Há que frisar, porém, que a sua passagem pela Universidade nem sempre foi a mais pacífica, antes pelo contrário. Vários foram os conflitos entre Bissaya Barreto e a Universidade que o formou e empregava. Aquele que mais notoriedade recebeu foi aquando da publicação, no *Diário de Coimbra*, da série de artigos intitulada “*Coimbra precisa de ter um Hospital-Faculdade, Coimbra precisa de ter um Hospital-Cidade.*” A pedido do Senado da Universidade de Coimbra e do Reitor Maximino Correia, o *Diário de Coimbra* tenha sido proibido de publicar textos da autoria de Bissaya Barreto entre os anos de 1957 e 1959, o mesmo se repetindo de 1966 a 1967.¹⁵

No fundo, os artigos de Bissaya Barreto tinham a intenção de fazer ver à Universidade e, conseqüentemente, ao Estado, a evolução que poderia e, no seu entender, tinha o dever de fazer concretizar. Para aquele médico, “*(...) esta universidade do Estado Novo, regime que apoiou inequivocamente no plano político, estava longe de cumprir as obrigações sociais com a nação, e muito menos de satisfazer as necessidades de progresso da cidade e da região.*”¹⁶ Ainda na opinião do autor Jorge Pais de Sousa, a obra social de Bissaya Barreto serviria também para fazer frente à Universidade de Coimbra, para que esta instituição se apercebesse do muito que ainda lhe faltava realizar no campo da assistência social e para que lobrigasse que as suas condições estavam longe de ser as ideais.

Enquanto médico-cirurgião, Bissaya Barreto, construiu um trajeto profissional marcante que, muitos acreditam, se teria destacado em Portugal. Estima-se que realizasse de

¹⁴ Apud NAMORA, Viriato – **Bissaya Barreto: O homem e a obra**, p. 7.

¹⁵ SOUSA, Jorge Pais de – **Bissaya Barreto: ordem e progresso**, p. 113.

¹⁶ SOUSA, Jorge Pais de – **Bissaya Barreto: ordem e progresso**, p. 113.

2.500 a 3.000¹⁷ intervenções cirúrgicas por ano em várias zonas da “Metrópole.”¹⁸ Estas viagens, tantas vezes realizadas de comboio ou em viatura própria, aconteciam pela sua convicção de que também os meios mais pequenos e mais remotos do país deveriam receber atenção médica que, na maior parte das vezes, estava concentrada apenas em Lisboa, Porto e Coimbra: “*Temos médicos a mais nos grandes meios, não temos médicos bastantes nos meios pequenos, onde são mais precisos e onde não há outros meios de assistência, como nos grandes centros. Mesmo que mobilizassem os excedentes das cidades para as aldeias ainda a cobertura sanitária seria acentuadamente deficiente.*”¹⁹ No fundo, aquilo que Bissaya Barreto procurava seria atenuar essas diferenças, realizando ele próprio uma “descentralização da cirurgia.”

Também é de conhecimento público que muitas destas cirurgias eram realizadas por Bissaya Barreto de forma gratuita, ao que o próprio apenas dizia: “*Não tenho tempo para pensar nessas coisas. Deixo-as à consciência de cada um.*”²⁰ E assim fazia, como é possível constatar após a leitura de alguma correspondência endereçada a Bissaya Barreto em que muitos dos seus pacientes agradeciam as intervenções e enviavam diversos bens como forma de reconhecimento.

Paralelamente à vida de estudante, à prática médica e ao ensino, Bissaya Barreto revelou também grande interesse pela política e não receou, quer dar a conhecer as suas convicções, quer participar ativamente na vida cívica. Desde cedo revelou uma forte tendência republicana, já presente no seio da família. O seu tio Augusto das Neves Barreto

¹⁷ FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya-Barreto: Um homem de causas, fotobiografia**, p. 35.

¹⁸ Estas deslocações aconteciam sobretudo na região Centro do país: Mealhada, Anadia, Figueira da Foz, Tocha, Lousã, Santa Comba Dão, Mangualde, Viseu, Caramulo e Seia, não esquecendo a terra que o viu nascer (Pedrógão Grande). Mas também fazia viagens até à zona Norte, sendo Vila Real o ponto mais setentrional de que há conhecimento. Já a Sul de Coimbra interveio em povoações como: Soure, Alcobaça e Almeirim.

¹⁹ Apud FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya-Barreto: Um homem de causas, fotobiografia**, p. 36.

²⁰ Apud NAMORA, Viriato – **Bissaya Barreto: O homem e a obra**, p. 7.

havia participado no movimento liberal de 31 de Janeiro de 1891 e veio a desempenhar cargos públicos de relevância: Governador Civil de Castelo Branco, Diretor-Geral da Assistência, Ministro da Marinha e Senador.²¹

Ainda nos anos de estudante na Universidade, participou ativamente naquela que ficou conhecida como a Greve Académica, de 1907 e, no ano seguinte, deu-se o episódio já descrito durante a cerimónia de entrega de prémios escolares presidida pelo rei D. Manuel II. Sensivelmente um ano antes da Greve Académica, o então estudante Bissaya Barreto, integra, como Secretário, a primeira Direção do Centro Republicano, através do qual se procurava divulgar as ideias republicanas no seio da Academia. Este Centro era detentor de um jornal intitulado *Pátria*, do qual Bissaya Barreto foi Administrador. Muitos dos seus sócios, incluído o futuro docente da FMUC, farão parte do grupo “Intransigentes” na Greve Académica de 1907.

O acontecimento que marca o ponto de viragem e que despoleta a Greve Académica é a agitação gerada nos “sectores avançados” do corpo estudantil pela reprovação, por unanimidade, de um aluno no ato de Conclusões Magnas.²² Numa Assembleia Magna, realizada nessa mesma noite, os estudantes decidem tomar duas medidas imediatas. A primeira que, no dia seguinte, nenhum aluno compareceria às aulas. A segunda consistia em recorrer aos Tribunais. A situação agrava-se a 2 de Março, quando se dão incidentes entre lentes e discentes. Tendo o Conselho de Decanos da Universidade tomado partido a favor dos lentes, depressa o conflito se transforma numa luta entre estudantes e professores.

No dia 18 de Março, realiza-se, no Porto, uma grande reunião para considerar as questões do sistema de ensino universitário na qual Bissaya Barreto intervém. No mês de Abril os acontecimentos agravam-se, chegando ao ponto de exclusão de sete estudantes

²¹ Apud FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya-Barreto: Um homem de causas, fotobiografia**, p. 15.

²² O aluno licenciado com 15 valores decidiu avançar para o doutoramento, apesar de ser costume que ninguém o fizesse com um valor inferior a 16 valores. Por esta razão os membros do júri haviam sido extremamente agressivos durante as provas, como a reprovação por unanimidade veio confirmar.

universitários, que ficavam assim impedidos de regressar a ou de permanecer em Coimbra. Todavia, alguns alunos não cumpriram a medida disciplinar aplicada, o que levou à prisão dos mesmos. No dia 8 do mesmo mês as aulas são retomadas, porém, os estudantes convocam nova greve e não comparecem.

A 23 de Maio a Universidade é reaberta para a realização de exames, mas a Comissão Central Académica, órgão do qual Bissaya Barreto fazia parte, mantém a sua posição de continuar a greve. O Governo lança um decreto que dita que os estudantes têm até 2 de Junho para regularizar a sua situação. Perante a ameaça, muitos cedem, à exceção de 160 que ficaram conhecidos como os “Intransigentes.” Neste grupo encontrava-se Bissaya Barreto.

Como pena, os sete alunos excluídos e os 160 “Intransigentes” ficaram impedidos de realizar os exames finais desse ano letivo. No entanto, Bissaya Barreto não desiste: “*Sei muito bem o valor da disciplina. Aprecio os métodos de ordem, mas tenho a paixão da verdade e da sinceridade (...). Por espírito de obediência gostaria de ceder, mas a minha consciência proíbe-me.*”²³ É então impedido de realizar os exames, mas acaba por transitar para o ano seguinte, no final do qual realiza e obtém aprovação nos exames dos dois anos das três faculdades em que se encontrava matriculado.

No seguimento da participação na Greve Académica, Bissaya Barreto sente-se mais republicano que nunca. Após o 5 de Outubro de 1910, decide candidatar-se à Assembleia Nacional Constituinte. Logo após a sua eleição como deputado do Partido Evolucionista pelo círculo da Figueira da Foz, instala-se em Lisboa (entre Junho e Agosto de 1911). Todavia, com a nomeação para Segundo Assistente Provisório da FMUC e com a preparação para o doutoramento, a sua assiduidade na Assembleia decresce de forma notória. No final desses primeiros e últimos três anos como deputado, volta a Coimbra para se apresentar aos exames de candidatura ao professorado.

Ligada a estas convicções políticas está, também, a sua adesão a sociedades secretas, já que a proximidade entre estas e o Movimento Republicano era uma prática muito em voga

²³ Apud NAMORA, Viriato – **Bissaya Barreto: O homem e a obra**, p. 4.

na época. Bissaya Barreto teve ligações tanto com a Maçonaria como com a Carbonária. Apesar de a data da sua entrada para a Maçonaria permanecer desconhecida, sabemos que ocorreu no âmbito do “Grande Oriente Lusitano”, adotou o nome simbólico de *Sain-Just* e terá alcançado o grau quinto do Rito Francês, chegando mesmo a ser eleito delegado efetivo do Conselho da Ordem. No entanto, sem qualquer espécie de explicação, pelo menos conhecida, Bissaya Barreto abandona o “Grande Oriente Lusitano” a 4 de Maio de 1913. Por volta desta data, terá também abandonado as restantes sociedades secretas a que pertencia, sempre de modo pacífico e com o pagamento das quotas em dia. Todavia, apesar de se ter afastado da Maçonaria, acreditamos que alguns dos respetivos princípios permaneceram presentes no seu íntimo. O autor Jorge Pais de Sousa chega a afirmar “(...) *em nossa opinião ele [o espírito maçónico] esteve e estará sempre presente ao longo da sua vida e ação política. Sendo possível considerar que, ao retirar-se da Maçonaria, Bissaya Barreto estaria a iniciar um «percurso maçónico próprio».*”²⁴

Não podemos deixar de referir que Bissaya Barreto atravessou o longo período do Estado Novo, chefiado por António de Oliveira Salazar (de quem era amigo íntimo e médico particular da mãe), como apoiante do regime e membro da respetiva elite. A relação de amizade com Oliveira Salazar terá tido início ainda nos tempos de estudante em Coimbra, entre 1910 e 1914, enquanto frequentavam a Universidade. O próprio Bissaya Barreto o referencia à biógrafa do ditador: “*Conbeci-o enquanto estudava direito.*”²⁵

De facto, durante a governação de seu amigo, Bissaya Barreto irá ocupar vários cargos de natureza político-administrativa, com principal incidência na região centro do país. Desde 2 de Janeiro de 1923 até 5 de Junho de 1926, ainda na Primeira República, Bissaya Barreto presidiu ao Senado conimbricense depois de ter vencido as eleições autárquicas de 1922 e no seguimento de três reeleições. O seu envolvimento na presidência do Senado

²⁴ SOUSA, Jorge Pais de – **Bissaya Barreto: ordem e progresso**, p. 71.

²⁵ Apud SOUSA, Jorge Pais de – **Bissaya Barreto: ordem e progresso**, p. 89.

Municipal de Coimbra será contudo pacífico, sem grandes debates e com raras intervenções de cariz programático.

No ano seguinte ao termo do seu cargo como Presidente do Senado conimbricense, Bissaya Barreto candidatar-se-á e será eleito, a 7 de Março de 1927, já durante a Ditadura Militar, para Presidente da Junta Geral do Distrito de Coimbra, depois Junta da Província da Beira Litoral e ulteriormente Junta Distrital de Coimbra. É nesse contexto que assume responsabilidades políticas de relevo no campo da assistência social, problemática que tanto o fascinava e na qual trabalhou antes e depois da eleição para o referido cargo. É graças a este, aos fortes apoios políticos, e à já citada relação de amizade com Oliveira Salazar, que Bissaya Barreto consegue realizar grande parte da sua obra social, a qual iremos caracterizar posteriormente, e onde também se encontra incluído o objeto de estudo desta dissertação.

É o próprio Bissaya Barreto quem afirma “(...) *dei vida à obra social de Coimbra, objetivos que atingi completamente graças à ação decisiva de Salazar*”²⁶, tendo acrescentado mais tarde: “*A República, sem o Dr. Oliveira Salazar, não teria, como nunca realizou, a grande obra de ressurgimento a que assistimos, orgulho dos portugueses, admiração profunda dos estrangeiros.*”²⁷ Contudo, não devemos deixar de mencionar que a posição de Bissaya Barreto no cargo de Presidente da Junta Geral do Distrito de Coimbra foi apenas possível após a sua adesão à União Nacional, o partido único no regime político simbolizado por Oliveira Salazar.

Na presidência da Junta Geral do Distrito de Coimbra, Bissaya Barreto cria o jornal *A Saúde*, devendo-se-lhe a sua conceção e organização integrais. Tratou-se de um periódico bimensal de distribuição gratuita com uma tiragem de 20.000 exemplares, sendo o único do género em Portugal. O principal objetivo deste jornal era o de inculcar hábitos de higiene e fornecer informação sobre várias doenças como por exemplo as do foro psiquiátrico, a lepra, o alcoolismo, a sífilis, o tabagismo, etc. Continha, também, uma quantidade significativa de

²⁶ Apud GOMES, F. Amaral – **Diário de Coimbra**, p. [?].

²⁷ SOUSA, Jorge Pais de – **Bissaya Barreto: ordem e progresso**, p. 187.

informação acerca da infância, o que, mais tarde, levou à criação de um suplemento dedicado apenas a esse tema (*A Saudinha*).

Ainda no plano político e com 75 anos de idade, Bissaya Barreto aceitou o desafio de ser Procurador à Câmara Corporativa durante as VIII e IX Legislaturas, mantendo-se em função durante nove anos consecutivos. No ano de 1974, após a Revolução de 25 de Abril, Bissaya Barreto é destituído dos cargos oficiais que ainda exercia e, por intimação da Direção dos Hospitais da Universidade de Coimbra, tem de abandonar o gabinete que mantinha depois da jubilação. Por fim, falece a 16 de Setembro do mesmo ano, com 87 anos de idade, durante uma deslocação a Lisboa.

Segundo vontade testamentária, a FBB, criada a 26 de Novembro do ano de 1958 e a qual iremos analisar no capítulo seguinte desta dissertação, é a sua herdeira universal. Durante toda a sua vida, “(...) Bissaya-Barreto não se cansou de tanto fazer”²⁸, de tal forma que “*um tema, seja ele qual for, que se julgue estudado em toda a plenitude, corre o risco de a qualquer momento ficar desatualizado ou imperfeito porque algo mais se encontrou sobre o assunto.*”²⁹ Na perspetiva dos dirigentes da FBB “(...) como qualquer mortal, Bissaya Barreto terá tido também os seus defeitos e praticado os seus erros, mas o que ninguém lhe poderá negar são, sem dúvida, as suas muitas qualidades colocadas apaixonadamente ao serviço da comunidade que tanto amou.”³⁰

Em nossa opinião, Bissaya Barreto possuía concepções deveras avançadas para a sua época e entendeu objetivamente os problemas do seu tempo. Durante toda a sua vida, e desde muito jovem, teve sempre noções claras quanto à sua posição a tomar perante as situações e quais as metas e realizações que desejava ver cumpridas. Idealizou uma obra de assistência social significativa a qual estruturou graças às conexões políticas de que disfrutava e ao seu poder de realização.

²⁸ SANTOS, António de Almeida – **Intervenções: Homenagem Nacional ao Prof. Doutor Bissaya Barreto – 11 de Outubro de 1997**, p. 27.

²⁹ FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya-Barreto: Um homem de causas, fotobiografia**, p. 61.

³⁰ MOURA, Horácio – **A Fundação Bissaya-Barreto**, p. 39.

2. A FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO

As entidades de intervenção social que atualmente integram a FBB, nomeadamente o Portugal dos Pequenitos, principal objeto de estudo desta dissertação, começam por ter início durante a presidência do Professor na Junta Geral do Distrito (depois Junta da Província da Beira Litoral e, por último, Junta Distrital de Coimbra). Por isso, cremos ser necessária a abordagem prévia das realizações levadas a cabo por Bissaya Barreto nesta Junta para mais tarde analisarmos o processo de criação da FBB.

Conforme já havíamos mencionado no capítulo anterior, no ano de 1927 Bissaya Barreto é eleito Presidente da Junta Geral do Distrito, acontecimento que só foi possível após a sua adesão ao partido único do Regime salazarista, fato também já supramencionado. Contudo, ainda não referimos as realizações que Bissaya Barreto idealiza e materializa durante o longo período de tempo que vai permanecer neste cargo. Durante aproximadamente meio século Bissaya Barreto vai criar, na região de Coimbra, instituições de assistência médico-social especialmente direcionadas a alguns dos grandes problemas de “saúde pública” do seu tempo. Estas estão principalmente direcionadas para a proteção da grávida e da criança, luta antituberculosa, luta anti lepra, assistência psiquiátrica, assistência hospitalar, luta anti sezónática e luta anti venérea. Destaque, ainda, para várias outras contribuições nas áreas da cultura, educação, investigação, etc.

Não devemos, porém, esquecer que é apenas graças ao “(...) *fortíssimo apoio das estruturas políticas e governamentais do Estado Novo e de Salazar em particular [que] Bissaya-Barreto reuniu um conjunto de recursos financeiros e humanos inigualáveis na época, que lhe permitiu criar núcleos de combate aos flagelos sociais de seu tempo.*”³¹ A primeira medida tomada por Bissaya Barreto no âmbito da assistência social dá-se logo no ano da sua primeira eleição e consagra a criação da Escola Profissional de Semide, destinada apenas a rapazes em “situação de risco.” Após

³¹ FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya-Barreto: Um homem de causas, fotobiografia**, p. 68.

autorização para a utilização do Convento de Semide para receber a dita instituição, iniciam-se as obras de adaptação do imóvel que, a 7 de Novembro de 1929, abre as portas e recebe os primeiros alunos, sem qualquer tipo de cerimónia de inauguração. Estreia-se, assim, aquela que seria a primeira das muitas realizações sociais de Bissaya Barreto.

Das áreas a que o Presidente da Junta Geral do Distrito irá prestar mais atenção, as primeiras iniciativas terão início no ano de 1928 e estender-se-ão, sensivelmente, até 1931. Nesta etapa, as prioridades terão sido a luta antituberculosa, a proteção da mãe e a defesa da criança. Esta escolha, porém, não se deu arbitrariamente, muito pelo contrário. Nesta época a tuberculose afetava um largo número de portugueses e era responsável por cerca de 45% de mortalidade infantil.³²

Desativadas, as Rodas foram substituídas pelos Hospícios, que continuavam a receber e a acolher crianças abandonadas. A 1 de Novembro de 1931 a Secção Hospicial da Maternidade de Coimbra é devolvida à Junta Geral do Distrito, que, inicia a sua Obra de Proteção à Grávida e Defesa da Criança. É de facto na dita Secção Hospicial que se instala o Centro de Proteção e Defesa. Ainda noutra parte do edifício surge o Ninho dos Pequenitos, onde seriam “(...) *aninhadas todas as crianças fracas, infezadas, pobres de saúde e de robustez, desamparadas da sorte, vítimas amanhã da fome e da miséria.*”³³

No Ninho dos Pequenitos são então aceites crianças até aos 3 anos de idade e tinha capacidade para 48 crianças. Também neste local se fazia a distribuição de *O Livro da Mãe*, que ajudava e aconselhava na criação de bebés. O Ninho concretizava, assim, o lema “roubar à morte os pequenitos.” Como Bissaya Barreto recordava, “*morrem em Portugal em cada ano trinta mil crianças de zero a um ano de idade. E destas criancinhas a maior parte poder-se-ia salvar, se outra fosse a educação em matéria de higiene do nosso povo se outras fossem as condições de assistência infantil do*

³² SOUSA, Jorge Pais de – **Bissaya Barreto: ordem e progresso**, p. 140.

³³ Apud FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya-Barreto: Um homem de causas, fotobiografia**, p. 73.

*nosso país.*³⁴ Em Junho de 1931 o Ninhos dos Pequenitos é oficialmente inaugurado e viria a ser o impulsionador das Casas da Criança. Rapidamente o Ninhos dos Pequenitos se tornou um sucesso, com cerca de 2.000 consultas para 715 crianças inscritas. Deste modo, a 7 de Janeiro de 1934 são inauguradas novas instalações para o Ninho, construídas com as pedras da antiga Torre do Mosteiro de Santa Cruz. O Ninhos dos Pequenitos contava agora com um internato de crianças, consultas de puericultura e pediatria, uma maternidade, uma valência que fornecia roupa de bebé para mães com carências económicas, uma cozinha e um refeitório.

Desde o ano de 1931 havia sido também instigado um outro projeto de Bissaya Barreto, o jornal *A Saúde*, que se irá estender até 1942. Este jornal era da inteira autoria de Bissaya Barreto e, talvez, das mais importantes iniciativas levadas a cabo pela Presidência da Junta Geral do Distrito. Distribuído gratuitamente, redigido numa linguagem simples e facilmente perceptível, tinha como objetivo estar acessível a todas as classes sociais. Pretendia esclarecer os leitores sobre as principais doenças que afetavam a população, bem como dar a conhecer métodos de tratamento e, prevenção das mesmas. Graças ao sucesso editorial do jornal (que tinha uma tiragem de 20.000 exemplares), e ao grande número de páginas dedicado apenas à infância, a partir do segundo ano de edição, passa a incluir um suplemento exclusivo de puericultura intitulado *A Saudinha*.

A luta anti tuberculosa foi, desde sempre, uma das maiores preocupações de Bissaya Barreto pois, como o próprio afirmou na sua biografia “*o inimigo número um da raça portuguesa é, sem contestação possível, a tuberculose. (...) A tuberculose é o flagelo permanente acerca do qual dizem as estatísticas: há 150.000 portugueses presos nas suas garras. Ceifa uma vida por cada quarto de hora que passa...*”³⁵ Previamente à intervenção de Bissaya Barreto através da Junta da Província da

³⁴ Apud FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya-Barreto: Um homem de causas, fotobiografia**, p. 73.

³⁵ GOEMAERE, Pierre – **Os Grandes Contemporâneos: Bissaya-Barreto**, p. 71.

Beira Litoral, funcionava em Portugal a Assistência Nacional aos Tuberculosos, à qual o próprio havia estado ligado.

A primeira medida a ser tomada neste sentido foi a criação do Dispensário Central, que viria a estabelecer-se em instalações, cedidas pela Câmara Municipal de Coimbra no Pátio da Inquisição. Inaugurado a 25 de Novembro de 1928, torna-se o núcleo orientador de uma rede de dispensários espalhados pelo concelho. Foi ainda pioneiro na aplicação da *Bacillus Calmette-Guérin* (BCG). Passados apenas dois anos da inauguração, os números já justificam a sua abertura pois existiam 1.523 doentes inscritos, tinham sido feitos 1.142 exames radiológicos e entregues 12.572 fórmulas medicamentosas. Os cuidados eram prestados de modo gratuito.

Para que o combate à tuberculose fosse mais eficaz era necessária a existência de estruturas que suportassem essa batalha. Surge, assim, a necessidade de criar Sanatórios. Ao todo, Bissaya Barreto viria a abrir três. O primeiro foi o Hospital Sanatório Feminino, situado no antigo Asilo de Cegos e Aleijados, em Celas, inaugurado oficialmente a 14 de Setembro de 1932. Teria capacidade para 100 leitos e admitia mulheres e crianças. Junto a este Sanatório obtêm-se a 3 de Março de 1953 os terrenos para a edificação de um Posto de Vacinação Anti Tuberculoso.

O Sanatório Masculino foi o segundo e edificou-se na Quinta dos Vales, junto ao lugar dos Covões, da Colónia Portuguesa do Brasil, que na altura era uma Escola Profissional. Conhecida como Escola Pró-Pátria, recolhia órfãos de soldados mortos ou feridos na Primeira Guerra Mundial. Apesar de uma resistência inicial, foi cedida à Junta Geral do Distrito em 1928. Em Fevereiro do mesmo nomeia-se a Comissão responsável pelos trabalhos de adaptação, da qual também fazia parte Bissaya Barreto. A 6 de Julho de 1935 inaugura-se então o Hospital Sanatório da Colónia Portuguesa do Brasil. Este Sanatório teria capacidade para 300 doentes. O terceiro e último sanatório, um sanatório hélio-marítimo, seria construído na Figueira da Foz numa das parcelas do pinhal da Gala e pertenceria à Junta da Província da Beira Litoral.

No ano de 1937 a Junta Geral do Distrito passa a Junta da Província da Beira Litoral. Como é perceptível pelo nome da nova Junta, esta passou a abranger toda a extensão designada, Província da Beira Litoral (distrito de Coimbra, Aveiro, Leiria e Santarém, que abarcam grande parte da zona centro do país). Aquando do alargamento, Bissaya Barreto manifestou a sua opinião, confessando “(...) *que era seu desejo estender a ação social desta Junta quanto possível a Leiria e Aveiro, fundando creches, lactários, jardins, etc. Enfim, uma Obra de Proteção à Grávida e Defesa da Criança à semelhança do que tinha feito em Coimbra.*”³⁶

Sob a alçada da Junta da Província da Beira Litoral e logo no seu primeiro ano de existência, é aberta uma Escola Normal Social de Coimbra pela Congregação “Franciscanas Missionárias de Maria”, à qual pertencia Constance Davon, formada pela Escola de Puericultura da Faculdade de Medicina de Paris e nomeada diretora da Obra de Proteção à Grávida e à Criança, que tinha vindo de França propositadamente para abrir o Ninho dos Pequenitos.

O Curso de Puericultura e Formação Social, aberto a 10 de Janeiro de 1937, tinha como principal objetivo a formação de raparigas para que estas pudessem ajudar como voluntárias. Frequentando o curso especial, poderiam ainda tornar-se assistentes sociais e enfermeiras puericultoras visitadoras de infância, chegando grande parte delas a trabalhar nas Casas da Criança. Este era “(...) *o único centro de ensino do País onde se formavam estas profissionais.*”³⁷ Constance Davon vai encarregar-se da direção da Escola Normal Social durante 19 anos, até 1958, ano da criação da FBB.

Quanto às Casas da Criança, Bissaya Barreto irá dinamizar 24 entre os anos de 1936 e 1970. Para a existência de tal número de Casas da Criança foi certamente indispensável a intervenção da Junta da Província da Beira Litoral e outros subsídios estatais, bem como legados de beneméritos privados e apoios de grupos e comissões locais. Nestas podia-se usufruir de apoios como consultas, sob a direção de um pediatra; creches para crianças dos

³⁶ Apud FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya-Barreto: Um homem de causas, fotobiografia**, p. 74.

³⁷ SOUSA, Jorge Pais de – **Bissaya Barreto: ordem e progresso**, p. 15.

zero aos três anos de idade e um parque infantil desde os três anos até aos sete, orientados por puericultoras ou assistentes sociais. Na verdade, Bissaya Barreto havia tomado a decisão de construir uma rede de Casas da Criança em todo o território coberto pela Junta da Província da Beira Litoral. O objetivo seria uma por unidade de concelho.

A primeira a ser inaugurada foi a Casa da Criança de Estarreja, a 18 de Dezembro de 1938. Mas aquela que mereceu maior destaque é não outra que a Casa da Criança de Santa Clara, em Coimbra, que se encontra situada dentro do Portugal dos Pequenitos. De facto, esta era inicialmente designada por Casa da Criança Rainha Santa Isabel, nomeação simbólica uma vez que D. Isabel de Aragão é a “Padroeira de Coimbra” e fundadora de uma casa de assistência a crianças. O parque anexo à Casa da Criança de Santa Clara foi inaugurado em Junho de 1940, o mesmo da Exposição do Mundo Português realizada em Lisboa. O Portugal dos Pequenitos foi uma ideia de Bissaya Barreto, projetada pelo arquiteto Cassiano Branco e teve três fases de construção, as quais analisaremos no capítulo seguinte desta dissertação.

Em 1947 a Junta da Província da Beira Litoral é desafiada a construir uma Colónia Balnear Infantil na Figueira da Foz que tivesse capacidade para 500 crianças. Rapidamente o desafio foi aceite e inicia-se a construção num terreno cedido pelos Serviços Florestais. Cerca de dois anos mais tarde a colónia abre as portas a 300 crianças sendo inaugurada a 24 de Setembro de 1950.

Uma das realizações mais emblemáticas de Bissaya Barreto enquanto Presidente da Junta da Província da Beira Litoral é o Complexo Materno-Infantil da Quinta da Rainha em Celas, Coimbra. Este complexo resultou da ampliação do âmbito de intervenção do Instituto Maternal. Aquando da sua inauguração, Bissaya Barreto deu a conhecer algumas das ideias que tinha para o Instituto e da necessidade de lhe estar anexo um Instituto de Puericultura e o Ninho dos Pequenitos. Apenas terá sido possível deter os terrenos na Quinta da Rainha através da permuta com outros situados junto à Praça da República, para a instalação da Associação Académica de Coimbra (AAC). Assim, em Outubro de 1946, a Direção-Geral de Fazenda Pública cede à Junta da Província da Beira Litoral, a título definitivo, a Quinta da

Rainha, ficando a AAC com espaço para uma sede e, em anexo, para o Teatro Académico de Gil Vicente.

O Instituto Maternal proposto por Bissaya Barreto virá a ser inaugurado a 28 de Abril de 1963, quase 20 anos depois da apresentação do plano geral e sob a alçada da nova Junta, a Junta Distrital de Coimbra. Desta forma virá a ser classificado como o primeiro Centro de Estudos de Puericultura em Portugal. Este complexo, no seu todo, era constituído pela Maternidade Bissaya Barreto, pelo edifício de Consultas Externas, pelo Ninho dos Pequenitos, pela Creche D. Maria do Resgate Salazar, pelo Parque Infantil Doutor Oliveira Salazar, pela Escola de Enfermeiras-Parteiras, pelo Lactário, por sala de conferências, salas da administração, lavandaria, rouparia, cozinha, caldeiras e jardins. No ano seguinte à sua inauguração passaria a designar-se Centro de Saúde e Assistência Materno-Infantil Dr. Bissaya Barreto, denominação que posteriormente seria alterada para Obra de Assistência Materno-Infantil Dr. Bissaya Barreto para não se confundir com os Centros de Saúde que então começavam a ser criados.

No vasto número de instituições fundadas com o cunho de Bissaya Barreto, devemos também mencionar a Casa da Mãe e as Casas de Educação e Trabalho. A primeira, situada na Figueira da Foz, nasce no Verão de 1944 e é inaugurada em Outubro de 1947. Durante 16 anos vai funcionar como extensão da Delegação da Zona Centro do Instituto Maternal. No entanto, aquando da criação do Centro de Assistência Materno-Infantil a Casa da Mãe passa a depender do Instituto Maternal, em Lisboa, e ser-lhe-á conferida autonomia no ano de 1967. As Casas da Mãe são estabelecimentos vocacionados para a formação de jovens do sexo feminino onde eram ensinadas várias artes existindo em Sever do Vouga, Monte Redondo, Cantanhede e Travanca de Lagos.

No âmbito da luta anti tuberculosa, Bissaya Barreto promoveu a abertura de um Preventório, o Preventório de Penacova, que funcionou no edifício do antigo Hospital da Misericórdia. Aí eram recebidas crianças oriundas de famílias infetadas mas que ainda não se encontravam contaminadas. Existiu também com dupla função, desde 1953, o Preventório/Colónia de Férias em Macieira de Cambra, concelho do Vale de Cambra, nas

antigas instalações dos Paços do Concelho, denominado o Preventório do Ar Alto ou Colónia da Montanha. Este, ao contrário do primeiro, recebia crianças já infetadas.

Em paralelo com este projeto, Bissaya Barreto estava ainda a preparar a criação da Colónia de Meia Altitude. Em 1952 a Junta da Província da Beira Litoral recebe do Ministério das Finanças a cedência do antigo Convento do Desagravo em Vila Pouca da Beira, Oliveira do Hospital. Dois anos mais tarde iniciam-se as obras de adaptação e o antigo Convento torna-se num estabelecimento preparado para receber 500 crianças. Finalmente, a 11 de Junho de 1955 é inaugurada a Colónia de Férias de Meia Altitude Ar e Sol.

Bissaya Barreto impulsionou igualmente a criação da Leprosaria Nacional Rovisco Pais, que se viria a tornar o maior complexo da luta antileprosa no país. Tal conjunto situa-se na Quinta da Fonte Quente, junto à Tocha, local escolhido devido à pertinência das condições climáticas e geográficas. Aquando da inauguração, a 7 de Setembro de 1947, o complexo estava equipado com instalações para receber os doentes em vários estágios da doença. O Hospital tinha capacidade para 74 leprosos, os dois Asilos para 90, seis casas de trabalhadores para 150 leprosos e cinco núcleos familiares com 17 casas. Além disto, tendo Bissaya Barreto a noção que os filhos dos leprosos não nascem infetados pela doença, ergueu-se, fora do perímetro da Leprosaria, um Preventório para as crianças não contagiadas. Criou-se, ainda, o Centro de Reabilitação de Espariz, que ajudava os doentes que haviam completado o tratamento a regressar à “vida social normal.” No ano de 1966 o Hospital Rovisco Pais é desativado e dá lugar ao Centro de Medicina de Reabilitação da Região Centro.

No campo da Assistência Psiquiátrica, Bissaya Barreto integrou as equipas responsáveis pela construção de dois hospitais. O primeiro, o Hospital Psiquiátrico Sobral Cid, situado perto de Coimbra, na Quinta da Conraria foi inaugurado a 26 de Maio de 1946. Ainda no início desse mesmo ano havia também sido aberto o Dispensário de Higiene e Profilaxia Mentais, na Avenida Sá da Bandeira, que tinha como propósito complementar a ação do primeiro. Quanto ao segundo, o Hospital do Lorvão, foi implantado nas instalações

do antigo Mosteiro do Lorvão e, depois de vários avanços e recuos, é integrado no Ministério da Saúde.

Na luta anti sezónica e anti venérea, Bissaya Barreto esteve ligado à criação de dois Dispensários, vocacionados para a luta das doenças venéreas, especialmente a sífilis e a blenorragia. Em 1937 seriam inauguradas as duas entidades, uma na Alta instalada no edifício da AAC, Sala da Filantrópica e o outro na Baixa (Terreiro da Erva, Coimbra).

Em 1961 a Junta da Província da Beira Litoral passa a Junta Distrital de Coimbra, diminuindo de novo o campo de atuação. No entanto, Bissaya Barreto continua a campanha de assistência social e, em 1970, sucede ao Sanatório de Celas o Hospital Geral da Colónia Portuguesa do Brasil, apenas inaugurado em 1973, que recebe todos os direitos e obrigações do anterior. No seio deste Hospital nasce, também, a Escola de Enfermagem Bissaya Barreto. No ano de 1971 cria-se o Centro Hospitalar de Coimbra, que agrega o dito Hospital Geral da Colónia Portuguesa do Brasil, a Obra de Assistência Materno-Infantil, o Hospital Pediátrico de Celas, o Hospital Ortopédico e de Recuperação e o Centro de Neurocirurgia de Coimbra.

Tal como acontecia com o Hospital Geral da Colónia Portuguesa do Brasil, também o Hospital Pediátrico tinha lugar no antigo Sanatório de Celas, porém este apenas entra em funcionamento no ano de 1977. O Centro de Neurocirurgia é aprovado pelo Ministro da Saúde a 25 de Maio de 1961 e é criado oficialmente a 16 de Outubro de 1964 instalando-se, provisoriamente, num dos pavilhões do Hospital Psiquiátrico Sobral Cid. Bissaya Barreto esteve ainda envolvido na criação do Instituto de Surdos-Mudos, edificado na Quinta de S. José, próxima de Bencanta. As obras tiveram início em 1959 e foi inaugurado a 14 de Janeiro de 1965, embora tivesse iniciado a sua atividade no ano anterior, tendo já formado 64 alunos. Maioritariamente os alunos deste Instituto eram provenientes de famílias com carências económicas.

O Centro de Recuperação Hélio-Marítimo, na Figueira da Foz, é adaptado para receber o Centro de Traumatologia, Ortopedia e Recuperação da Gala. O centro daria apoio aos traumatizados dos distritos de Coimbra, Leiria, Viseu, Guarda e Aveiro. No entanto,

Bissaya Barreto nunca chegará a ver funcionar este Centro pois, por decisão governamental pós 25 de Abril, a unidade é transformada em Hospital Distrital da Figueira da Foz.

Outro dos âmbitos em que Bissaya Barreto tomou parte, ainda que de forma embrionária foi a luta contra o cancro. Seguindo a sugestão do Instituto Português de Oncologia de Lisboa, que reconhecia necessidade de se criarem centros regionais, Bissaya Barreto começou a tomar medidas neste sentido. A Junta da Província da Beira Litoral chegou a angariar verbas para a aquisição dos terrenos necessários à edificação. No entanto, o Centro de Luta contra o Cancro, a integrar no Instituto de Oncologia, não chegou a ser construído. Os terrenos seriam mais tarde utilizados para o Posto de Vacinação Anti Tuberculose.

Em termos quantitativos o trabalho levado a cabo por Bissaya Barreto enquanto Presidente das Juntas poderia ser resumido da seguinte forma: vinte e cinco Casas da Criança, quatro Casas de Educação e Trabalho, quatro Maternidades, o Portugal dos Pequenitos, uma Escola Profissional, três Colónias de Férias, um Preventório, quatro Hospitais, três Sanatórios, uma Escola Superior, um Complexo Materno-Infantil, um Centro Hospitalar, vários Dispensários, dois Institutos, um Centro de Neurocirurgia e, finalmente, uma Fundação.³⁸

Como já havíamos referido no capítulo anterior desta dissertação, a FBB é criada a 26 de Novembro de 1958, com Bissaya Barreto ainda vivo. De facto, a ideia de criar uma fundação de assistência social não procede diretamente de Bissaya Barreto mas sim de um grupo dos amigos mais próximos. Entre eles encontrava-se o Engenheiro Horácio de Moura que, mais tarde, virá a ser um dos fundadores desta mesma fundação. Segundo este, o projeto terá surgido após uma conversa informal com Bissaya Barreto, em que este lhe falava do receio de que a sua obra terminasse com a sua morte, afirmando mesmo, de acordo com

³⁸ FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya-Barreto: Um homem de causas, fotobiografia**, p. 111.

testemunho de Horácio de Moura, que “*os meus numerosos inimigos não serão capazes de me vencer em vida, mas hão-de tentar fazê-lo depois da minha morte, destruindo o que temos feito.*”³⁹

No entanto, em nossa opinião, e depois de analisarmos as datas de criação da FBB (1958) e de transformação da Junta da Província da Beira Litoral na Junta Distrital de Coimbra (1961), acreditamos que estes receios de Bissaya Barreto estavam também ligados ao facto de ele saber de antemão que o campo de atuação da Junta a que presidia seria diminuído e que, conseqüentemente, as instituições de assistência que havia promovido e criado ficariam à mercê de outrem, correndo o risco de serem integradas em instituições de âmbito nacional, negligenciadas ou até encerradas.

Independentemente das causas, após se dar conta da preocupação de Bissaya Barreto, Horácio de Moura tem então a ideia de criar uma fundação que fosse capaz de dar continuidade, *post mortem*, ao trabalho já realizado à escala local e regional. Ainda sem o conhecimento do Professor, Horácio Moura procura um jurista que o ajude nas questões legais e burocráticas e encontra-se com o Dr. Lino Cardoso, também amigo de Bissaya Barreto e igualmente futuro cofundador da fundação. Juntos procuram o que seria necessário para a constituição de uma fundação que pudesse englobar e gerir todas as instituições ligadas à atividade de Bissaya Barreto.

Só mais tarde e com um delineamento já concebido apresentam a ideia a Bissaya Barreto que, segundo Horácio de Moura, pela sua reação já havia desconfiado dos planos dos amigos e ficou grato por partilharem da mesma preocupação. Depois de analisar o esboço de Estatutos e de fazer algumas alterações, a ideia de criar uma fundação particular de utilidade pública com fins assistenciais segue em frente e, em Novembro de 1958, nasce a FBB. Os Estatutos da mesma são aprovados no *Diário do Governo*, nº 277, IIIª Série, de 26 de Novembro de 1958. A criação da fundação proporcionava, assim, a “*(...) continuidade para não se extinguir, antes continuidade para se expandir [a obra de Bissaya Barreto].*”⁴⁰ A criação desta fundação e a conseqüente transferência de bens públicos para a esfera privada da FBB,

³⁹ MOURA, Horácio – **A Fundação Bissaya Barreto**, p. 18.

⁴⁰ NAMORA, Viriato – **Bissaya Barreto: O homem e a obra**, p. 21.

aprovada pelo Estado, apenas é possível porque o “*Estado Novo no campo da previdência social tinha intenção de se dissociar quer da perspectiva presente na proposta da 1ª República, quer das experiências de welfare state que noutros países então se iniciam. Procurando evitar aquilo que considerava defeitos do intervencionismo estatal excessivo (...)*”⁴¹

Segundo os Estatutos, “*a Fundação Bissaya Barreto é uma Fundação de solidariedade social, criada por iniciativa dum grupo de amigos e admiradores do Professor Doutor Bissaya Barreto com sede na Av. Sá da Bandeira, nº 83-1º, em Coimbra, e destinada a continuar a obra criada e mantida durante mais de meio século pelo Professor Doutor Bissaya Barreto, quer como cidadão, quer como criador e orientador de organismos assistenciais. Como justa homenagem e devida gratidão às altas qualidades e serviços prestados à sociedade no vastíssimo campo da sua atividade, os fundadores adotaram para a Fundação o nome daquele eminente Professor-Médico-Cirurgião.*”⁴²

Tal como estava previsto nos Estatutos, o primeiro Presidente desta Fundação, a título vitalício, seria justamente o seu patrono, o Professor Bissaya Barreto. Existiam, ainda, três cofundadores: o Eng.º Horácio de Moura, o Dr. Lino Cardoso e o Dr. José Santos Bessa. As principais funções da Fundação seriam nas áreas da assistência materno-infantil, assistência educativa (que incluía a construção e direção de jardins e escolas infantis e profissionais) e assistência na doença.

No ano seguinte à criação da FBB o próprio Bissaya Barreto propôs, ao Governo do Estado Novo que realizasse a transferência de alguns dos estabelecimentos que estavam a cargo da Junta da Província da Beira Litoral para a dita Fundação leia-se, a este propósito, a ata da Junta da Província da Beira Litoral na sessão de 31 de Dezembro de 1959: “*Pelo Sr. Presidente foi apresentada a seguinte proposta: convindo garantir a continuidade do funcionamento dos Estabelecimentos de Assistência presentemente pertencentes a esta Junta de Província, proponho que sejam desanexados e transferidos, com efeitos imediatos, para a Fundação Bissaya Barreto os seguintes: Colónia Balnear «Dr. Oliveira Salazar», da Gala; Colónia de Férias «Ar e Sol», de Vila Pouca da Beira;*

⁴¹ CARDOSO, José Luís; ROCHA, Maria Manuela – **Corporativismo e Estado-Providência (1933-1962)**, p. 132.

⁴² FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Estatutos**, p. [1].

*Preventório «Ar Alto», de Macieira de Cambra e as Casas da Criança de Castanheira de Pêra e do Luso; Portugal dos Pequenitos e Casa da Criança «Rainha Santa Isabel» de Santa Clara; Casa da Criança de Pedrógão Grande; Casa da Criança de Arganil e Casa da Criança de Coja. Submetida esta proposta à votação, foi aprovada por unanimidade.*²⁴³ Assim, no *Diário do Governo*, nº 298, IIª Série, de 23 de Dezembro de 1959, todas as instituições acima enumeradas passaram a estar sob a alçada da FBB.

Ainda em vida, Bissaya Barreto conseguiu negociar doações significativas para a fundação. Referem-se os esforços de Luís Pereira da Costa (Herança de Monte Redondo) e do seu próprio património. De facto, com o falecimento de Bissaya Barreto a 16 de Setembro de 1974, a FBB torna-se na herdeira universal nos termos estabelecidos no testamento.

No entanto, ainda com o país em ambiente de forte mobilização política após a Revolução de 25 de Abril a FBB é privada de vários bens, que voltam a ser geridos pelo Estado. Enfrenta, também, problemas decorrentes de cortes nos apoios privados. A nova conjuntura político-social diverge claramente daquela que materializara a criação da fundação. A partir dos inícios dos anos 90 a FBB volta a consolidar-se e sofre algumas mudanças. A própria sede é transferida, no ano de 1992, da Av. Sá da Bandeira (Coimbra) para a Quinta dos Plátanos (Bencanta, Coimbra). Presentemente, a FBB atua nas áreas da cultura e do património cultural, da investigação e da educação/da formação, do lazer e dos tempos livres.

No âmbito cultural estão integradas na FBB o Portugal dos Pequenitos, transferido para a alçada desta a 23 de Dezembro de 1959; a Casa Museu Bissaya Barreto, aberta ao público desde 1986 (edifício, obras de arte, biblioteca e CDB).

Da área educacional fazem parte cinco de um total de vinte cinco Casas da Criança criadas por Bissaya Barreto: a Casa da Criança de Santa Clara, em Coimbra; a Casa da Criança Rainha D. Leonor, em Castanheira de Pêra; a Casa da Criança Maria Resgate Salazar, no Luso; a Casa da Criança Joaquina Barreto Rosa, em Arganil; a Casa da Criança Maria

⁴³ Atas da Junta da Província da Beira Litoral – Sessão 31-07-1959, fl. 99 v.

Natividade Filipe, em Coja. Outras cinco estruturas foram posteriormente criadas a Casa da Criança Maria Rita do Patrocínio Costa, em Monte Redondo; a Casa da Criança S. Julião, na Figueira da Foz; a Casa da Criança Maria Leonor Anjos Diniz, em Carapinheira do Campo; a Casa da Criança Maria Granado, em Bencanta. Existem, ainda, a Biblioteca/Ludoteca Itinerante, criada em 1999; o Colégio Bissaya Barreto – Escola Inclusiva e o Instituto Superior Bissaya Barreto. Na área de investigação, a Fundação promove o Centro de Investigação Obesidade *Online*, o qual tem como principal objetivo desenvolver atividades no campo da investigação científica, intercâmbio, informação e difusão da problemática da obesidade infantil. Foi criado no seio do Instituto Superior Bissaya Barreto em Janeiro de 2007.

A cargo da fundação está, também, o Centro de Estudos e Formação, criado em 1997, que se dirige, principalmente, a serviços da Administração Pública e a Instituições Particulares de Solidariedade Social como a própria FBB. Este está sediado no Campus do Conhecimento e da Cidadania, onde também estão localizados o Auditório Bissaya Barreto inaugurado a 26 de Novembro de 2004 e o Centro Ferrer Correia (em homenagem ao homem que havia sido Presidente da Unidade Científica do Curso de Direito do Instituto Superior Bissaya Barreto e Presidente do Grande Conselho da Fundação).

Finalmente, quanto à salvaguarda de património cultural, para além do Portugal dos Pequenitos e da Casa Museu já supraditos, a FBB que, também, tem a Quinta dos Plátanos, atual sede da fundação; encontra-se o Convento do Desagravo, que transitou para a fundação em 1959 e foi adaptada, em Julho de 2000, a unidade hoteleira; a Quinta da Zombaria, adquirida por Bissaya Barreto a 29 de Dezembro de 1941 e o Edifício do Largo da Sé, antiga sede da Administração do Conselho de Leiria (ligado ao percurso biográfico de Eça de Queirós).

Resumimos, assim, uma das vertentes da atividade de Bissaya Barreto. Da sua fundação e daquilo que ela representa, Bissaya Barreto afirmou: “*Realizada esta obra, o número*

de existências que há-de salvar, o número de lágrimas que há-de enxugar, dar-me-á uma grande tranquilidade de consciência e permitir-me-á dizer: Cumpri o meu dever na vida.”⁴⁴

⁴⁴ Apud NAMORA, Viriato – **Bissaya Barreto: O homem e a obra**, p. 23.

3. HISTÓRIA E GESTÃO DO PORTUGAL DOS PEQUENITOS

3.1. ANTECEDENTES

O Portugal dos Pequenitos, como atualmente o conhecemos, é uma obra concretizada através do tempo e do amadurecimento de uma ideia que, na sua origem, seria deveras distinta. No início, o Portugal dos Pequenitos nasce como um pensamento de um jardim/parque infantil para a Casa da Criança Rainha Santa Isabel, uma das muitas criadas por Bissaya Barreto durante a presidência da Junta da Província da Beira Litoral. *“Nasceu o Portugal dos Pequenitos da ideia da utilização de um terreno em Santa Clara que se destinava a um jardim, igual ou semelhante aos existentes e anexos às instalações denominadas Casas da Criança, construídas durante anos pela Junta da Província em várias vilas e cidades da Beira Litoral.”*⁴⁵ Porém, é concebido por Bissaya Barreto visando recriar a Exposição do Mundo Português de 1940.

É a 27 de Março de 1938 que o líder do Governo, António de Oliveira Salazar, anuncia, em nota oficiosa, a realização das comemorações, em 1940, do duplo centenário da independência (1140) e da restauração (1640): *“(...) dar ao povo português um tónico de alegria e confiança em si próprio, através da evocação de oito séculos da sua História, que foram simultaneamente oito séculos da evocação da História do Mundo.”*⁴⁶

Esta celebração seria o maior evento político-social em Portugal e teria por objetivo afirmar a “grandeza da pátria”, demonstrar *“(...) que éramos gente quando a maior parte das nações*

⁴⁵ ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. FUNDO DE CASSIANO BRANCO – Considerações gerais, p. 1.

⁴⁶ Apud MACHADO, Roberto Gonçalves Brazão – **Coimbra no mapa do regime em dois edifícios representativos: a consolidação - Portugal dos Pequenitos: a arquitectura das ditaduras cidade universitária de Coimbra: Portugal é Lisboa e o resto... é Estado Novo**, p. 22.

européias não existiam.”⁴⁷ A Exposição viria a ter uma duração de 6 meses (entre 2 de Junho e 2 de Dezembro) e a receber cerca de três milhões de visitantes. Esta decorre enquanto o resto da Europa se encontra emergida em plena Segunda Guerra Mundial.

Já previamente à comunicação se haviam tomado algumas medidas no sentido da restauração monumental do país mas foi a partir do seu anúncio que as preparações se tornam mais evidentes. Uma das mais importantes providências e, talvez, das mais polémicas, foram as restaurações levadas a cabo em monumentos, cerca de 15.000 contos para 180 intervenções⁴⁸, que foram efetivadas por forma a traduzirem um carácter mais patriótico em detrimento do seu valor histórico. Efetuou-se assim uma “(...) *limpeza de acrescentos posteriores (...), uma «limpeza ideológica» destinada a fazer com que cada monumento parecesse, e logo fosse, testemunho de uma certa mensagem simbólica, a qual se deveria «ler» sem deturpações, de modo a que imediatamente se identificasse o período, o acontecimento ou a pessoa que urgia louvar.*”⁴⁹

Deste modo, a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) permitiu a longevidade de muitos monumentos nacionais mas, em outros alguns casos, também os terá submetido a restaurações dúbias, uma vez que muitos dos restauros levaram a “(...) *autênticas reinvenções mais ou menos imaginativas, ao sabor de interpretações que, frequentemente, nos soam duvidosas e questionáveis, quando não mesmo irónicas, uma vez que se afirmava que a «obra de salvação» se destinava a «dar autenticidade» ao monumento.*”⁵⁰ No entanto, é nosso dever referir que

⁴⁷ Apud DAMASCENO, Joana – **Museus para o povo português: a etnografia como elemento unificador do discurso museológico do Estado Novo**, p. 42.

⁴⁸ PORTUGAL. DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS – **Caminhos do Património**, p. 15.

⁴⁹ BRITES, Joana – **Uma nova memória para um Estado Novo: restauro de monumentos e ensino da História no Salazarismo**, p. 296.

⁵⁰ BRITES, Joana – **Uma nova memória para um Estado Novo: restauro de monumentos e ensino da História no Salazarismo**, p. 293.

apenas os monumentos considerados mais importantes ou aqueles com maior visão internacional tiveram o privilégio de receber esta “*maquilhagem de edifícios*.”⁵¹

Quanto à Exposição do Mundo Português *per se*, vários foram os responsáveis da sua edificação. Na arquitetura, encontramos como encarregado o arquiteto Cottinelli Telmo que assumiu o cargo de Arquiteto-Chefe. A Exposição seria composta por distintos pavilhões temáticos que aludiam à História de Portugal, à sua economia, cultura, religião e território ultramarino. Afinal o objetivo da grande Exposição seria, acima de tudo, “(...) *mostrar Portugal aos portugueses e ao estrangeiro*.”⁵² Existiu ainda um pavilhão, desenhado por Raul Lino, dedicado apenas ao Brasil, a única nação estrangeira convidada a participar do evento, que era apresentada como um sucesso colonial.⁵³

A Exposição do Mundo Português seria constituída então por quatro grandes partes. A primeira dedicada ao historicismo onde é recriada a Época Medieval com as respetivas influências românicas e góticas. A segunda parte retrata o colonialismo, onde se situa o já referido pavilhão do Brasil. A terceira parte relativa à fé católica. Finalmente, a quarta e última parte, é dedicada à vida e cultura popular portuguesa. Na Exposição existiu ainda uma recriação de uma aldeia portuguesa, em tamanho real, com pessoas reais, vestidas tipicamente a cantar, dançar e trabalhar. Era, em nosso entender, o Portugal dos Pequenitos para adultos, a “(...) *materializa[ção] [d]a imagem simbólica que se pretendia transmitir*.”⁵⁴

É exatamente no mesmo ano do anúncio de António de Oliveira Salazar que se iniciam, não só as preparações para a Exposição do Mundo Português, mas também os primeiros estudos para a criação do Portugal dos Pequenitos. Este Portugal em “*miniatura de*

⁵¹ ACCIAIUOLI, Margarida – **Os anos 40 em Portugal: o país, o regime e as artes, “restauração” e “celebração”**, p. 8.

⁵² Apud ALVES, Vera Marques – **“Camponeses estetas” no Estado Novo: arte popular e nação na política folclorista do Secretariado da Propaganda Nacional**, p. 65.

⁵³ MATOS, Patrícia Ferraz de – **As côres do Império: representações raciais no Império Colonial Português**, p. 210.

⁵⁴ MOURÃO, Teresa – **Aprender a ser português no Portugal dos Pequenitos**, p. 4.

*uma cidade maravilhosa*⁵⁵ teria exatamente os mesmos ideais que a grande exposição em Lisboa mas situar-se-ia em Coimbra. Seria destinada a crianças e, ao contrário da de Lisboa, teria um carácter permanente. “*A exposição dos pequenitos seria um paralelo da grande Exposição do Mundo Português, mas em tudo mais pequenita. Promovida por um poder mais pequenito, mais regional, realizada numa cidade mais pequenita, tudo seria pequenito e para pequenitos.*”⁵⁶

3.2. O ARQUITETO

Para a edificação do Portugal dos Pequenitos foi escolhido o arquiteto Cassiano Branco (ver anexo 5, pág. 112) apesar de “*a forma como o Doutor Bissaya Barreto descobriu Cassiano Branco permanecer desconhecida.*”⁵⁷ Contudo, no ano de 1937, Cassiano Branco iniciava os estudos para a construção do Grande Hotel do Luso (ver anexo 6, pág. 113). Este, mandado construir pelo seu proprietário, a Sociedade das Águas do Luso, da qual Bissaya Barreto era presidente, viria a ser inaugurado a 27 de Julho de 1940. Existe ainda a possibilidade de os dois se terem conhecido na Maçonaria⁵⁸, sociedade secreta da qual Bissaya Barreto fez parte na sua juventude e à que Cassiano Branco, assumidamente republicano, adere, em 1926, sob o cognome “Vitrúvio.” Não devemos também esquecer a ligação de ambos com Henrique Galvão, amigo pessoal tanto de Cassiano Branco como de Bissaya Barreto, sendo o tradutor, para português, da biografia do segundo. Também é sabido que Cassiano Branco tinha família em Coimbra⁵⁹, podendo o primeiro contacto entre os dois ter sido por intermédio da mesma.

⁵⁵ SOUSA, Jorge Pais de – **Bissaya Barreto: ordem e progresso**, p. 187.

⁵⁶ MOURÃO, Teresa – **Aprender a ser português no Portugal dos Pequenitos**, p. 20.

⁵⁷ JACOB, Cândido Adriano Ramos – **Os edifícios da Fundação Bissaya Barreto em Coimbra**, p. 19.

⁵⁸ MATOS, Patrícia Ferraz – **A História e os mitos: manifestações da ideologia colonial na construção do Portugal dos Pequenitos**, p.5.

⁵⁹ SILVA, Cristina Emília R. – **Portugal Pequeno**, p. 8.

Cassiano Viriato Branco, filho único de Cassiano José Branco, um pequeno industrial de Alcácer do Sal, e Maria de Assumpção Viriato, nasce a 13 de Agosto de 1897, em Lisboa. Mais tarde, em 1912, com apenas 15 anos de idade, matricula-se na Escola de Belas-Artes de Lisboa (onde frequenta as cadeiras de Desenho Linear Geométrico e Princípios de Perspetiva, Elementos de Desenho de Figura do Relevo e Desenho de Ornamento do Relevo). No entanto, após reprovar, duas vezes, a Desenho de Figura abandona a Escola de Belas-Artes e ingressa no Ensino Técnico-Industrial, altura em que estuda e, simultaneamente, trabalha com o pai numa fábrica de perfumes em Queluz.

No ano de 1919, já casado e com uma filha⁶⁰, viaja até Paris e Bruxelas e, depois de voltar a Portugal, acaba o Ensino Técnico-Industrial. Dois anos mais tarde, viaja para Amsterdão e recomeça o Curso de Arquitetura. É enquanto ainda frequenta este curso que Cassiano Branco, como já havíamos referido anteriormente, adere à Maçonaria. Em 1932, depois de ter viajado até Paris (pela segunda vez), Espanha e Inglaterra, Cassiano Branco termina por fim o Curso de Arquitetura. Alguns autores acreditam que estes “desvios” que Cassiano Branco sofreu na escola lhe permitiram retirar um pouco da formação clássica dando lugar à modernidade “estrangeira.”⁶¹ Ainda no de ano 1932, concorre a professor na Escola de Belas-Artes de Lisboa mas não é aceite, voltando a tentar em 1934. Após obter o mesmo resultado que na primeira tentativa desiste, permanentemente, de tentar exercer uma carreira no ensino de arquitetura.

3.3. ARQUITETURA MODERNA EM PORTUGAL

A primeira geração de arquitetos modernistas em Portugal são aqueles que tiveram a sua formação ao longo dos anos 20, tal como acontece com Cassiano Branco. Em verdade, é também durante os anos 20 e inícios de 30 que existe uma considerável produção de arquitetura modernista em Portugal. De facto, é apenas a partir de 1933, com a criação do

⁶⁰ Cassiano Branco casa com Maria Elisa Soares Branco em 1917 e, no ano seguinte, nasce a sua primeira e única filha.

⁶¹ PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artifício 1897-1970**, p. 24.

Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI) a partir de 1945, que a arquitetura, bem como com as restantes artes, passam a ser controladas de forma mais sistemática pelo Estado. Consequentemente, o número de projetos modernistas vai ser ainda menor que nos anos anteriores. Na verdade, esta repressão da arquitetura modernista apenas fazia sentido “*no ambiente Salazarista de «Deus, Pátria e Família», a arquitetura doméstica não podia ser encarada de uma forma moderna. Pelo contrário, ela deveria espelhar os valores do nacionalismo e das tradições vigentes nas mentalidades e no discurso oficial.*”⁶²

Esta necessidade de controlar a atividade humana, onde estão incluídas, obviamente, as artes, é uma característica dos regimes ditatoriais e fascistas, embora não seja exclusiva destes. A arquitetura é a mais facilmente manipulada pelo Estado, que pode intervir diretamente na sua produção. As principais características da arquitetura fascista são a monumentalidade em edifícios de carácter público, que expressam o poder do Estado (autoridade e ordem) e o tradicionalismo na habitação com a exaltação de valores nacionais e elementos da arquitetura regional.⁶³ No entanto, em Portugal estas características não são prova de um fascismo mas antes “*(...) do seu carácter totalitário e repressivo e também estreitamente nacionalista (...).*”⁶⁴

Podem salientar-se três teorias para explicar por que motivos arquitetos modernos projetaram equipamentos para o regime, de acordo com as orientações estéticas do mesmo. Uma primeira leitura sugere que o Estado terá imposto este tipo de arquitetura através do controlo técnico e financeiro do processo de realização de obras públicas, que aliás sofreram um aumento de 1932 a 1937, oferecendo assim trabalho aos arquitetos que não queriam

⁶² MACHADO, Roberto Gonçalves Brazão – **Coimbra no mapa do regime em dois edifícios representativos: a consolidação - Portugal dos Pequenitos: a arquitectura das ditaduras cidade universitária de Coimbra: Portugal é Lisboa e o resto... é Estado Novo**, p. 45.

⁶³ ACTAS DO COLÓQUIO SOBRE OS FASCISMO EM PORTUGAL – **O Fascismo em Portugal**, p. 532.

⁶⁴ ACTAS DO COLÓQUIO SOBRE OS FASCISMO EM PORTUGAL – **O Fascismo em Portugal**, p. 534.

arriscar-se a perdê-lo.⁶⁵ A segunda interpretação propõe que os próprios arquitetos se tenham submetido à linguagem arquitetónica perfilhada pelo regime de forma voluntária, quer porque com ele se identificaram, quer devido à parca informação disponível sobre a arquitetura praticada no exterior. Assim, “(...) o que parece óbvio ter acontecido (...) foi um processo de «interiorização estética» levada a cabo nas práticas dos e pelos próprios autores (...).”⁶⁶

Por último as investigações recentes sublinham que “(...) a encomenda oficial durante o Estado Novo não raras vezes escolhe, a dedo, arquitetos modernos, conhecidos como oposicionistas”⁶⁷ e, “se existia uma faixa de arquitetos mais velhos, com probabilidade, mais disponíveis para subscrever opções estéticas «tradicionalistas», a escolha dos recém-formados pode ser lida, também, como vontade consistente de materializar uma «arquitetura nova» controlada (...), uma modernidade que — sem deixar de o ser — se via como alternativa à postulada pelo Movimento Moderno.”⁶⁸

Em 1948, entre os meses de Maio e Junho, é organizado pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos (SNA), o I Congresso Nacional de Arquitetura com uma elevada participação dos profissionais.⁶⁹ Este, porém, não decorreu da “maneira que as esferas oficiais desejavam(...)”⁷⁰ e inicia-se uma certa contestação, sendo escolhida a frase de ordem: “nunca a imitação do passado.”⁷¹ Cottinelli Telmo, Arquiteto-Chefe da Exposição do Mundo Português e grande produtor de obras para o Estado, chegou mesmo a afirmar que “(...) com a arquitetura [não] se

⁶⁵ ACTAS DO COLÓQUIO SOBRE OS FASCISMO EM PORTUGAL – **O Fascismo em Portugal**, p. 536.

⁶⁶ Apud BRITES, Joana – **O capital da arquitectura (1929-1970)**, p. 238.

⁶⁷ BRITES, Joana – **O capital da arquitectura (1929-1970)**, p. 243.

⁶⁸ BRITES, Joana – **O capital da arquitectura (1929-1970)**, p. 356.

⁶⁹ Cassiano Branco foi um dos poucos arquitetos que não participou deste evento. No entanto, pensamos dever-se ao facto de, por altura da sua realização, estar ainda a efetuar estudos para os projetos da segunda fase do Portugal dos Pequenitos.

⁷⁰ FRANÇA, José-Augusto – **A arte em Portugal no século XX**, p. 434.

⁷¹ Apud Ó, Jorge Ramos do – **Os anos de Ferro: o dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949 ideologia, instituições, agentes e práticas**, p. 185.

*pudesse fazer política*⁷², uma visão bem diferente daquela que alguma vez teria admitido no passado. Assim, o I Congresso Nacional de Arquitetura foi um “*momento de viragem na reconquista da liberdade de expressão dos arquitetos.*”⁷³

Inicialmente, o Estado retalia a contestação das formas mais óbvias: retira projetos a determinados indivíduos, altera os projetos na hierarquia autoritária dos serviços públicos, entre outras estratégias. Mas, gradualmente, começa a ceder à “*(...) crescente resistência das novas gerações de arquitetos, que se generalizou rapidamente(...).*”⁷⁴

3.3.1. O CASO DE CASSIANO BRANCO

No caso concreto de Cassiano Branco, o seu percurso profissional foi algo particular e pouco conhecido já que, nem sempre, ele seguiu as tendências nacionais nas suas conceções. No campo das obras públicas, Cassiano Branco nunca se cansou de mostrar o seu interesse ou de apresentar as suas propostas apesar de os seus projetos raramente serem escolhidos por se tratar de “*(...) um independente de espírito.*”⁷⁵

Em 1929 faz uma proposta de alterações para o Coliseu dos Recreios. Mais tarde, em 1933, participa no concurso para um Monumento ao Infante D. Henrique (ver anexo 7, pág. 114). Em 1936 concorre para o Monumento aos Mortos da Primeira Guerra Mundial em Santa Comba Dão e, no ano seguinte, elabora um plano de uma estrada da Cidade de Cascais até à ponte de Santa Marta. No ano de 1938 participa no concurso “Reintegração do Rossio.” Apresenta um projeto para um hotel em Bragança no ano de 1944 e revela a sua projeção para uma Ponte sobre o Tejo em 1958. Projeta uma alteração para os Correios, Telégrafos e Telefones (CTT) de Coimbra em 1964 e no ano seguinte participa no concurso

⁷² Apud Ó, Jorge Ramos do – **Os anos de Ferro: o dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949 ideologia, instituições, agentes e práticas**, p. 185.

⁷³ Apud TOSTÕES, Ana – **Arquitectura moderna e obra global a partir de 1900**, p. 49.

⁷⁴ ACTAS DO COLÓQUIO SOBRE OS FASCISMO EM PORTUGAL – **O Fascismo em Portugal**, p. 539.

⁷⁵ FRANÇA, José-Augusto – **A arte em Portugal no século XX**, p. 323.

do Banco de Portugal em Évora. Elabora um projeto para os CTT em Portimão em 1969 e ao longo dos anos fez também vários projetos para urbanizações, pois Cassiano Branco sempre se afirmou como um defensor da classe média que considerava muitas vezes injustiçada e esquecida pelo Estado.⁷⁶

Apesar de a assinatura de Cassiano Branco estar pouco presente nos projetos de carácter público, várias foram as suas participações no sector privado, embora, nunca seguindo um padrão e sendo detentor de uma obra bastante incoerente, com várias entidades contratantes e muita diversidade. Logo em 1925, ainda sem o Curso de Arquitetura concluído, inicia o projeto do edifício da Câmara Municipal da Sertã que fica terminado em 1927, com a conclusão da obra em 1934. Dois anos mais tarde, em 1929, é contratado pelo proprietário do Éden Teatro para fazer algumas alterações. Porém, nos dois anos seguintes, além do projeto inicial (ver anexo 8, pág. 115), Cassiano Branco apresentará mais duas propostas modernistas, de completa remodelação do Éden (ver anexo 9, pág. 115; ver anexo 10, pág. 116). Enquanto realizava estudos para o desenho do teatro mantinha também uma pesquisa sobre as salas de cinema e o número de espectadores em Lisboa, demonstrando empenho nos projetos em que se envolvia.

É ainda no ano de 1930 que apresenta uma das suas mais famosas projeções que nunca chega a ser construída, a Cidade do Filme Português (ver anexo 11, pág. 117). Esta seria localizada em Cascais, com intenção de a tornar na Hollywood portuguesa. É sabido que Cassiano Branco era um grande admirador de cinema português e conhecia muitas das estrelas do cinema nacional da época, como é o caso da atriz Beatriz Costa.⁷⁷

Em 1934 dá início aos estudos para o Hotel Vitória (ver anexo 12, pág. 118) na Avenida da Liberdade em Lisboa, que viria a ser inaugurado a 1 de Julho de 1936. Esta, juntamente com o Éden Teatro, é considerada uma das mais emblemáticas e originais obras da arquitetura portuguesa, bem como, talvez, das mais conhecidas de Cassiano Branco em conjunto com o Portugal dos Pequenitos.

⁷⁶ PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artifício 1897-1970**, p. 111.

⁷⁷ PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artifício 1897-1970**, p. 31-32.

No ano imediatamente a seguir, iniciam-se os estudos para a projeção do já supramencionado Hotel do Luso. Este, apesar de se tratar de uma obra de carácter privado, não beneficiou de um projeto modernista. No entender de alguns autores, isto deve-se ao facto de se estar a transpor a tendência tradicionalista do sector público ao sector privado. Todavia, em nossa opinião, poderá também ter algo a ver com o facto de Bissaya Barreto, presidente da Sociedade das Águas do Luso, proprietária do hotel, não ser apreciador de arquitetura moderna como, aliás, não tinha qualquer receio de admitir, “(...) a «construção moderna» era uma superfície plana, chata, chatíssima, com grandes buracos, com uma ornamentação bidimensional, uniforme em toda a extensão, apresentando fachadas viradas para a rua, como as «marquises» das casas antigas, viradas para o xagão!”⁷⁸ acrescentado ainda “não se sabe por onde se entra e onde se deva sair... Outrora, havia sempre um motivo central de decoração, que marcava a zona principal, e que dava categoria e beleza ao edifício. Hoje não há desenho, outrora chamado de figura, não há curvas..., parece que os arquitetos foram apanhados nas curvas, pela nova técnica!”⁷⁹ Independentemente, em 1938, são apresentados os primeiros planos para o Grande Hotel que viria a ser inaugurado em 1940.

Apesar de não ser possível definir uma data exata que marque o início dos estudos de Cassiano Branco para o Portugal dos Pequenitos, uma vez que existe alguma dissonância entre os autores, acreditamos que se tenha dado em inícios de 1938, ou pelo menos, é esse o ano mais distante que conseguimos encontrar nas plantas do Portugal dos Pequenitos assinadas por Cassiano Branco. Este arquiteto tem 40 anos quando principia este projeto e 65 quando o acaba, para Cassiano Branco “o trabalho do Portugal dos Pequenitos foi quase o trabalho de uma vida.”⁸⁰

⁷⁸ Apud BANDEIRINHA, José António – **Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa**, p. 34.

⁷⁹ Apud BANDEIRINHA, José António – **Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa**, p. 34-35.

⁸⁰ BANDEIRINHA, José António – **Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa**, p. 53.

De facto, o número de desenhos que realizava para uma só casa ou pavilhão é deveras extraordinário, tendo sempre mais de uma proposta que ia alterando à medida que aprofundava o seu estudo acerca dos mesmos. Pois, segundo Valentim de Azevedo, o canteiro a cargo das obras da segunda metade da construção do Portugal dos Pequenitos, Bissaya Barreto não se contentava com estilizar, queria o pormenor “(...) *como se do monumento original se tratasse*”⁸¹ e chegava mesmo a financiar viagens a Cassiano Branco para que ele pudesse ver o monumento original. Esta obra, dividida por três fases de construções, inicia-se em finais de 30 e termina em meados de 60. O Portugal dos Pequenitos é inaugurado a 8 de Junho de 1940 (ver anexo 13, pág. 119; ver anexo 14, pág. 120), quando somente a primeira fase estava concluída e apenas uns dias antes da inauguração da Exposição do Mundo Português em Lisboa, na qual Cassiano Branco teve uma participação “*menos que secundária*.”⁸²

Enquanto trabalhava no Portugal dos Pequenitos, Cassiano Branco mantinha, simultaneamente, outros projetos, como é o caso do Coliseu do Porto (ver anexo 15, pág. 121), no ano da Grande Exposição, mas que não iria terminar por discórdia sobre a qualidade dos materiais e técnica construtiva. Entre 1940 e 1942 existem ainda os projetos do Café Cristal e Cervejaria Portugália, este último viria a ser rejeitado. No ano de 1944 elabora um projeto para um Hotel em Bragança (ver anexo 16, pág. 122), que não chega a ser escolhido, muito inspirado nos desenhos do castelo da mesma cidade para o Portugal dos Pequenitos. De 1947 a 1948 realiza estudos e apresenta dois projetos para o Cinema Império, ambos recusados. Em 1958 torna-se Chefe da Propaganda da candidatura à presidência do General Humberto Delgado e desenha um painel de apoio à sua eleição, porém é detido pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) sendo emitida uma ordem de prisão que não chega a tomar efeito a pedido do próprio General e também de Bissaya Barreto.⁸³

⁸¹ BANDEIRINHA, José António – **Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa**, p. 57.

⁸² FRANÇA, José-Augusto – **A arte em Portugal no século XX**, p. 230.

⁸³ JACOB, Cândido Adriano Ramos – **Os Edifícios da Fundação Bissaya Barreto em Coimbra**, p. 19.

Finalmente, em 1961, terminam as projeções para o Portugal dos Pequenitos, que seria completamente finalizado alguns anos mais tarde. Cassiano Branco viria a falecer em 24 de Abril de 1970. O arquiteto atravessara o período “pré-modernista”, o “modernista” e o “português suave” e sofrera, juntamente com Raul Lino, Cristiano Silva e Keil do Amaral, o conflito de estilos “moderno vs. tradicional.”

Na opinião de vários autores Cassiano Branco foi um profissional exemplar da sua geração, o “(...) *mais inventivo, espetacular e cosmopolita modernista da sua geração*”⁸⁴, mas que, no final, terá sido “vencido” pelo Estado.⁸⁵ Apesar de muitos destes autores o considerarem como o mais importante arquiteto da primeira metade do século XX em Lisboa, também o condenam pela sua posterior opção de uma produção tradicionalista por oposição às suas obras de cariz modernista. Esta “mudança” de estilo é encarada, por estes autores, como que o manchar de um *curriculum*. No entanto, principalmente nos últimos anos, tem-se vindo a demonstrar como incorreta e redutora a ideia de “*cedências e traições*”⁸⁶ ao modernismo. Não é norma que um arquiteto deva ficar preso apenas a uma corrente artística e não possa produzir obras de cariz modernista e estilo tradicional, simultaneamente. Não é descabida a ideia de Cassiano Branco ter encerrado um gosto pessoal pelo tradicionalismo, servindo de exemplo a sua moradia particular⁸⁷, “(...) *que, para qualquer arquiteto, é uma espécie de confissão de convicções e, neste caso, [de Cassiano Branco] é constituída quase exclusivamente por um repertório de frases feitas do «português suave».*”⁸⁸

⁸⁴ TOSTÕES, Ana – **Arquitectura moderna e obra global a partir de 1900**, p. 36.

⁸⁵ FRANÇA, José-Augusto – **A arte em Portugal no século XX**, p. 232.

⁸⁶ Apud BRITES, Joana – **O capital da arquitectura (1929-1970)**, p. 238.

⁸⁷ A casa particular de Cassiano Branco, situada em Lisboa, desenhada pelo mesmo, foi construída em 1945 e possui um estilo tradicionalista.

⁸⁸ Apud SILVA, Cristina Emília R. – **Portugal Pequenino**, p. 10.

3.4. O PORTUGAL DOS PEQUENITOS

Como já havíamos referido no início deste capítulo, o Portugal dos Pequenitos começa por ser apenas uma ideia de Bissaya Barreto de um parque infantil para a Casa da Criança Rainha Santa Isabel. Esta ideia, com o tempo e graças às condições político-sociais da altura (entre elas a proximidade com a Exposição do Mundo Português em Lisboa), amadurece para algo muito maior.

Apesar de Bissaya Barreto ter pessoalmente escolhido Cassiano Branco para a concretização dos desenhos que viriam a materializar o Portugal dos Pequenitos, a verdade é que o contacto entre os dois quase nunca era direto⁸⁹, existindo, na maior parte das vezes, um intermediário. Ainda segundo testemunho de Valentim de Azevedo, Cassiano Branco por vezes deslocava-se a Coimbra para inspecionar o decorrer dos trabalhos e dava as suas indicações a este canteiro que depois as transmitia a Bissaya Barreto. Na verdade, a única coisa que conseguimos encontrar ao respeito foi, durante a pesquisa de plantas e desenhos do Portugal dos Pequenitos, uma pequena anotação de Cassiano Branco dirigida a Bissaya Barreto pedindo uma opinião para determinada ideia (ver anexo 17, pág. 123).

A Casa da Criança no Rossio de Santa Clara, que ainda hoje se encontra no ativo, batizada com o nome da Rainha Santa, foi a primeira construção no local, tendo sido feito o pedido para a edificação no respetivo terreno, pela Junta da Província da Beira Litoral, a 22 de Julho de 1937.⁹⁰ No ano seguinte, esta Casa da Criança, foi visitada pelo Presidente do Ministério, António de Oliveira Salazar.⁹¹ Ainda nesse mesmo ano, a Junta da Província da Beira Litoral elaborou outro pedido à Câmara Municipal de Coimbra para a cedência de mais 16 metros de terreno, em frente ao parque infantil já existente, “(..) *para a construção de casas típicas das províncias de Portugal.*”⁹² No ano da inauguração, a mesma Junta, volta a dirigir um

⁸⁹ Na verdade, não existe uma única carta de Cassiano Branco remetida a Bissaya Barreto.

⁹⁰ Atas da Junta da Província da Beira Litoral – Sessão 22-07-1937, fl. 32.

⁹¹ Atas da Junta da Província da Beira Litoral – Sessão 08-09-1938, fl. 27.

⁹² Atas da Junta da Província da Beira Litoral – Sessão 06-10-1938, fl. 105.

pedido de amplificação do Portugal dos Pequenitos, desta vez para a construção “(...) *da Casa de Coimbra e outras.*”⁹³

O Portugal dos Pequenitos totalmente terminado como hoje o conhecemos trata-se de “(...) *um quadrilátero com 13.000m², 230m no sentido longitudinal e afunila em direção ao Norte*”⁹⁴ (ver anexo 18, pág. 124), a zona da entrada principal. Todavia, para a estruturação do parque que encontramos atualmente em Coimbra, foram necessários quase 30 anos desde a sua conceção (1938) até aos últimos acabamentos (1962-63); construções que se dividiram por três fases.

3.4.1. AS TRÊS FASES DE CONSTRUÇÃO

Segundo a FBB a primeira fase, de 1938 a 1940, compreendia a construção do conjunto das casas regionais, bem como a o conjunto da Casa de Coimbra, as mais próximas da Casa da Criança Rainha Santa Isabel. A segunda fase, com uma duração de aproximadamente 10 anos, a partir de 40 até inícios de 50, era reservada para a edificação do designado Portugal Monumental, que reflete mistos de miniaturas dos principais monumentos nacionais das várias regiões do Norte ao Sul do país. Por último, a terceira fase, a partir dos anos 50, acrescenta a representação etnográfica e monumental dos países africanos de língua portuguesa e ainda Brasil, Índia, Macau e Timor, ou seja, as antigas colónias portuguesas no ultramar. Sendo os últimos acabamentos em meados de 60.

No entanto, segundo o livro *Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa* do arquiteto José António Oliveira Bandeirinha e através do testemunho de Valentim de Azevedo, canteiro do Portugal dos Pequenitos a partir da década de 50⁹⁵, homenageado no Portugal dos

⁹³ Atas da Junta da Província da Beira Litoral – Sessão 04-04-1940, fl. 194 v.

⁹⁴ BANDEIRINHA, José António – **Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa**, p. 63.

⁹⁵ BANDEIRINHA, José António – **Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa**, p. 60.

Pequenitos a 8 de Junho de 2000 (ver anexo 19, pág. 125), 60 anos após a sua inauguração; as três fases teriam ocorrido numa ordem distinta.

De acordo com este testemunho, aquando da inauguração do Portugal dos Pequenitos, a 8 de Junho de 1940, apenas estavam arquitetadas a secção das casas regionais, juntamente com a Ria de Aveiro, a Mina de Carvão do Cabo Mondego e a Casa da Lavoura com o seu jardim zoológico. Rematada com a estátua equestre de D. Afonso Henriques, o globo terrestre e a estátua do poeta Luís de Camões.

A segunda fase, porém decorrida no mesmo período de tempo referido pela FBB, de 1940 a inícios de 1950, encerra a construção da Casa de Coimbra, com um conjunto de elementos desta cidade; bem como os pavilhões das colónias de além-mar. Ora, esta percepção das fases torna-se autêntica, invalidando aquela proposta pela FBB, ao analisarmos, comparativamente, as plantas dos referidos pavilhões e dos conjuntos monumentais nacionais. Atentando às datas, as primeiras estão maioritariamente datadas na década de 50 e as segundas na década de 60 e, através da análise das atas da Junta da Província da Beira Litoral, podemos verificar que já desde 1944, esta Junta recebia doações de objetos destinados aos pavilhões das colónias ultramarinas.⁹⁶ Por fim, a terceira e última fase, é do período de 1950 a 1962-63, altura em que se dão os últimos acabamentos. Nesta fase ergueram-se então o pórtico de Santo António dos Olivais e o Portugal Monumental dando-se por concluído com a construção dos muros envolventes e do planisfério com as rotas marítimas portuguesas.

3.4.1.1. A PRIMEIRA FASE

O conjunto de casas regionais da primeira fase de construção, como é facilmente perceptível, é marcado por uma forte ruralidade laboral. De facto, “*cada morador das diversas casas é, por princípio, um trabalhador. Sua moradia, por vezes, enuncia a sua profissão, assim como espelha*

⁹⁶ Atas da Junta da Província da Beira Litoral — Sessão 31-03-1944; Sessão 31-07-1944, fl. 73; Sessão 30-09-1944, fl. 94; Sessão 15-01-1945, fl. 143 v.; Sessão 01-07-1946.

*a sua condição social.*⁹⁷ “O trabalho como valor mostra a visão do campo, do mar e do meio urbano”⁹⁸, é por essa razão que no Portugal dos Pequenitos “(...) tudo é verdadeiro (...) os moinhos moem, o farol funciona, as janelas abrem-se (...), os sinos da capela do mosteiro tangem cristalinamente, a nora pequenita da cerca tira água para regar; - e a um canto, junto a uma casa de lavoura, há capoeiras, redis, - com as galinhas anãs, os coelhos minúsculos, o gado miniatural de que as várias raças domésticas tenham espécies.”⁹⁹ Existem ainda a mina, o forno, a salina e os lagares. Neste parque existem ainda azulejos espalhados pelas diversas casas regionais com menções diretas ao trabalho: “*Trabalho pae da felicidade*”, “*Não morre de fome quem é trabalhador*” e “*Deus dá sempre a quem trabalha.*”

Arraigada na secção metropolitana está também a religião, outra das ideias preconizadas pelo Estado Novo presente no seu ideal de “Deus, Pátria e Família.” Esta é facilmente identificável através das representações, sempre em miniatura, de capelas e igrejas no interior das várias casas regionais. Estas casinhas, que agora se encontram totalmente vazias, já estiveram mobiladas e cheias de pormenores sempre de acordo com as regiões a que pertenciam. No entanto, foram alvo de vários roubos, que Bissaya Barreto não se cansava de lamentar – “*Olhe que chegam a roubar-me janelas inteiras! Da casa de Évora levaram-me as mantas regionais!*”¹⁰⁰

Ainda nesta primeira secção das casas regionais, existe a famosa estátua do primeiro rei de Portugal D. Afonso Henriques, conceção geral de Cassiano Branco com elaboração de Leopoldo de Almeida, propositadamente edificada para a inauguração do Portugal dos Pequenitos em 1940. Todavia, em 1949 já havia recebido várias intervenções devido a atos de

⁹⁷ PAULO, Heloísa – **Portugal dos Pequenitos: Uma obra ideológico-social de um professor de Coimbra**, p. 401.

⁹⁸ PAULO, Heloísa – **Portugal dos Pequenitos: Uma obra ideológico-social de um professor de Coimbra**, p. 402.

⁹⁹ MOURÃO, Teresa – **Aprender a ser português no Portugal dos Pequenitos**, p. 38.

¹⁰⁰ FREIRE, João Paulo – **Férias dum jornalista**, p. 92.

vandalismo, “*Veja aquele precioso monumento a D. Afonso Henriques, obra primorosa de Leopoldo de Almeida. Já por doze vezes me partiram a espada que ele empunha!*”¹⁰¹

Segundo alguns autores Cassiano Branco, para a construção da secção metropolitana e da aldeia dos pequenitos, terá feito citações quase diretas do repertório de Raul Lino. Por exemplo, o arquiteto José Bandeirinha afirma que “*(...) se Bissaya Barreto é o visionário da concretização e o dono da obra, e se Cassiano Branco a vem desenhar e a sistematizar por encomenda, é, na verdade, Raul Lino o seu ideólogo (...)*”¹⁰² Também outros autores partilham da mesma opinião, declarando que a “*consagração do estilo português na pessoa de Raul Lino, levada a efeito por Cassiano Branco e resultado das iniciativas de Bissaya Barreto*”¹⁰³, resulta na transferência da “*(...) obra de Raul Lino do papel para tijolo, cal, reboco e pedra*”¹⁰⁴, ou seja, toma a sua forma física, no Portugal dos Pequenitos.

Contudo, mais recentemente, muitos outros autores têm vindo a contrariar e contestar esta posição afirmando que Cassiano Branco teria “*a capacidade de produzir obras de cariz modernista e em «estilo tradicional português»*”¹⁰⁵ não necessitando imitar Raul Lino e pondo totalmente de lado a hipótese de o Portugal dos Pequenitos ter sido desenhado por Cassiano Branco em “*espírito de ironia.*”¹⁰⁶ Não devemos ainda esquecer que o próprio Cassiano Branco faz uma enorme pesquisa e recolha para a materialização do Portugal dos Pequenitos:

¹⁰¹ FREIRE, João Paulo – **Férias dum jornalista**, p. 92.

¹⁰² BANDEIRINHA, José António Oliveira – **Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40**, p. 58.

¹⁰³ MACHADO, Roberto Gonçalves Brazão – **Coimbra no mapa do regime em dois edifícios representativos: a consolidação - Portugal dos Pequenitos: a arquitectura das ditaduras cidade universitária de Coimbra: Portugal é Lisboa e o resto... é Estado Novo**, p. 49.

¹⁰⁴ BANDEIRINHA, José António Oliveira – **Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40**, p. 63.

¹⁰⁵ ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – **A arquitectura moderna**, p. 134.

¹⁰⁶ SILVA, Cristina Emília R. – **Portugal Pequenino**, p. 9.

manuais escolares, bibliografia especializada, notas de viagens, fotografias e fotomontagens, postais, etc. Esta documentação era tal que “(...) *excede em volume os próprios desenhos de arquitetura.*”¹⁰⁷

3.4.1.2. A SEGUNDA FASE

Na segunda fase de construção encontramos dois elementos: a Casa de Coimbra e o Portugal Ultramarino. O primeiro nada mais é do que “(...) *Coimbra em miniatura, com seus arcos, torres e palácios, com suas igrejas, museus e Universidade, tudo engenhosamente reunido, tudo artisticamente amalgamado num conjunto (...).*”¹⁰⁸ A entrada para a Casa de Coimbra, a partir do Portugal Monumental, faz-se atravessando a Arcada de S. António dos Olivais. Do seu lado esquerdo encontra-se a Porta de S. Tomás, representações parciais da Igreja de S. Tiago e do Convento de Celas; bem como o Arco de Almedina que faz a ligação com o largo da Casa de Coimbra e, do lado direito, o Mosteiro.

Uma vez dentro do largo da Casa de Coimbra, encontramos uma miscelânea de reproduções de frações de monumentos da cidade de Coimbra. Do lado Oeste encontramos o Palácio e Arco de Sub-Ripas, a Porta da Capela da Universidade e a Porta da Biblioteca Joanina. No lado Sul estão o Museu Machado de Castro e a Porta da Capela de S. António da Estrela. Do lado Este vemos a Cela de S. António, a Porta de S. Pedro, a Capela de S. Bartolomeu, a Porta Férrea e a Torre do Anto. Nas suas costas podemos encontrar a Porta Moçárabe, parte do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, o Botaréu da Couraça de Lisboa, a Casa do Licenciado e, por último, uma porção do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Finalmente, no lado Norte, está a Via Latina e a Torre da Universidade.

A Universidade em miniatura, tal como a verdadeira que retrata, alberga no seu interior a Sala dos Atos, tendo o visitante que percorrer *a priori* duas salas, que hoje se encontram vazias, e uma terceira *a posteriori* (também vazia), saindo de volta para o largo da

¹⁰⁷ NEVES, Helena; VALE, Isabel Horta e – **Jardim Portugal dos Pequenitos**, p. 11.

¹⁰⁸ JÚNIOR, Rocha – **Portugal dos Pequenitos (Casa de Coimbra)**, p. 5-6.

Casa de Coimbra pela porta da Biblioteca Joanina.¹⁰⁹ As duas primeiras salas, bem como a última, seriam primeiramente palco de várias exposições dedicadas à cidade de Coimbra (ver anexo 20, pág. 126) das quais hoje não resta resquício.

“Transpõe a porta de S. Pedro e [o visitante] encontra-se dentro de uma sala que designaremos por Sala “A”. Nesta sala (...) mostram-se os seguintes elementos da secção da Histórica: do período anterior à formação da Nacionalidade Portuguesa, do período da sua fundação, da Coimbra desde os seus primeiros tempos até aos nossos dias e tudo isto documentado em desenhos e modelos reproduzindo forais, outros documentos literários, religiosos e militares, armas e uma maquete demonstrativa (...). Segue-se a sala “B” que se destina a parte cultural, intelectual e artística da cidade. Nesta sala expõem-se fotografias, gravuras e desenho de obras de grandes figuras da nossa história, nascidos ou que viveram em Coimbra. Entremos na Sala “C”, que é a reprodução da sala dos Capelos da Universidade de Coimbra. (...) A Sala “D”, que se segue, destina-se a uma exposição etnográfica de Coimbra e seus arredores, composta de desenhos, fotografias, gravuras, modelos dos seus usos, transportes, indumentária, objetos de casa, doces, cerâmica, tecidos, calçado e ferro forjado, e a vida no rio Mondego, através dos séculos com os seus modelos de barcos e utensílios de pesca.”¹¹⁰

Ainda no sector da Casa de Coimbra, no Mosteiro, encontramos uma biblioteca e a respetiva sala de leitura, conectadas pela igreja, ambas com ligação aos claustros (ver anexo 21, pág. 127). A biblioteca que em tempos acolhia livros verdadeiros nas suas estantes¹¹¹, (*“há livros na deliciosa biblioteca do convento”¹¹²*) que podiam ser consultados pelos pequenitos, encontra-se hoje fechada podendo apenas ser observada através do vidro da porta do lado direito da igreja do mosteiro, a sala de leitura trata-se apenas um compartimento vazio.

¹⁰⁹ A entrada para estas salas é feita, presentemente, pela Porta Férrea, que se encontra no largo da Casa de Coimbra, enquanto pela altura da sua primeira abertura ao público, seria através da porta de S. Pedro.

¹¹⁰ BRANCO, Cassiano – **Portugal dos Pequenitos (Casa de Coimbra)**, p. 21-22.

¹¹¹ Registo de livros na biblioteca do Portugal dos Pequenitos [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.7].

¹¹² MOURÃO, Teresa – **Aprender a ser português no Portugal dos Pequenitos**, p. 38.

Não sabemos ao certo porque atualmente não funciona, mas calculamos que uma das razões seja porque, no passado, foi alvo de vários assaltos e atos de vandalismo, mesmo por parte dos visitantes. Como o próprio Bissaya Barreto se queixava: “*Não imagina! Roubam-me tudo. Têm-me roubado tudo. Louças, livros, lâmpadas. Tinha uma iluminação completa. Quase não há um candeeiro que dê luz. Os livros roubaram-mos todos e agora que substituí os livros por caixas, roubam-me as caixas, e, nas que deixam ficar, escrevem-nas todas por dentro (...).*”¹¹³

Quanto ao Portugal Ultramarino, que atualmente abre a visita ao Portugal dos Pequenitos¹¹⁴, trata-se de um aglomerado de edifícios que representam as colónias portuguesas pelo mundo. Cada uma das antigas colónias tem direito a um pavilhão, encontrando-se no lado direito os das rotas do Atlântico (Angola¹¹⁵, São Tomé e Príncipe, Brasil e Cabo Verde) e, no lado esquerdo, os das rotas do Índico (Moçambique¹¹⁶, Índia, Timor e Macau). Finalizando-se esta secção com a Capela das Missões, seguida pelos pavilhões das ilhas da Madeira e dos Açores e o mapa-mundo, que abre depois a visita ao Portugal Monumental, o “mundo civilizado.”

No planisfério ali existente, Portugal encontra-se exatamente “*(...) no centro e na posse da História e os portugueses como fundadores do mundo moderno.*”¹¹⁷ O antigo território português nos

¹¹³ FREIRE, João Paulo – **Férias dum jornalista**, p. 91.

¹¹⁴ Hoje em dia a visita ao Portugal dos Pequenitos inicia-se pelo lado Norte; onde de facto se encontra a entrada principal. No entanto, aquando dos primeiros anos de abertura, a entrada fazia-se pela porta lateral de ferro forjado, da Casa Lourenço Chaves d’Almeida, a mesma que forneceu os ferros forjados para a casa privada de Bissaya Barreto.

¹¹⁵ O pavilhão de Angola que presentemente encontramos no Portugal dos Pequenitos não é aquele desenhado por Cassiano Branco (ver anexo 22, pág. 128). Este, por razões que desconhecemos, foi substituído entre 1967 e 1968, pelo projeto de Alfredo da Silva e Castro que se encontra à guarda dos Arquivos do Ministério do Ultramar.

¹¹⁶ O pavilhão de Moçambique (ver anexo 23, pág. 129) sofreu o mesmo destino do pavilhão de Angola e, por essa razão, no mesmo período, foi substituído também pelo projeto de Alfredo da Silva e Castro à guarda do mesmo Arquivo.

¹¹⁷ MOURÃO, Teresa – **Aprender a ser português no Portugal dos Pequenitos**, p. 25.

distintos continentes está, intencionalmente, assinalado; bem como todas as rotas marítimas portuguesas nas viagens de descoberta do mundo. O planisfério encontra-se guardado pelo Infante D. Henrique, tudo isto rematado com a frase de Luís de Camões em *Os Lusíadas*, canto VII, estância 14: “*E se mais mundo houvera lá chegara.*”¹¹⁸ Esta frase também figurou da Exposição do Mundo Português, na Praça do Império, igualmente por cima de um planisfério, a enquadrar o fundo de uma estátua de Leopoldo de Almeida intitulada “Soberania.”¹¹⁹

Exatamente como acontece com a Casa de Coimbra e o Portugal Monumental, também os pavilhões do Portugal Ultramarino foram concebidos de forma a poderem albergar exposições no seu interior. Na verdade, todos os pavilhões do Portugal do Ultramar, com exceção da Capela das Missões¹²⁰ e do pavilhão do Brasil, acomodam pequenas exposições permanentes com objetos que representam as atividades comerciais, indústrias, culturais e artísticas da ex-colónia que representam.

À entrada dos pavilhões de cada colónia encontramos um padrão informativo em pedra¹²¹ (ver anexo 25, pág. 131) que nos anuncia quando e como cada colónia foi conquistada e, em alguns casos, o que a “Metrópole” fez para o seu desenvolvimento. No entanto, se prestarmos a devida atenção, podemos verificar que estes textos estão dotados de uma linguagem cuidadosamente selecionada para nos fornecer tais informações. No caso do padrão da Guiné, é-nos referido que tiveram de se “*controlar*” os negros com grande “*esforço*”

¹¹⁸ CAMÕES, Luís de – *Os Lusíadas*, p. 230.

¹¹⁹ ACCIAIUOLI, Margarida – *Exposições do Estado Novo: 1934-1940*, p. 173.

¹²⁰ Atualmente a Capela das Missões não alberga qualquer museu ou exposição, apenas a pequena capela, também presente na planta original. Contudo, Bissaya Barreto e Cassiano Branco haviam planeado para o seu interior um pequeno Museu das Missões portuguesas em África e no Oriente (ver anexo 24, pág. 130).

¹²¹ Estes padrões que referimos, e o do respetivo anexo, são os originais de Cassiano Branco que, hoje em dia, se encontram no interior dos respetivos pavilhões. Os que hoje podemos ver à entrada são de inícios dos anos 90 com textos revistos por Luís de Albuquerque. Sendo as únicas exceções as ilhas dos Açores e da Madeira que ainda preservam os originais à porta; bem como o de Macau que apenas é alterado em 2000 e o de Timor em 2002 após as eleições desse mesmo ano.

(ver anexo 26, pág. 132). No da Índia que se conquistou “*pela força*” (ver anexo 27, pág. 133), já em São Tomé e Príncipe e em Cabo Verde, por serem inabitados quando os portugueses lá chegaram, só existem descrições do local, referindo, no primeiro, que foram “*colonizadas de tal modo que hoje vem de lá ótimo café e o cacau mais apreciado do mundo inteiro*” (ver anexo 28, pág. 134), nunca se referindo ao tráfico de escravos necessário para esse efeito.¹²²

A cultura artística africana é referida no Portugal dos Pequenitos como sendo primitiva, dando a ideia de povos selvagens e perigosos onde os portugueses implantaram a sua cultura; enquanto a Ásia está representada de forma mais desenvolvida e com quem se efetuavam transações comerciais.¹²³ As exposições etnográficas que se encontram no interior dos diversos pavilhões, estão precisamente de acordo com os museus etnográficos onde “*(...) se colecionaban «artilugios» y «artefactos» de pueblos y civilizaciones primitivas*”¹²⁴ e ainda mais no caso português já que “*en los países que han protagonizado en algún sentido la colonización, los etnográficos son además, y sobre todo, museos de la cultura de otros pueblos.*”¹²⁵

Estas pequenas exposições estão inseridas numa tipologia de museologia tradicional. As principais marcas deste tipo de museologia nas exposições que estamos a estudar são: exposições de carácter permanente, caracterizadas pela exaustividade de objetos que demonstram a ruralidade arcaica dos povos colonizados comprovando o quanto eram primitivos em comparação com a Metrópolis. A utilização de uma linguagem expositiva bilingue, dando apenas a conhecer o objeto acompanhado de uma legendagem simples e por vezes exígua. O distanciamento do objeto, quase sempre exposto em vitrinas evitando

¹²² MATOS, Patrícia Ferraz de – **As côres do Império: representações raciais no Império Colonial Português**, p. 233.

¹²³ MATOS, Patrícia Ferraz de – **As côres do Império: representações raciais no Império Colonial Português**, p. 238.

¹²⁴ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis – **Museología: introducción a la teoría y práctica del museo**, p. 161.

¹²⁵ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis – **Museología: introducción a la teoría y práctica del museo**, p. 162.

contacto com o visitante para além do visual, bem como a falta de investigação, considerada pouco relevante neste tipo de museologia.

Os objetos que encontramos nos vários pavilhões do Portugal Ultramarino provêm sobretudo de doações. Estes, por vezes provenientes de entidades particulares, que, por iniciativa própria, os enviavam para integrarem as exposições¹²⁶, poderiam tratar-se de qualquer tipo de objeto: fotografias, gráficos, mapas, utensílios, minerais, artefactos, etc. Em situações menos comuns, visitantes estrangeiros e/ou com alto estatuto social, enviavam peças para aumentar as coleções. As embaixadas portuguesas espalhadas pelo mundo, mas especialmente em Inglaterra, estavam encarregadas de receber estes objetos e de os reencaminhar para o Portugal dos Pequenitos.¹²⁷

Contudo, na maior parte dos casos, as doações eram oriundas das próprias colónias que, por “incentivo” do Estado, enviavam objetos gratuitamente. A Junta da Província da Beira Litoral não tinha fundos para mandar recheiar os pavilhões já construídos e era esperada a “colaboração” das colónias nesse sentido: “(..)as nossas colónias podê-lo-ão fazer, [enviar os objetos gratuitamente], iríamos mesmos dizer devê-lo-ão fazer (...) já que é (...) de seu interesse ter uma exposição permanente dos seus valores e riquezas num meio universitário (...).”¹²⁸ Este pequeno excerto ajuda-nos também a perceber o lugar que as colónias ocupavam perante o Império Português e as exposições desempenhavam na o seu papel demonstrando as diferenças entre o “mundo civilizado” do Império e as culturas “subdesenvolvidas” das colónias.

Referimos a carência de investigação dos objetos expostos nos pavilhões do Portugal Ultramarino, nem sempre notória ao visitante comum. Porém, existiam algumas queixas com respeito à pobreza e falta de exatidão na escolha de objetos. No caso do pavilhão de Cabo

¹²⁶ Atas da Junta da Província da Beira Litoral – Sessão 31-03-1944, fl. 16; Sessão 31-07-1944, fl. 73; Sessão 01-07-1946.

¹²⁷ Correspondência recebida e expedida do Portugal dos Pequenitos 1965-1969 – Facturas [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6].

¹²⁸ Atas da Junta da Província da Beira Litoral – Sessão 15-01-1945, fl. 197.

Verde as queixas são deveras em número considerável.¹²⁹ Existe uma queixa por escrito de um deputado que havia exercido cargos no referido arquipélago, alegando que o pavilhão em nada refletia a província e seus costumes, prometendo enviar novos objetos que substituíssem os que erroneamente lá se encontravam.¹³⁰

O pavilhão do Brasil é aquele com maior área ocupacional, como já acontecia com o mesmo pavilhão, da autoria de Raul Lino, para a Exposição do Mundo Português em Lisboa, que aliás tem algumas semelhanças com o de Cassiano Branco para o Portugal dos Pequenitos. Isto acontece porque o Brasil é visto como a “*grande nação irmã*”, conforme é possível ler na fachada do segundo (ver anexo 29, pág. 135).

Nos dias de hoje, no pavilhão do Brasil, não encontramos qualquer exposição mas antes uma representação da proa de uma caravela onde o visitante toma lugar a ver um filme animado sobre a descoberta do Brasil pelos portugueses em 1500. No entanto, este nem sempre foi o cenário que podíamos encontrar no interior do pavilhão já que este projeto apenas foi posto em prática em 2008.

Alguns anos antes o pavilhão havia estado vazio recebendo, esporadicamente, exposições temporárias que podiam, ou não, estar relacionadas com o Brasil.¹³¹ Todavia, tal como os demais pavilhões que o rodeiam, acomodou em tempos uma exposição sobre a etnografia, bem como sobre a fauna e flora do país que representa. Ao se tratar do maior pavilhão do Portugal do Ultramar supomos que a sua exposição seria também das maiores e mais completas com um largo número de objetos expostos entre os quais moedas, minerais,

¹²⁹ Correspondência recebida e expedida do Portugal dos Pequenitos 1970-1984 [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6].

¹³⁰ Correspondência recebida e expedida do Portugal dos Pequenitos 1965-1969 – Facturas [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6].

¹³¹ MATOS, Patrícia Ferraz de – **A História e os Mitos: Manifestações da ideologia colonial na construção do Portugal dos Pequenitos em Coimbra**, p. 11.

madeiras, cereais¹³², pedras semipreciosas, máscaras, madeiras exóticas¹³³; e onde sabemos existiam, para além das vitrinas, várias estantes e quadros.¹³⁴

O Portugal dos Pequenitos desde sempre foi alvo de vários assaltos (alguns por parte dos visitantes) e especialmente os pavilhões do ultramar, uma vez que encerram objetos raros, exóticos e com alto valor monetário. Os pavilhões do Brasil e da Índia eram os mais procurados pelos assaltantes, pois continham várias peças em ouro e prata o que os convertia nos mais prejudicados. A certa altura o pavilhão da Índia chega a sofrer um assalto no valor de 50.000\$00.¹³⁵ O pavilhão do Brasil sofre um grande roubo por altura da Revolução do 25 de Abril em 1974.¹³⁶

A fechar a secção colonial do Portugal dos Pequenitos estão os dois pavilhões representativos das ilhas portuguesas: o dos Açores do lado esquerdo e o da Madeira no lado direito. No primeiro, podemos encontrar objetos domésticos que se utilizam no dia-a-dia, bem como instrumentos de trabalho, principalmente ligados à agricultura. Para completar este pavilhão, havia ainda sido pensada a edificação de uma estufa (ver anexo 30, pág. 136) que pudesse acolher flora açoriana para fornecer maior conhecimento sobre este arquipélago. O segundo expõe também os mesmos utensílios domésticos, porém a exposição é completada por fotografias, uma representação em miniatura da casa típica e manequins de reduzida escala trajados com indumentárias madeirenses.

¹³² Bloco de Apontamentos da Conservadora do Museu da Criança – 1 [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6].

¹³³ MATOS, Patrícia Ferraz de – **A História e os Mitos: Manifestações da ideologia colonial na construção do Portugal dos Pequenitos em Coimbra**, p. 11.

¹³⁴ Existe um relatório sobre o estado do pavilhão do Brasil (não sabemos de que data) onde são referidos os objetos que aí se encontravam, bem como o seu estado de conservação. Porém foi-nos negado acesso a tal relatório, bem como a inventários de 1979-80 dos objetos expostos nos restantes pavilhões.

¹³⁵ Bloco de Apontamentos da Conservadora do Museu da Criança – 1 [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6].

¹³⁶ MATOS, Patrícia Ferraz de – **A História e os Mitos: Manifestações da ideologia colonial na construção do Portugal dos Pequenitos em Coimbra**, p. 11.

3.4.1.3. A TERCEIRA FASE

A última fase da construção, o Portugal Monumental, tal como acontece com a Casa de Coimbra, é uma amálgama dos principais e, na maior parte das vezes, dos mais conhecidos monumentos das várias regiões nacionais. Esta secção do Portugal dos Pequenitos encontra-se dividida por cinco blocos: a já supramencionada Casa de Coimbra, edificada logo na primeira fase de construção; o bloco dedicado ao Norte do país; o bloco da Estremadura; o bloco com os monumentos, nabantinos e santarenos e, por último, o bloco do Sul, Alentejo e Algarve.

O bloco do Norte inclui monumentos de Bragança, a Torre de Menagem do Castelo de Bragança e a *Domus Municipalis*, onde atualmente se encontra a loja do Portugal dos Pequenitos; de Vila Real, a casa de Diogo Cão e o Solar de Mateus; a Galeria dos Reis do Convento de Amarante; do Porto, a Torre da Igreja de Leça do Balio, a Porta da Igreja de Ferreira, que dá acesso ao Museu do Traje, a famosa Torre dos Clérigos e o Castelo de Santa Maria da Feira; uma Igreja Barroca do Minho¹³⁷; o Castelo de Guimarães; de Viana do Castelo estão presentes a Janela Manuelina e os Paços do Concelho, onde se encontra o Museu da Marinha e, finalmente, os monumentos de Braga, a Casa dos Coimbra e o Chafariz.

O Museu do Traje, aberto ao público a 1 de Junho de 1997 e ao qual se tem acesso a partir da Porta da Igreja de Ferreira sob a reprodução da Torre dos Clérigos, é composto por três salas: a sala principal, para a qual entramos, e duas mais pequenas, uma à direita e outra à

¹³⁷ Apesar de uma tentativa de identificação da igreja representada, não nos foi possível encontrar uma correspondência. Na planta de Cassiano Branco, o arquiteto identifica-a apenas por “*balaustrada da capela século XVIII.*” Numas considerações gerais relativas a todas as regiões do país (uma espécie de lista de locais e respetivos monumentos) Cassiano Branco menciona a Igreja de Nossas Senhoras da Agonia em Viana do Castelo cujo portal é idêntico ao desta construção no Portugal dos Pequenitos. No entanto, nesta lista também podemos encontrar a anotação “*Igrejas (barroco) Viana do Castelo*” sem qualquer especificação. Embora tenhamos realizado uma pesquisa neste sentido não conseguimos encontrar qualquer igreja ou capela barroca de Viana do Castelo, ou do Minho, com uma balaustrada semelhante.

esquerda. A maior parte dos objetos que se encontram no interior integravam o extinto Museu da Criança, que esteve aberto no Portugal dos Pequenitos até 1996 e o qual vamos abordar mais adiante.

Na sala da entrada existem então três vitrinas principais. A maior, colocada a meio e que quase ocupa toda a sala em comprimento, encerra miniaturas de manequins trajados com indumentárias ordenadas cronologicamente desde a Pré-História até aos nossos dias e onde, esporadicamente, encontramos representações de figuras históricas de relevo. As duas vitrinas mais pequenas, encostadas às paredes do lado direito e esquerdo, imediatamente antes das portas que nos ligam às outras salas, exibem o mesmo tipo de manequins em cenas do quotidiano dos séculos XVIII e XIX.

A sala do lado direito, também com vitrinas de ambos os lados, faz uma mostra, com manequins miniaturais, de trajés, novamente ordenados cronologicamente, da História de Portugal, com representações de algumas figuras históricas nacionais. A terceira e última sala é rodeada de vitrinas com trajés reais femininos, sapatos, chapéus, leques, entre outros acessórios (adquiridos através de doação).

Atravessando os arcos dos Paços do Concelho de Viana do Castelo entramos no Museu da Marinha. Este, inaugurado exatamente um ano depois do Museu do Traje, é composto por uma sala única onde estão expostas réplicas em miniatura de embarcações (barcos de pesca, navios de carga, fragatas e navios de guerra) executadas nos Estaleiros Navais do Mondego (ENM), na Figueira da Foz, e doados pelos mesmos. Os ENM foram criados por Bissaya Barreto em parceria com a Lusitânia – Companhia Portuguesa de Pesca, S.A. da qual era também acionista.¹³⁸ A acompanhar as réplicas estão ainda vários aparelhos náuticos (leme, bitácula com bússola, telégrafo de ordens, etc.), bem como uma coleção de fotografias da construção de várias embarcações nos ENM e de Bissaya Barreto quando ocupava o cargo de Presidente do Conselho de Administração da mesma empresa. No entanto, devemos referir que tais fotografias não estão acompanhadas de qualquer legenda e

¹³⁸ FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya Barreto, um homem de causas fotobiografia**, p. 57.

também não é fornecida ao visitante qualquer informação sobre a empresa doadora nem a sua ligação com o patrono do Portugal dos Pequenitos.

O bloco seguinte, a Estremadura, está, no Portugal dos Pequenitos, dividida por uma primeira zona de monumentos de várias cidades desta província e uma segunda zona de monumentos apenas da cidade Lisboa que, tendo um lugar destacado, se designou de Casa de Lisboa. Na primeira zona está representada Sintra através de uma pequena porção do Palácio Nacional da mesma cidade e do Coruchéu do Palácio da Pena. Existe uma parte do Castelo de Leiria, das Muralhas de Óbidos e do Mosteiro de Alcobaça. A Casa de Lisboa é composta por mesclas da Torre de Belém, da Sé de Lisboa, da Casa dos Bicos, do Arco da Rua Augusta, do Castelo de S. Jorge, do Mosteiro dos Jerónimos, das Casas Pombalinas e do Teatro Nacional D. Maria.

Para a Casa de Lisboa, Bissaya Barreto havia planeado três salas de exposição (ver anexo 31, pág. 137), uma de cada lado do pátio da Casa de Lisboa e a terceira dentro de uma das anteriores que chegaram mesmo a existir (ver anexo 32, pág. 138; ver anexo 33, pág. 139). Estas salas dedicadas à capital portuguesa foram minuciosamente desenhadas por Cassiano Branco, e a verdade é que, em 1953, a Junta da Província da Beira Litoral recebe recheio para as dependências da Casa de Lisboa.¹³⁹ Não sabemos em que ano terão sido desmanteladas, mas, a do lado esquerdo, foi transformada primeiro no gabinete da conservadora do Museu da Criança e depois em sala de cinema.

Pudemos porém constatar que aquelas que seriam as salas da parte história e reedificação de Lisboa (ver anexo 34, pág. 140; ver anexo 35, pág. 141), ou seja, as do lado direito do pátio, na atualidade estão recheadas com mesas e cadeiras utilizadas para atividades promovidas em parceria com escolas. Quanto à sala do lado oposto, a que seria dedicada à Lisboa moderna (ver anexo 36, pág. 142), e posteriormente sala de cinema, é onde funcionam os atuais escritórios do Portugal dos Pequenitos.

¹³⁹ Atas da Junta da Província da Beira Litoral – Sessão 30-06-1953, fl. 93.

Os monumentos nabantinos, do quarto bloco, presentes no Portugal Monumental são a Janela do Canto, a Torre da Igreja de S. João e o famosíssimo exemplar de manuelino a Janela do Capítulo do Convento de Cristo. No que toca aos monumentos santarenos, encontramos a Torre das Cabaças, a Rosácea da Igreja da Graça, a Porta da Igreja de Sta. Iria, a Muralha de Santarém e a Porta de S. João do Alporão. Não existe qualquer exposição neste bloco nem nenhum desenho de Cassiano Branco ou anotação de Bissaya Barreto que denote tal intenção.

Por fim, o quinto e último bloco, é constituído por monumentos do Algarve, o Castelo de Silves e a Porta manuelina da Matriz de Monchique que hoje em dia cede acesso à cafeteria do Portugal dos Pequenitos. Os monumentos Alentejanos são a Capela de S. Brás em Évora, a Torre de Menagem do Castelo de Beja e a Porta dos Nós de Vila Viçosa que dá passagem ao Museu do Mobiliário.

O Museu do Mobiliário, inaugurado a 8 de Junho de 2000, no âmbito das comemorações do 60º Aniversário do Portugal dos Pequenitos, expõe miniaturas de móveis em madeiras nobres e, tal como acontece com o Museu do Traje, é constituído por peças que haviam pertencido ao Museu da Criança. Este museu, dividido por dois pisos, está, em nossa opinião, completamente desprovido de propósito uma vez que os objetos parecem ter sido escolhidos aleatoriamente, sem investigação prévia. A apresentação dos objetos, ainda que acompanhada de uma legenda simples, não tem qualquer critério, tornando a exposição pouco instrutiva.

3.4.2. O MUSEU DA CRIANÇA

O Museu da Criança, já supramencionado, era um museu que se encontrava no Portugal dos Pequenitos, mais especificamente na zona onde hoje está localizado o Museu do Mobiliário e as salas contíguas até à cafeteria, que no presente já não se encontram ligadas. Continuava depois para o atual Museu da Marinha que se ligava com o Museu do Traje onde acabaria a exposição. Inteiramente idealizado por Bissaya Barreto, responsável por grande parte da coleção que provinha de compilações privadas do mesmo, este museu, inaugurado a

28 de Outubro de 1966 (ver anexo 37, pág. 143; ver anexo 38, pág. 144; ver anexo 39, pág. 145; ver anexo 40, pág. 146), esteve no Portugal dos Pequenitos, sensivelmente, até 1996. Após desmantelamento, algumas das suas peças contribuíram para a constituição dos atuais Museu do Traje e Museu do Mobiliário. O primeiro inventário do museu foi feito logo no ano da abertura ao público e volta a ser repetido nos anos de 1970 a 1973.¹⁴⁰ Apesar de a exposição ser permanente, a coleção nunca se encontrava acabada sendo continuamente acrescentados novos objetos.

O museu dividia-se por temáticas que se encontravam distribuídas por diferentes salas. A primeira sala era dedicada ao artesanato português onde se encontravam exemplares de cestaria, peças em barro, madeira, verga, etc. A segunda sala estava reservada apenas e só à Rainha Santa, onde podíamos encontrar todo o tipo de informação sobre a padroeira de Coimbra. De seguida vinha a sala da pintura, onde encontrávamos estampas de famosas pinturas nacionais e estrangeiras, bem como referências a importantes pintores. Na quarta sala estavam presentes a filatelia, de Portugal Continental e Portugal Ultramarino; coleções de caixas de fósforos nacionais e alguns exemplos internacionais; coleções de postais; mapas-mundo; medalhas comemorativas; galhardetes; emblemas e distintivos. Posteriormente vinham as réplicas de trajes e os relógios. E por último, o mobiliário, exposto em casas de bonecas de diferentes tamanhos e formas.

A entrada do museu era facultativa e o bilhete custava 5\$00 além do custo de entrada no Portugal dos Pequenitos. Funcionava das 9:30 às 17:00.¹⁴¹ A cargo deste museu estava a conservadora, Maria Filomena Pestana, um técnico próprio¹⁴² e estagiários. Estes, normalmente estudantes da Universidade de Coimbra, deveriam saber línguas estrangeiras de

¹⁴⁰ Documentação diversa sobre o Museu da Criança [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6].

¹⁴¹ Documentação diversa sobre o Museu da Criança [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6].

¹⁴² Documentação diversa sobre o Museu da Criança [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6].

forma a poderem realizar visitas guiadas (principalmente entre Abril e Setembro)¹⁴³ altura em que o museu recebia mais visitantes. Em média, o Museu da Criança tinha uma receita diária de 1.700\$00.¹⁴⁴

Quanto ao Portugal dos Pequenitos, a entrada era de 1\$00 para a secção das casas regionais e a Casa de Coimbra, 2\$50 centavos para o Portugal Ultramarino e 4\$00 para ambos.¹⁴⁵ Este parque era constantemente visitado tanto por portugueses como por estrangeiros, pois foi mencionado em várias revistas e jornais internacionais, bem como em exposições internacionais através de livros e panfletos.¹⁴⁶ O número de pedidos para visitas escolares, nacionais e estrangeiras era de igual forma elevado.¹⁴⁷ No ano de 1939, o Portugal dos Pequenitos, recebia por volta de 2.000 visitantes mensais¹⁴⁸, cinco anos mais tarde, em 1944, recebia, em média, 50.000 visitas por ano¹⁴⁹ e em 1949 as visitas tinham aumentado para 15.000 por mês.¹⁵⁰

¹⁴³ Bloco de Apontamentos da Conservadora do Museu da Criança – 3 [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6].

¹⁴⁴ Documentação diversa sobre o Museu da Criança [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6].

¹⁴⁵ Atas da Junta da Província da Beira Litoral – Sessão 15-05-1945, fl. 176 v.

¹⁴⁶ Atas da Junta da Província da Beira Litoral – Sessão 01-02-1944, fl. 203 v.

¹⁴⁷ Atas da Junta da Província da Beira Litoral – Sessão 15-06-1942, fl. 1 v.-9 v.; Sessão 31-05-1943, fl. 115; Sessão 15-01-1944, fl. 195; Sessão 15-03-1945, fl. 157 v.; Sessão 15-05-1944, fl. 36 v.; Sessão 15-06-1944, fl. 55; Sessão 30-04-1952, fl. 76 v.; Sessão 16-06-1952; Sessão 16-08-1952, fl. 133; 01-09-1952, fl. 137; Sessão 30-04-1953, fl. 53; Sessão 01-06-1953, fl. 75; Sessão 31-08-1955, fl. 59.

¹⁴⁸ Copiadores de correspondência da Junta da Beira Litoral – Dep II-AD/D/EST 17/tab 3/1346 [nº 1634].

¹⁴⁹ Atas da Junta da Província da Beira Litoral – Sessão 15-01-1945, fl. 197.

¹⁵⁰ FREIRE, João Paulo – **Férias dum jornalista**, p. 91.

3.5. DEFINIÇÃO

Desde a sua criação, o Portugal dos Pequenitos tem sido alvo de inúmeras abordagens que tentam fazer uma descrição que o consiga abarcar no seu todo, tarefa deveras delicada. A Junta da Província da Beira Litoral afirma que o “*Portugal dos Pequenitos (...) nada mais é do que uma miniatura de Portugal onde todas as Províncias estão representadas por construções de arquitetura regional, tanto quanto possível, do meio provincial competente. A esta parte continental juntou-se a Parte Insular e Ultramarina, construindo-se grandes pavilhões, com motivos indígenas, representando cada uma sua colónia e o seu arquiteto. Criou-se assim, o Império português para os pequenitos.*”¹⁵¹ Já Cassiano Branco definiu-o como sendo “*(...) uma biblioteca para as crianças, para ser lida por todos os seus sentidos. (...) Toda a criança o lê com a íntima satisfação de aprender sem esforço; e é justamente este aspeto pedagógico, o que a escola natural de Coimbra dos homens não possui*”¹⁵², ambas definições estão corretas mas, em nossa opinião, são insuficientes pois limitam o seu potencial.

Antes de mais “*a conceção e a criação do Portugal dos Pequenitos foi, sem dúvida, fruto do seu tempo: refletiu a ideologia dominante da época e os traços pessoais do seu criador.*”¹⁵³ Trata-se de uma representação do Portugal do Estado Novo, ou pelo menos daquilo que o Estado Novo queria que fosse Portugal e da ideia do mesmo que pretendia incutir, nos próprios portugueses e nos estrangeiros que o visitavam “*(...) todo o mundo mitológico que o Estado Novo propunha como imagem.*”¹⁵⁴

“*O Portugal dos Pequenitos realiza uma imagem particular do mundo, a própria figuração da ideologia Salazarista*”¹⁵⁵, é uma “*(...) representação da realidade de todo um país que estava convenientemente encerrada entre os muros de vedação, (...) à semelhança do seu modelo real, que estava*

¹⁵¹ Atas da Junta da Província da Beira Litoral – Sessão 16-04-1945, fl. 166.

¹⁵² BRANCO, Cassiano – **Portugal dos Pequenitos (Casa de Coimbra)**, p. 8.

¹⁵³ MOURÃO, Teresa – **Aprender a ser português no Portugal dos Pequenitos**, p. 40.

¹⁵⁴ JACOB, Cândido Adriano Ramos – **Os Edifícios da Fundação Bissaya Barreto em Coimbra**, p. 18.

¹⁵⁵ MOURÃO, Teresa – **Aprender a ser português no Portugal dos Pequenitos**, p. 26.

*encerrado dentro do espaço das suas fronteiras.*¹⁵⁶ Porém, não devemos esquecer a “(...) *feição pedagógica desta obra*(...)”¹⁵⁷ já antes mencionada pelo próprio Cassiano Branco. O Portugal dos Pequenitos era uma “*escola de nacionalismo para portugueses de todas as idades onde crianças e adultos passem a amar Portugal*”¹⁵⁸, “*«boa para pensar» o que era «ser português».*”¹⁵⁹

O Portugal dos Pequenitos, atualmente, encontra-se descontextualizado e o visitante comum que entra sem conhecimento do âmbito sociopolítico da sua criação, do “controverso” arquiteto e do patrono sai sem o saber. Na verdade, a própria FBB parece empenhada em esconder do público a origem deste projeto, o que, na nossa opinião, não tem razão de ser, uma vez que, “(...) *a sua projeção foi muito além do Estado Novo, de Bisaya Barreto e de Coimbra. Assim, o atesta o interesse didático que ainda hoje desperta em crianças e adultos de todo o país e também do estrangeiro, que aqui vem descobrir este Portugal pequenino.*”¹⁶⁰

¹⁵⁶ BANDEIRINHA, José António Oliveira – **Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40**, p. 64.

¹⁵⁷ MOURÃO, Teresa – **Aprender a ser português no Portugal dos Pequenitos**, p. 3.

¹⁵⁸ MOURÃO, Teresa – **Aprender a ser português no Portugal dos Pequenitos**, p. 26.

¹⁵⁹ MATOS, Patrícia Ferraz de – **As côres do Império: representações raciais no Império Colonial Português**, p. 239.

¹⁶⁰ MOURÃO, Teresa – **Aprender a ser português no Portugal dos Pequenitos**, p. 40.

4. PROPOSTA DE RENOVAÇÃO DA GESTÃO MUSEOLÓGICA DO PORTUGAL DOS PEQUENITOS

4.1. PARQUES TEMÁTICOS

Como havíamos referido no capítulo anterior desta dissertação o Portugal dos Pequenitos foi alvo de várias tentativas de descrição, na nossa opinião nem sempre amplas o suficiente para o definir. Na perspetiva da FBB, o Portugal dos Pequenitos trata-se de “(...) *um parque lúdico-pedagógico, destinado essencialmente a crianças (...) e um referencial histórico e pedagógico(...).*”¹⁶¹ De facto, recentemente, o Portugal dos Pequenitos tem vindo a ser considerado por muitos um parque temático, ou parque temático histórico.

Os parques temáticos, ao contrário do que se possa pensar, não têm a sua origem no século XIX, mas antes nas feiras medievais europeias¹⁶² que “(...) *without a doubt, [are] the spatial and recreational formulas that preceded amusement parks.*”¹⁶³ Estas feiras organizadas em várias cidades medievais, em variadas épocas do ano, tinham, principalmente, propósitos de entretenimento, propiciavam vários tipos de animação, comida e divertimentos onde todas as classes sociais se juntavam para participar dos eventos. Grande parte das vezes, os entretenimentos eram produzidos pelos próprios participantes, sendo esta outra das características que, no futuro, irá sofrer alterações – “(...) *the scenarios of entertainment «produced by» communities to the scenarios of entertainment «produced for» the individuals (...).*”¹⁶⁴

Para além da existência das feiras, começaram também a aparecer, por volta do século XVII, jardins cuidadosamente trabalhados, localizados nos arredores das grandes cidades.

¹⁶¹ FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – Portugal dos Pequenitos [em linha].

¹⁶² ANTON CLAVE, Salvador – **The Global Theme Park Industry**, p. 3.

¹⁶³ ANTON CLAVE, Salvador – **The Global Theme Park Industry**, p. 13.

¹⁶⁴ ANTON CLAVE, Salvador – **The Global Theme Park Industry**, p. 13.

“*The great European garden is an idealized world separated from both nature and the city*”¹⁶⁵ onde era possível assistir a distintos géneros de entretenimento desde fogo-de-artifício, danças, música, teatro, jogos, etc.¹⁶⁶ Apesar de serem abertos a todos os que os quisessem visitar, ao contrário do que acontecia com as feiras, os jardins requeriam pagamento para entrada. Imediatamente o acesso tornava-se mais elitista, pois nem todos tinham capacidade financeira que permitisse dispendir em atividades supérfluas.

Em inícios do século seguinte também alguns dos jardins reais começavam a ser abertos ao público. Nesta tipologia, encontram-se os denominados *pleasure gardens*, ou jardins do prazer, que consistiam em “*(...) places for leisure and attractions (...) - paying for them- one could enjoy a series of attractions that were a direct derivation of those that were common in the royal gardens.*”¹⁶⁷ Estes locais eram decorados com fauna e flora proveniente de países exóticos de forma a recriarem determinados ambientes e uma atmosfera imaginária. Os animais raros que vinham para estes locais podiam não apenas ser vistos mas também estudados. As semelhanças destes jardins com os atuais parques temáticos são incontestáveis. Com efeito “*(...) the modern (...) amusement park is of comparatively recent development, but for more than three hundred years elaborate outdoor amusement centers have existed in several European countries. Known usually as «pleasure gardens» they were remarkably similar to those of today in their general layout and variety of entertainment.*”¹⁶⁸

Na opinião de Salvador Anton Clave também as exposições universais tiveram influência na história e na evolução da noção de parque temático. Segundo o autor, são elas que vão dar início ao apelo a hábitos de consumo, bem como à motivação da exibição de avanços industriais que demonstrassem a modernidade e progresso dos países. A *World's Columbian Exposition*, de 1893, em Chicago, Estados Unidos da América, foi, ainda segundo o autor, um marco importante para os parques temáticos quer pelo seu papel pioneiro na

¹⁶⁵ Apud ANTON CLAVE, Salvador – **The Global Theme Park Industry**, p. 3.

¹⁶⁶ SANTOS, Tiago – **Os parques temáticos históricos como preservadores do património imaterial**, p. 2-3.

¹⁶⁷ ANTON CLAVE, Salvador – **The Global Theme Park Industry**, p. 7.

¹⁶⁸ Apud ANTON CLAVE, Salvador – **The Global Theme Park Industry**, p. 6.

consideração de espaços sanitários, vias de acesso e sistemas de transporte interno, quer pelo aproveitamento de uma campanha publicitária de grande escala internacional.¹⁶⁹ Esta exposição veio igualmente provar que “(...) *in the USA, already since the end of the 19th century millions, (...) of people [were] willing to pay to be entertained (...)*.”¹⁷⁰ Outra exposição que teve grande impacto foi a *1939 New York World's Fair*, na qual Portugal participou, em que se decidiu adotar um panorama futurístico e para esse fim os edifícios, mais que ser modernos deveriam parecer modernos. Pela primeira vez na história houve a intenção de implantar um mercado de massas para impulsionar a produção industrial da cidade.

Em finais do século XIX, as terminologias feiras e jardins deixam de ser utilizadas para serem substituídas pela palavra parque, com uma noção mais ligada à área pública e de recreação.¹⁷¹ Com o decorrer do tempo a ideia de parque temático vai evoluindo e o seu conceito, como hoje o conhecemos, ligado às indústrias de entretenimento e ao conceito de lucro e/ou turismo, toma forma e a consolida-se no século XX, altura em que começa a atingir novas proporções.

Foi o realizador Walt Disney, proveniente das empresas cinematográficas, que teve a ideia de transformar o cinema numa espécie de feira¹⁷² e, juntamente com o seu não tão conhecido irmão, Roy Disney, irá associar dois novos conceitos à ideia de parque temático: lucro e consumo.¹⁷³ Esta ideia materializa-se aquando da abertura do complexo *Walt Disney World*, em 1971, na cidade de Lake Buena Vista, Flórida, Estados Unidos da América. Por altura da sua abertura este era constituído por apenas quatro parques temáticos. Porém, atualmente neste *resort* estão conjugados, para além dos vários parques temáticos, 2 parques

¹⁶⁹ ANTON CLAVE, Salvador – **The Global Theme Park Industry**, p. 10.

¹⁷⁰ ANTON CLAVE, Salvador – **The Global Theme Park Industry**, p. 11.

¹⁷¹ ANTON CLAVE, Salvador – **The Global Theme Park Industry**, p. 13.

¹⁷² ANTON CLAVE, Salvador – **The Global Theme Park Industry**, p. 17.

¹⁷³ Na verdade, poucos conhecem o facto de que a empresa *Walt Disney* faliu duas vezes antes da intervenção do irmão Roy Disney que veio trazer os conceitos de consumo de massas e lucro associados ao de turismo.

aquáticos, 23 hotéis temáticos, 1 acampamento, 2 *spas* e ginásios, 5 campos de golfe e outros locais de entretenimento.

Na verdade, não existe um conceito normalizado de parque temático. Contudo entre os propostos por diferentes entidades e autores, quase todos concordam que parques temáticos são locais de empreendimento de grande escala, deslocados do cenário urbano, geralmente nas periferias de grandes cidades. Baseiam-se numa determinada temática que adotam e abordam de forma ampla destinando-se ao entretenimento e, podendo ter uma vertente didática. Oferecem a título de complemento serviços de compras, restauração e, por vezes, hotelaria. Além disso, a construção de um parque temático é sempre premeditada e nunca obra do acaso.

As *guidelines* oferecidas pela *Walt Disney* tomam, a determinada altura, um rumo distinto e acrescentam que um parque temático deve “(...) *estar composto por atrações exteriores e cada uma deve ser peça independente; ter um custo de entrada e não por atração; ser construído com base nas necessidades dos visitantes; focalizar mais diversão do que aprendizagem; proporcionar mais sensação física do que simulação; e por último, ser um destino em si mesmo.*”¹⁷⁴ Esta última *guideline* tem, na verdade, um outro conceito associado, explorado ao máximo pelas grandes indústrias de entretenimento: o turismo. O *boom* turístico dá-se em meados do século XIX, após a Segunda Guerra Mundial. Ligado às emergentes sociedades de consumo, vai ter grande influência na indústria dos parques temáticos permitindo, assim, que o parque temático se torne, por si só, um destino.

Por várias vezes, e ao longo dos anos, o Portugal dos Pequenitos é comparado com o parque temático *Disneyland* chegando mesmo a ser apelidado por vários de *Disneylândia portuguesa*.¹⁷⁵ Porém, não podemos deixar de notar que o primeiro parque temático *Disney* é inaugurado em Anaheim, Califórnia, Estados Unidos da América, a 17 de Julho de 1955; quinze anos após a inauguração do Portugal dos Pequenitos em Coimbra, a 8 de Junho de 1940.

¹⁷⁴ Apud ASHTON, Mary Sandra G. – **Parques Temáticos**, p. 67.

¹⁷⁵ Mendanha, Victor – **Disneylândia portuguesa**, p. [?].

Partindo desta primeira noção de parque temático nasce o conceito de parque temático histórico, ao qual está associada a “(...) *história de determinado local num determinado tempo* (...)”¹⁷⁶ Tal como acontece com a noção de parque temático, também o conceito de parque temático histórico não está normalizado, e o seu estudo encontra-se pouco desenvolvido, especialmente no nosso país. Como consequência, diferentes autores têm diversas e ambíguas definições e fazem distintas classificações de parques temáticos e parques temáticos históricos.

Em nosso entender, a simples presença de património, imaterial ou não, poderá transformar um parque temático em parque temático histórico. No entanto, na opinião de Tiago Santos “*os parques temáticos históricos são perpetuadores do património imaterial porque apelam ao sentido de memória coletiva e exaltam os valores históricos.*”¹⁷⁷ Assim sendo, o autor vai classificar o Portugal dos Pequenitos como um parque temático histórico, o que nos parece legítimo segundo o conceito por ele oferecido previamente. Em verdade, o Portugal dos Pequenitos reflete a cultura e as vivências do país que tomou como modelo no seu tempo, ou pelo menos aquelas que o partido político vigente pretendia inculcar no cidadão; tornando-se deste modo portador de património cultural imaterial (PCI). Contudo, o autor irá fazer a mesma classificação para o parque *Terra Mítica* do país vizinho, que, na nossa opinião, se trata apenas de um parque temático com temas históricos (as civilizações Egípcia, Grega, Romana e Ibérica). Todavia, convém não esquecer que os parques temáticos, como o próprio nome indica, são baseados em temas diversos, “(...) *fairytale, animals, water, marine and futurism*”¹⁷⁸, entre eles temas históricos. Ao classificar o *Terra Mítica* como um parque temático histórico o

¹⁷⁶ SANTOS, Tiago – **Os parques temáticos históricos como preservadores do património imaterial**, p. 4.

¹⁷⁷ SANTOS, Tiago – **Os parques temáticos históricos como preservadores do património imaterial**, p. 10.

¹⁷⁸ RALUCA, Dridea Catrinel; GINA, Strutzen – **Theme park: the main concept of tourism industry development**, p. 636.

autor está ainda a contrariar o seu próprio conceito, uma vez que este parque não conserva qualquer tipo de PCI.

Mary Ashton aborda no seu estudo sobre parques temáticos o parque *Mini Mundo* em Gramada, Rio Grande do Sul, Brasil, aberto ao público em 1983. Este consiste numa espécie de maquete gigante em que estão representadas miniatures de obras arquitetónicas autênticas 24 vezes menores que as originais. Apesar de este parque se aproximar em termos materiais daquilo que é o Portugal dos Pequenitos, a verdade é que, de acordo com o conceito de Tiago Santos, o *Mini Mundo*, como acontecia com o *Terra Mítica*, também não conserva património cultural imaterial; tratando-se apenas um parque temático, exatamente como a autora o classifica. Um exemplo de um parque que, a par com o Portugal dos Pequenitos, classificaríamos como parque temático histórico é o *Puy du Fou*, em Les Epesses, França. É composto por várias aldeias, a reprodução de uma aldeia medieval, uma aldeia autêntica do século XVIII e uma praça de uma cidade de 1900 com um *pub* real da época.

4.2. CLASSIFICAÇÃO DE PATRIMÓNIO

Para classificar o Portugal dos Pequenitos como um parque temático histórico, em que a condição obrigatória é a “presença” de património, propomos, como primeira medida a tomar, a candidatura ao Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR) de património cultural arquitetónico, previsto na Lei nº 107/2001. Pois é o IGESPAR que, no nosso país, está encarregue da classificação e salvaguarda de Património Imóvel.

Após esta primeira candidatura a Património Imóvel acreditamos fazer todo o sentido o Portugal dos Pequenitos avançar para uma candidatura ao Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) como manifestação de PCI, uma vez que nem o IMC ou o Departamento de Património Imaterial (DPI) colocam entraves à candidatura de entidades de cariz privado.

O IMC tem a “(...) missão de desenvolver e executar a política cultural nacional no domínio do PCI, designadamente através da promoção do respetivo estudo, preservação, conservação, valorização e

divulgação (...).¹⁷⁹ Quanto ao DPI “(...) compete promover o estudo, a salvaguarda e a divulgação do PCI, o registo gráfico, sonoro, audiovisual ou outro das realidades sem suporte material para efeitos do seu conhecimento, preservação e valorização, bem como o registo dos bens culturais móveis ou imóveis associados ao património imaterial (...).¹⁸⁰ a este compete igualmente “(...) promover campanhas de sensibilização aos níveis nacional e local sobre a importância da salvaguarda do PCI e desenvolver programas educativos (...), cooperar com centros de investigação, estabelecimentos de ensino superior, autarquias e particular com vista ao registo e divulgação dos bens imateriais, bem como estimular estudos e o desenvolvimento de metodologias de investigação para a salvaguarda eficaz do PCI.”¹⁸¹

O regime jurídico de salvaguarda do PCI está estabelecido no Diário da República, I^a Série, n^o 113 de 15 de Junho de 2009, Decreto-Lei n^o 139/2009 que prevê a inventariação, estudo e documentação das múltiplas manifestações. Para a candidatura a manifestação de PCI é necessário o preenchimento de um formulário para pedido de inventariação do Património PCI, aprovado no Diário da República, I^a Série, n^o 69 de 9 de Abril de 2010, portaria n^o 196/2010. Caso a candidatura seja aprovada o Portugal dos Pequenitos e, conseqüentemente a FBB, vão passar a beneficiar de maiores qualificações e regalias. O Portugal dos Pequenitos passaria também a constar do MatrizPCI, o Inventário Nacional do PCI.

4.3. CORRENTE MUSEOLÓGICA

A intervenção que iremos propor para o Portugal dos Pequenitos integra-se, museologicamente, na corrente denominada nova museologia. A nova museologia surgida sensivelmente após a Segunda Guerra Mundial, e cuja designação denota uma oposição à

¹⁷⁹ PORTUGAL. INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO – **IMC: Instituto dos Museus e da Conservação** [em linha].

¹⁸⁰ PORTUGAL. INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO – **IMC: Instituto dos Museus e da Conservação** [em linha].

¹⁸¹ PORTUGAL. INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO – **IMC: Instituto dos Museus e da Conservação** [em linha].

anterior, a museologia tradicional, sugere maior abertura, dinamismo e participação sociocultural.¹⁸² Com efeito “(...) *una serie de cambios económicos, sociales, políticos y culturales que han dado lugar a un nuevo fenómeno sociocultural (...)*”¹⁸³ que conduziram a elevadíssimas exigências dos novos tipos de públicos e, desta forma, os museus tiveram necessidade de se modificar para as poder acompanhar e corresponder.

A investigação, quase inexistente na museologia tradicional, é uma das áreas que vem conquistar um papel importantíssimo. Os museus, ou instituições com funções de caráter museológico, apostando cada vez mais em exposições temporárias, próprias desta nova corrente museológica, necessitam, constantemente, de novos objetos para elaborar essas exposições. “(...) *Un buen nivel de investigación no sólo revitaliza al museo, sino que incide directamente en el éxito del mismo como centro de documentación y como enclave cultural*”¹⁸⁴ e a realização da mesma “(...) *beneficia al propio investigador, al conservador, al museo y, en definitiva, mediante su divulgación, a toda la sociedad.*”¹⁸⁵

Nos museus do século XIX, bem como na museologia tradicional, onde ainda predominava a ideia do colecionador e dos gabinetes de curiosidades, preceituava-se que todas as peças na posse do museu deveriam estar expostas. Quanto maior o número objetos ostentados melhor. São frequentes as imagens e fotografias destes museus com as paredes completamente revestidas de quadros. Contudo, com a chegada da nova corrente museológica, nasce a noção de reserva e de salvaguarda, por oposição à ideia de exhibir. Com as exposições a tornarem-se temáticas, as peças tornaram-se num fio condutor e as coleções podem ser contadas de maneiras diferentes. A reserva conquista aqui, também, um papel

¹⁸² ALONSO FERNÁNDEZ, Luis – **Museología: introducción a la teoría y práctica del museo**, p. 25.

¹⁸³ HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca – **Manual de museología**, p. 283.

¹⁸⁴ GARCÍA-ORMAECHEA Y QUERO, Carmen – **La investigación externa en el museo**, p. 291.

¹⁸⁵ GARCÍA-ORMAECHEA Y QUERO, Carmen – **La investigación externa en el museo**, p. 291.

importante, pois os museus começam a guardar algumas das suas peças, utilizando outras nas exposições em constante mudança.

É esta alternância entre as peças em exposição e aquelas em reserva que vai permitir a existência de exposições temporárias. Com elas dá-se a “(...) *conocer patrimonio del propio museo que está en reserva, o se puede mostrar patrimonio cedido, que no pertenece al museo(...)*”¹⁸⁶, proporcionando um maior número de oportunidades para exposições, pois é, também, por esta altura que se começam a fazer cedências ou trocas entre museus para a realização de exposições temporárias. Segundo os pressupostos da nova museologia, um museu não deve ficar ou estar parado no tempo, argumentando alguns que essa situação nem sequer é possível, uma vez que o museu “(...) *varía según va cambiando la colección, las necesidades sociales, según se vaya adecuando a los tiempos (...) la renovación es constante, tanto por la presión social como por las necesidades de la colección*”¹⁸⁷, “(...) *cada cierto tiempo aparecerá la ansiedad de una renovación (...)*”¹⁸⁸

Os objetivos desta corrente museológica estão direcionados no sentido de “(...) *reflexionar sobre el futuro de una institución llamada a ser el centro de la vida cultural del mañana, a partir de la conservación de un patrimonio vuelto a ser vivo (...)*”¹⁸⁹ Para os levar a cabo são utilizadas avançadas técnicas museográficas, quase inexistentes na corrente anterior, e que passam a ter maior peso. Desde o início da museologia tradicional, que se deram avanços nas novas tecnologias que vêm agora permitir a cenografia das salas de exposição no sentido de criar harmonia entre os objetos e o espaço envolvente, permitindo uma experiência mais interessante e intensa ao visitante. Na verdade, as representações de locais e ambientes nas

¹⁸⁶ PRATS, Carmen – **Plan museológico y exposiciones temporales**, p. 44.

¹⁸⁷ JULIÁN BAQUEDANO, José – **La renovación permanente del museo**, p. 37.

¹⁸⁸ JULIÁN BAQUEDANO, José – **La renovación permanente del museo**, p. 41.

¹⁸⁹ Apud ALONSO FERNÁNDEZ, Luis – **Museología: introducción a la teoría y práctica del museo**, p. 25.

exposições passam a ser práticas comuns. Também o aparecimento dos *mass media* teve relevo na adoção da museografia por parte dos museus.¹⁹⁰

Para Luís Alonso Fernández “(...) *la museografía trata diversos aspectos, desde el planteamiento arquitectónico de los edificios a los aspectos administrativos, pasando por la instalación climatológica y eléctrica de las colecciones. Las actividades propias de la museografía son de carácter evidentemente técnico, afectando de modo fundamental al continente de los museos; y al contenido desde el punto de vista más literalmente físico y material.*”¹⁹¹ No fundo, estas técnicas que envolvem a materialidade da peça têm o intuito de, mantendo o carácter didático, tornar as exposições mais interativas e agradáveis ao visitante, provocando emoções, para que este possa continuar a apreender os conhecimentos de uma forma lúdica pois “(...) *las emociones ayudan a fijar conocimientos.*”¹⁹²

A nova museologia caminha no sentido de expor comunicando com os públicos através da realização de um espetáculo.¹⁹³ De facto, a transmissão de conhecimentos ao visitante toma especial importância nesta corrente museológica, a peça deixa de estar presente apenas para ser admirada e contemplada, como acontecia previamente, mas também para comunicar saberes e, na opinião de alguns autores, suscitar dúvidas.

Com o aparecimento da nova museologia o museu passa a disponibilizar de outras valências que atualmente se demonstram indispensáveis. O ideal seria que em todo o museu se pudesse encontrar: serviços de relações públicas, auditório, depósito ou reserva, loja, cafetaria e/ou restaurante, gabinete de investigação, laboratório de conservação e restauro, receção, direção e gestão, centro de documentação, gabinete de museografia, centro de formação, espaços exteriores, liga de amigos e salas de exposição permanente e temporárias.

¹⁹⁰ HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca – **Manual de museología**, p. 287.

¹⁹¹ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis – **Museología: introducción a la teoría y práctica del museo**, p. 37.

¹⁹² PARDO, Jordi – **Ideas e ideología en el proyecto museológico**, p. 67.

¹⁹³ ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz – **Iniciación à Museologia**, p. 137.

No entanto, no presente, são poucos os museus, em todo o mundo, que têm capacidades financeiras e humanas para sustentar uma instituição deste calibre.

Esta nova corrente museológica preconiza que o museu deve transformar-se em um espaço “(...) *donde se dude, se confronte y se discutan no sólo las formas de representación y comunicación, sino lo que se presenta y comunica (...), los museos han de convertirse en espacios para la «acción comunicativa», donde el visitante sea confrontado con los dilemas de la sociedad contemporánea a través de los ojos de la historia y la memoria crítica (...).*”¹⁹⁴

4.4. CENTRO DE INTERPRETAÇÃO

Ainda no capítulo anterior desta dissertação apontámos a descontextualização de que o Portugal dos Pequenitos é vítima; onde a presença do patrono e ideólogo, do arquiteto, bem como o contexto de criação estão, em nossa opinião, subdesenvolvidos. Depois de perceber que esta é a situação em que o Portugal dos Pequenitos se encontra, e segundo os pressupostos da nova museologia, chegámos à conclusão que a melhor solução para atenuar esta lacuna de conhecimentos é a criação de um centro de interpretação que se torne parte integrante da visita ao parque.

Antes de mais, um centro de interpretação é “(...) *um equipamento com serviços destinados à apresentação, comunicação e exploração do património cultural.*”¹⁹⁵ A nossa proposta de estabelecimento de um destes centros no Portugal dos Pequenitos caminha no sentido de enfraquecer a descontextualização e falta de vocação didática, especialmente para o público adulto. O centro ficaria encarregue de “(...) *organizar exposições, audiovisuais, visitas guiadas. Permitiria acolher os visitantes e dinamizar in situ os recursos naturais e culturais (...)* oferecendo uma *leitura interpretada do património cultural, algo não evidente na simples contemplação de objetos e rituais*

¹⁹⁴ NAVARRO ROJAS, Óscar; TSAGARAKI, Christina – **Museos en la crisis: una visión desde la museología crítica**, p. 56.

¹⁹⁵ PÉREZ, Xerardo Pereiro – **Turismo Cultural: uma visão antropológica**, p. 237.

*(...) serviria para construir um olhar sob o património cultural e a cultura que o visitante ou turista vão ler.*¹⁹⁶

Para a gestão dos futuros projetos museológicos a realizar no centro de interpretação proposto e para garantir maior operacionalidade e precisão do projeto propomos que a FBB, e mais precisamente os encarregados do Portugal dos Pequenitos e do património museológico a cargo da mesma fundação, no qual também se encontra inserida a Casa Museu Bissaya Barreto, considerem a formação e anexação de um Conselho Consultivo ao seu organigrama. Os membros, voluntários, que formem este conselho, não remunerado, serão pessoas respeitadas e experientes que, apesar de não possuírem conhecimentos gerais nas áreas de *marketing*, finanças e gestão de recursos humanos, ajudem na tomada de decisões em áreas de limitação das outras entidades de poder. Outro dos requisitos para pertencer a este Conselho Consultivo seria a obrigatoriedade de autonomia tanto da FBB como do Portugal dos Pequenitos com o intuito de tornar as tomadas de decisão o mais imparciais possíveis.

Preferencialmente, os membros do Conselho Consultivo devem ser provenientes das distintas áreas do conhecimento, no caso concreto seria de interesse albergar membros das áreas de história, museologia, arquitetura, arquivística, animação cultural, etc. Garantir-se-iam, assim, a interdisciplinaridade, indispensável em equipas de trabalho deste género, pois permite diferentes visões sobre o mesmo assunto ou tema, alargando as formas de atuação uma vez que *“(...) solamente con una mirada interdisciplinar podemos diseñar proyectos solventes y de calidad. Los proyectos tienen que ser diseñados, desarrollados, reflexionados, por un conjunto de ópticas distintas... por equipos multidisciplinares.”*¹⁹⁷ Estas equipas de trabalho interdisciplinar apenas enriquecem as atividades propostas, conduzindo a um resultado mais satisfatório.

Este conselho é visto como um “meio-termo”, mas que tem a possibilidade de aproveitamento da consultoria externa. A adoção de um Conselho Consultivo tem a vantagem de oferecer imparcialidade e conhecimentos. Encontrando-se o Portugal dos Pequenitos situado numa cidade universitária, é relativamente simples conseguir formar tal

¹⁹⁶ PÉREZ, Xerardo Pereiro – **Turismo Cultural: uma visão antropológica**, p. 237.

¹⁹⁷ PARDO, Jordi – **Ideas e ideología en el proyecto museológico**, p. 69.

conselho; por exemplo, através de convites da FBB a professores universitários, alunos, licenciados, aproveitando a fundo o carácter universitário da cidade.

4.4.1. EDIFÍCIO

O primeiro obstáculo com que nos deparamos para a criação deste centro é a sua localização física uma vez que no interior do Portugal dos Pequenitos existe apenas um edifício para adultos, a Casa da Criança Rainha Santa Isabel, que ainda se encontra no ativo. Apesar de ser possível propor a sua desativação para posterior instalação do centro, a construção de um edifício novo tem determinadas vantagens, em relação a apenas uma adaptação, difíceis de resistir. Primeiro, é mais fácil de construir, segundo, ao contrário de um edifício recuperado, não está ligado à história da sua própria atividade. Além disso, não tem resistência a mudanças que se ocupam de um edifício já existente pelo que é permitido inovar.¹⁹⁸ A verdade é que muitas poucas vezes a renovação de edifícios não criados para o efeito permite a funcionalidade, versatilidade e flexibilidade para o fim previsto; a adaptação dos mesmos à normativa museográfica moderna é mais difícil e custosa e a sua extensibilidade é, quase sempre, nula.¹⁹⁹

A construção do edifício que vai albergar o centro de interpretação terá lugar na zona Sul do Portugal dos Pequenitos, depois da referida Casa da Criança, no terreno doado pela gerência da Quinta das Lágrimas, onde esteve o edifício denominado Relógio de Sol, desmontado em 2010, e que atualmente se encontra vazio. A escolha desta localização deve-se ao facto de, presentemente, este ser o único local em toda a área do Portugal dos Pequenitos que permite uma construção da magnitude que estamos a propor. No que toca ao estilo arquitetónico do edifício, acreditamos que, neste caso, a opção por um projeto contemporâneo seria a mais inteligente sempre e quando um dos seus objetivos fundamentais é despertar o interesse, sobretudo o do visitante. O projeto contemporâneo conquista por contraste em comparação com o restante espaço arquitetónico que o envolve.

¹⁹⁸ PARDO, Jordi – **Ideas e ideología en el proyecto museológico**, p. 63-64.

¹⁹⁹ ZUBIAUR CARREÑO, Francisco Javier – **Curso de museología**, p. 99.

Tratando-se o nosso projeto de um centro de interpretação, e não de um museu, é evidente que a dimensão do projeto arquitetónico será obviamente menor. Contudo, tal como acontece com os museus, também para ele existem determinadas áreas obrigatórias e fundamentais para um funcionamento eficiente e eficaz. No entender de Francisco Javier Zubiaur Carreño, um museu deve dividir-se em: áreas públicas, ou seja, a zona de entrada; espaços privados, onde estão as áreas destinadas à gestão administrativa das coleções, o gabinete do diretor e conservadores e, dependendo das necessidades da coleção, devem ainda ter-se em conta outros profissionais, documentalistas, restauradores, fotógrafos, pessoal administrativo, etc.; espaços de serviços, as salas de climatização, segurança, central telefónica, salas de documentação e biblioteca, oficinas, laboratórios, salas de armazenamento ou reserva, a sala de embalagem e a sala de manutenção do edifício; o sector dos objetos, o maior compartimento de todos, comumente designado de salas de exposição; o sector social, áreas de descanso (parques, pátios interiores, zona de fumadores, restaurantes, etc.), áreas de trabalhos manuais (salas de trabalhos práticos); áreas de serviços sociais (cafeteria, telefones, loja, etc.), áreas dedicadas à educação (auditório, biblioteca, salas de conferências, etc.); finalmente, os sectores especiais, destinados à administração, direção, conservação e documentação.²⁰⁰

Considerando que seria nossa intenção que o centro de interpretação que estamos a propor abra a visita ao Portugal dos Pequenitos, a existência da área pública, ou zona do *ball* de entrada, é indispensável, pois é onde vai estar situado o balcão de atendimento que receberá os visitantes, funcionando também como bilheteira. Esta zona da receção terá acesso a outras sete grandes áreas. A primeira área, dividida por quatro salas, ligadas entre si, é onde vão ter lugar as exposições de carácter permanente. A segunda área, é uma outra sala de exposição, neste caso para as exposições temporárias. Estas duas áreas poderão estar conectadas entre si. No entanto, o acesso entre elas não será livre, pois é nossa intenção criar tarifários distintos para cada uma das exposições dando possibilidade ao visitante de escolher o itinerário da sua visita e permitindo ao utilizador habitual visitar apenas a exposição

²⁰⁰ ZUBIAUR CARREÑO, Francisco Javier – **Curso de museología**, p. 91-95.

temporária sem necessidade de pagar bilhete para as duas exposições quando já visitou a permanente numa ocasião anterior.

A terceira área vai aportar um auditório onde se possam realizar diversos tipos de atividades desde lançamentos de livros, conferências, colóquios, reproduções audiovisuais, etc. A existência de um auditório neste tipo de instituições é sempre importante, pois, para além de atividades relacionadas com o local, vai permitir, também, a cedência ou aluguer para a realização de eventos sem qualquer ligação com o parque, sendo, em última instância, gerador de receita. A quarta área está reservada para a cafetaria. Apesar de já existir uma no Portugal dos Pequenitos²⁰¹, esta encontra-se localizada em pleno parque e, no caso, de estar a decorrer uma conferência ou colóquio não faz qualquer sentido obrigar os participantes a entrar e percorrer quase metade do parque para usufruir deste serviço.

A quinta destina-se aos serviços administrativos. Aqui estarão situados os diversos gabinetes, uma vez que atualmente, os escritórios do Portugal dos Pequenitos se encontram dentro de uma das salas da secção dedicada à capital no Portugal Monumental e, tratando-se de uma adaptação, as condições estão longe de serem as ideais. Assim, acreditamos que a sua transferência para o centro de interpretação é a decisão mais lógica, uma vez que, com uma construção prevista para o efeito, os espaços de trabalho são os apropriados, facilitando o acesso e a organização. Na mesma área estarão situados ainda os arquivos administrativos, as salas para reuniões e a sala de segurança.

A sexta área, está reservada para a criação de um centro de documentação onde esteja toda a informação na posse da FBB, acerca do Portugal dos Pequenitos. Atualmente a informação disponível para consulta sobre o Portugal dos Pequenitos, que é bastante considerável, encontra-se no CDB, na Casa Museu Bissaya Barreto. Contudo, com a construção do centro de interpretação faz apenas sentido que essa seja para ali transferida, permitindo ao visitante ter acesso imediato, se assim o desejar, a informação sobre o parque

²⁰¹ A cafetaria do Portugal dos Pequenitos situa-se no Portugal Monumental, no bloco dos monumentos do Algarve, mais especificamente ao transpor a Porta manuelina da Matriz de Monchique.

que acabou ou está prestes a visitar. A incorporação de nova documentação ficaria também facilitada.

Por último, a sétima área, destinar-se-ia à criação de uma loja. Apesar de já existir uma loja no Portugal dos Pequenitos, esta encontra-se mais direcionada para crianças. Nela podemos encontrar brinquedos, livros de histórias, material escolar e alguns artigos exclusivos do Portugal dos Pequenitos. No entanto, a loja do centro de interpretação estaria dividida em livraria onde passaria a ser possível encontrar publicações a respeito do local, a biografia de Bissaya Barreto, publicações sobre o arquiteto, publicações da FBB, publicações sobre as exposições e respetivos catálogos, etc. A outra parte seria dedicada a artigos do Portugal dos Pequenitos, o Digital Versatile Disc (DVD), os comuns mas sempre apreciados postais, os blocos de notas, canetas, lápis, ímanes, etc.

Quanto às áreas técnicas, as salas de climatização, salas de armazenamento e reserva, oficinas e sala de manutenção do edifício, indispensáveis mesmo a um centro de interpretação, não devem, em nossa opinião, estar ligadas com as anteriores. Teriam portanto, uma entrada independente, menos perceptível ao público em geral do que a óbvia entrada principal, o que permitiria um acesso mais restrito e, no caso de avarias e/ou manutenções, a execução de reparações por parte das equipas técnicas sem afetar os visitantes.

4.4.2. EXPOSIÇÕES

No que concerne ao conteúdo, cada uma das quatro salas de exposição permanente vai estar dedicada a quatro temas que consideramos fundamentais para a compreensão do Portugal dos Pequenitos no seu todo, a saber: o criador Bissaya Barreto, a contextualização sociopolítica de criação do parque, o seu arquiteto e a FBB. *“El término «permanente» se utiliza para distinguir las exposiciones pensadas a largo plazo de aquellas proyectadas a más corto plazo o temporales (...) el concepto se refiere a una duración mínima de diez años”*²⁰², pois é *“(...) difícil que dicha*

²⁰² ZUBIAUR CARREÑO, Francisco Javier – **Curso de museología**, p. 333.

*exposición, si no se renueva continuamente, mantenga para siempre el frescor o despertar de manera renovada el interés del público asiduo. Sin embargo, es una exposición necesaria de referencia (...).*²⁰³

A primeira sala, dedicada apenas ao ideólogo do Portugal dos Pequenitos, deve ser uma exposição biográfica da vida, mas principalmente da obra de Bissaya Barreto. Nesta exposição estariam presentes os momentos mais marcantes da vida de Bissaya Barreto desde a vida de estudante em Coimbra, passando pela presidência da Junta da Província da Beira Litoral, até à criação da FBB. Em relação à sua passagem, como aluno, pela Universidade de Coimbra pode exibir-se documentação dessa mesma instituição, as capas dos tempos de estudante, fotografias, extratos de jornais, e outras publicações da época, já que Bissaya Barreto participou nos movimentos estudantis. Seria ainda mencionado o seu trabalho enquanto professor e médico-cirurgião, as críticas jornalísticas e as obras *Subsídios para a História...* e *Uma obra social realizada em Coimbra*. Quanto aos aspetos da vida política, o número de documentação disponível para exibição — atas, fotografias, correspondência, entrevistas, etc. — é interminável. Grande parte desta informação já se encontra tratada no CDB, onde atualmente está disponível para consulta.

A segunda sala, anexa à primeira, será dedicada ao contexto de criação do Portugal dos Pequenitos, onde, inevitavelmente, se vai abordar o período do Estado Novo, a decisão de criação do parque no âmbito da Exposição do Mundo Português, a escolha do arquiteto, bem como a relação de amizade entre Bissaya Barreto e o então Chefe de Governo, António de Oliveira Salazar. Para a organização desta exposição não bastam apenas os documentos disponíveis no CDB, ou na posse da FBB e seria absolutamente necessária a intervenção de historiadores e especialistas em história do Estado Novo e os seus eventos culturais. Haveria aqui, mais uma vez, a oportunidade de colaboração com a Universidade de Coimbra ou outras Universidades do país.

A terceira sala de exposição permanente, também anexa às anteriores, é dedicada inteiramente ao arquiteto do Portugal dos Pequenitos. De facto, a única menção a Cassiano

²⁰³ PRATS, Carmen – **Plan museológico y exposiciones temporales**, p. 44.

Branco que podemos encontrar neste local é uma placa, do lado esquerdo do portão de ferro forjado, a primeira entrada para o Portugal dos Pequenitos, onde se pode ler “*Portugal dos Pequenitos, Arquiteto Cassiano Branco, Lisboa.*” Tal como propusemos para a sala de Bissaya Barreto, também a sala de Cassiano Branco, deve iniciar-se com uma abordagem biográfica, referências a trabalhos anteriores de Cassiano Branco. Pois a FBB é proprietária, como único acionista²⁰⁴, do Hotel Luso, também projetado pelo mesmo arquiteto. Seria ainda indispensável dar a conhecer o impacto da obra de Cassiano Branco na arquitetura moderna portuguesa nas décadas de 1920 e 1930. No entanto, a parte mais abrangente desta exposição deveria ser, obviamente, respeitante aos estudos, desenhos e plantas do arquiteto Cassiano Branco para o Portugal dos Pequenitos, aos quais dedicou mais de um terço da sua vida. Na exibição seriam utilizados exemplares na posse da FBB, também disponibilizados no CDB, porém, seria indispensável uma parceria com o Arquivo Municipal de Lisboa, uma vez que o arquivo particular de Cassiano Branco à sua guarda e onde está a maior parte desta documentação, foi adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa em 1990²⁰⁵ (vinte anos após a sua morte).

O fundo arquivístico dos documentos de Cassiano Branco para os estudos do Portugal dos Pequenitos está dividido exatamente pelas mesmas áreas que o parque: Portugal Monumental, Portugal Metropolitano e Portugal Insular e Aquém e Além-Mar. Este é composto ao todo por desenhos, plantas, fotografias e anotações, mais especificamente: 16 documentos da Casa da Criança; 385 documentos do Portugal Metropolitano; 26 do pátio dos animais; 68 da Casa de Coimbra; 136 do Portugal Monumental (20 do Alentejo, 12 do Algarve, 6 das Beiras, 10 do Douro, 38 da Estremadura, 17 do Minho, 16 do Ribatejo e 17 de Trás-os-Montes); 93 do Portugal Insular e Além-Mar; 161 de etnografia e 21 de variados (nos

²⁰⁴ MARQUES, ROSETTE – **Salvaguardar um legado da Fundação, da vila do Luso e da região**, p. 4.

²⁰⁵ NEVES, Helena – **Inventário do Espólio de Cassiano Branco**, p. 51.

quais se encontram estudos sobre as colónias, localidades do país, monumentos nacionais, considerações sobre os pavilhões, etc.).²⁰⁶

Finalmente, a quarta e última sala, ainda anexa às anteriores, é dedicada por completo à FBB. Aqui ela pode dar a conhecer aos visitantes outras das suas valências, como por exemplo a Quinta dos Plátanos, atual sede da FBB, o Grande Hotel do Luso, a Pousada de Vila Pouca da Beira ou Convento do Desagravo, a Quinta da Zombaria, o Edifício do Largo da Sé em Leiria; bem como as áreas em que esta ainda atua, o Colégio Bissaya Barreto, o Instituto Superior Bissaya Barreto e as Casas da Criança. A escolha pela apresentação de uma exposição desta temática é, no nosso entender, não apenas de interesse para o Portugal dos Pequenitos, mas para a própria FBB, pois dá a conhecer o seu patrono, as realizações que concretizou em vida e o trabalho continuado pela mesma fundação após a sua morte.

No que concerne às estratégias de comunicação da exposição a empregar nas quatro salas principais acima descritas, as opções são mais que muitas. Estas estratégias secundárias de comunicação (pois as primárias são os objetos e a exposição em si²⁰⁷), como havíamos referido previamente, existem para “(...) *presentar [los conocimientos] de manera que proporcionen la mayor diversión/ entretenimiento posible.*”²⁰⁸ Segundo alguns estudos o uso de “(...) *gráficos, dibujos, mapas y fotografías juegan un papel positivo (...) a la hora de ayudar al visitante en la comprensión y fijación de las ideas (...)*”²⁰⁹ o que se revela extremamente favorável à nossa causa uma vez que, a maior parte dos materiais a ser utilizados nestas exposições, são exatamente esses. Existem ainda a possibilidade de “(...) *maquetas (...), videos, cdroms, etc.*”²¹⁰ Mais uma vez, aparece o ênfase para a “(...) *espectacularización de lo expuesto (...) fascinar al público con los procesos,*

²⁰⁶ NEVES, Helena – **Inventário do Espólio de Cassiano Branco**, p. 51-58.

²⁰⁷ ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz – **Iniciação à Museologia**, p. 143.

²⁰⁸ FERNÁNDEZ DE MATA, Ignacio – **Reflexiones para un museo**, p. 116.

²⁰⁹ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis; GARCÍA FERNÁNDEZ, Isabel – **Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje**, p. 99.

²¹⁰ FERNÁNDEZ DE MATA, Ignacio – **Reflexiones para un museo**, p. 116.

*herramientas y materiales que han de introducirles en la historia a través de su conocimiento.*²¹¹ No entanto, convém lembrar que *“el espectáculo, necesario, debe atraer, pero no distraer (...).”*²¹² De facto, o equilíbrio entre os dois é deveras delicado havendo sempre o risco de pender para um dos lados. O mesmo acontece com a quantidade de informação fornecida numa exposição e a quantidade de informação absorvida pelo visitante. *“Existe un límite a la cantidad de información máxima que una visita puede reportar. De ahí la importancia de usar objetos, (...) éstos poseen mucha información implícita que cada visitante, individualmente, extraerá a su nivel.”*²¹³

Os textos, acompanhantes das peças, são um caso mais delicado, primeiro, porque os estudos revelam que, a maioria dos visitantes, não os chega sequer a ler²¹⁴, o que vai gerar uma lacuna de conhecimentos e, segundo, porque torna o movimento e a circulação do visitante mais lenta, situação que acaba por levar à primeira. É precisamente para evitar que os textos fiquem por ler que se devem diminuir ao mínimo. Na opinião de Maria Beatriz Rocha-Trindade, estes deveriam até funcionar apenas como *“(...) notas explicativas, claras e suficientemente concisas (...).”*²¹⁵ Independentemente, o principal critério a ter em conta é que *“la historia contada a través de los textos debe estar en total armonía con el diseño”*²¹⁶ e com os objetos; mas um texto corretamente elaborado deve ainda encerrar legibilidade e visibilidade. No caso de textos interativos o público faculta maior atenção e a informação fica retida mais facilmente.²¹⁷ Existe ainda a possibilidade de audiovisuais que sendo apenas *“(...) elementos de*

²¹¹ FERNÁNDEZ DE MATA, Ignacio – **Reflexiones para un museo**, p. 116.

²¹² PRATS, Carmen – **Plan museológico y exposiciones temporales**, p. 45.

²¹³ PRATS, Carmen – **Plan museológico y exposiciones temporales**, p. 45.

²¹⁴ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis; GARCÍA FERNÁNDEZ, Isabel – **Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje**, p. 99.

²¹⁵ ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz – **Inicição à Museologia**, p. 142.

²¹⁶ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis; GARCÍA FERNÁNDEZ, Isabel – **Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje**, p. 98.

²¹⁷ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis; GARCÍA FERNÁNDEZ, Isabel – **Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje**, p. 100.

*apoyo a la exposición, y nunca deben substituir al objeto real (...)*²¹⁸ ajudam à captação de informação por parte do visitante.

No entender de Luís Alonso Fernández e Isabel García Fernández existem quatro tipos de exposições: simbólicas, que têm como finalidade a glorificação, ostentação dos objetos; comerciais, que vinculam o valor da obra; documentais, que estão intimamente ligadas com o valor informativo dos objetos e a estética inerente ao valor artístico das obras.²¹⁹ No entanto, Francisco Javier Zubiaur Carreño propõe outra tipologia: emotivas, que têm como objetivo provocar uma reação emotiva ao visitante; didáticas, dirigidas à transmissão de informação, e as como entretenimento, que não pretendem apenas instruir mas também divertir os públicos.²²⁰ Segundo estas classificações, as exposições que propusemos precedentemente seriam então de tipo documental e didáticas e, dependendo da forma de apresentação, de entretenimento.

Quanto à sala de exposições temporárias, esta deve ser um espaço aberto e amplo, de forma a permitir uma fácil remodelação e adaptação para cada exposição que receber. Como referimos esta pode estar conectada com as salas de exposição permanente, porém, a passagem de visitantes terá de ser controlada uma vez que o bilhete para as visitas das distintas exposições é facultativo e pago em separado. As bases para a criação, organização e montagem de exposições temporárias são praticamente as mesmas que aquelas de uma exposição permanente, tendo esporadicamente algumas *nuances*.

*“(...) Las exposiciones temporales, se trata de una práctica o actividad del museo que es no sólo recomendable sino que hasta diríamos que imprescindible. Las exposiciones temporales son las que permiten al museo «estar en cartel», dinamizan el museo y promueven la fidelización de público.”*²²¹ A designação

²¹⁸ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis; GARCÍA FERNÁNDEZ, Isabel – **Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje**, p. 104.

²¹⁹ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis; GARCÍA FERNÁNDEZ, Isabel – **Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje**, p. 18.

²²⁰ ZUBIAUR CARREÑO, Francisco Javier – **Curso de museología**, p. 337.

²²¹ PRATS, Carmen – **Plan museológico y exposiciones temporales**, p. 44.

temporária implica um prazo mais breve, em termo de comparação com a permanente, mas difícil de quantificar²²² pois depende de demasiados fatores (calendário da instituição, duração do empréstimo das peças, condições de acondicionamento das peças, etc.).

4.4.3. FINANCIAMENTO

O financiamento deste projeto, numa situação ideal, como em qualquer outro projeto de carácter museológico, deve provir de várias fontes: públicas, privadas, de instituições culturais e educativas e de visitantes.²²³ Neste sentido é possível receber subsídios da administração pública, ofertas, patrocínios e doações, “*la administración pública contribuye con sus fondos (...), los filántropos también contribuyen (...) con dotes, que son invertidas (...) y utilizan sus intereses para costear los gastos (...), coleccionistas (...) acrecientan (...) con donaciones y legados(...).*”²²⁴ No entanto, não devemos esquecer que a FBB, instituição detentora do Portugal dos Pequenitos, é uma fundação de cariz privado, logo, o sector público não tem a obrigação de sustentar o seu funcionamento, como, segundo o autor Francisco Javier Zubiaur Carreño, deveria acontecer com as instituições públicas.²²⁵ Em contrapartida, ao se tratar de um centro de interpretação de uma instituição privada vai depender financeiramente dessa mesma instituição e, como normalmente acontece nestas situações, as verbas vão para a instituição, neste caso a FBB, e o centro de interpretação não vai beneficiar diretamente delas.²²⁶

Todavia, o centro de interpretação, mais tarde, poderá gerar as suas próprias fontes de receita. Existem as verbas da bilheteira, a conceção da cafetaria, bem com as reproduções. É nossa intenção, que o centro detenha um tarifário independente para a exposição permanente, para as temporárias e para o parque. Este cenário vai permitir aos visitantes, principalmente aos frequentes, visitar apenas o que há de novo sem necessidade de pagar um

²²² ZUBIAUR CARREÑO, Francisco Javier – **Curso de museología**, p. 333.

²²³ ZUBIAUR CARREÑO, Francisco Javier – **Curso de museología**, p. 192.

²²⁴ ZUBIAUR CARREÑO, Francisco Javier – **Curso de museología**, p. 192.

²²⁵ ZUBIAUR CARREÑO, Francisco Javier – **Curso de museología**, p. 193.

²²⁶ LORD, Barry; LORD, Gail Dexter – **Manual de gestión de museos**, p. 29.

bilhete completo para ver apenas a exposição temporária, notando que já percorreu a permanente antes. A escolha deste método de pagamento de entradas somente acarreta vantagens para o centro de interpretação, pois incentiva o visitante a regressar para outros eventos, uma vez que este paga apenas pelos serviços que vai usufruir o que, por consequência, leva a um aumento de visitantes para as exposições e eventos temporários conduzindo, no longo prazo, a receita. Existe ainda a possibilidade óbvia de incentivar os atuais patrocinadores e subsidiários do Portugal dos Pequenitos a investir no futuro centro de interpretação.

4.5. NOVO ITINERÁRIO

Após a edificação do centro de interpretação, e segundo os conteúdos propostos, seria aconselhável que a visita se iniciasse exatamente por este centro para depois continuar para o parque; pois só assim faria sentido no processo de transmissão de conhecimentos. No entanto, o local que propusemos para a construção do centro de interpretação, a zona mais a Sul do Portugal dos Pequenitos, é precisamente do lado oposto à atual entrada do parque e, não tem qualquer cabimento pedir ao visitante que atravessasse todo o Portugal dos Pequenitos para visitar em primeiro lugar o centro de interpretação e depois voltar a percorrer o caminho inverso para a visita do parque. De forma a corrigir esta situação, voltamos a propor o primeiro itinerário do Portugal dos Pequenitos que foi também o apresentado por Bissaya Barreto e que deveras se praticava aquando da sua abertura.

A entrada seria então feita pela porta lateral esquerda do Portugal dos Pequenitos, aquela mais a Sul possível, para que desta forma o centro de interpretação fosse o primeiro edifício com que o visitante tivesse contacto. Depois de percorrer o seu interior e ter visitado a exposição permanente e a temporária, se assim o entender, bem como as suas valências, o visitante passa ao parque, que constitui agora a segunda parte da visita.

Atravessando o caminho entre a Casa da Criança, que continuaria ativa, e os jardins onde se encontram a estátua da Rainha Santa, a estátua de Luís de Camões e o globo terrestre, depara-se com o portão azul em ferro forjado, onde do seu lado esquerdo está

então colocada a placa com o nome do arquiteto. Ao transpor o portão o visitante entra finalmente no Portugal dos Pequenitos, para o conjunto de casas regionais, o primeiro a ser construído, onde existe “(...) *uma aldeia completa, civilizada com as suas casas de habitação, seus arruamentos (...), sua iluminação (...), sua igreja e residência paroquial, seu passeio público com coreto para a música, sua praça nobre ornada de um grande monumento, seu lagar, azenha, venda, alminhas, casa de ferrador (...)* *uma montanha a valer (...)* [em] *cujos flancos irrompem vagonetas carregadas de minério, porque no seu seio existem em plena exploração (...)* *as minas do Mondego*”²²⁷; depois, “*ao atravessarmos o Arco de Almedina, deparamos com um grande pátio onde se continuam a ver vários aspetos da Coimbra artística e monumental (...).*”²²⁸ Posteriormente o Portugal Monumental, a mescla de miniaturas de monumentos nacionais do Norte a Sul do país, onde se encontra a outra cafetaria e loja; seguido do Portugal Insular. Por fim, para acabar a visita, a Capela das Missões que abre o Portugal Ultramarino com os pavilhões em representação das ex-colónias portuguesas, que albergam as mini exposições no interior. A entrada do Portugal dos Pequenitos torna-se, com este percurso, a saída, como já antes o fora.

4.6. PLANO DE ATIVIDADES

Apesar de atualmente o Portugal dos Pequenitos possuir um plano de atividades bastante razoável, verificámos que, quase todos os eventos, são destinados a crianças e apenas com objetivos de animação. Compreendemos que assim seja visto que este é um espaço dedicado à diversão dos mais pequenos, mas também é verdade que as crianças, público sempre fiel do Portugal dos Pequenitos, deveriam também aí poder encontrar atividades que lhes dessem a conhecer as três áreas do parque, e fornecessem conteúdos de aprendizagem.

Para o público mais jovem do Portugal dos Pequenitos existe uma infinidade de atividades que podem realizar-se no local e lhes transmitam conhecimentos. Para além dos

²²⁷ JÚNIOR, Rocha – **Portugal dos Pequenitos: Um país de conto de fadas**, p. 7.

²²⁸ BRANCO, Cassiano – **Portugal dos Pequenitos (Casa de Coimbra)**, p. 20.

eventos de animação que já existem, e devem continuar a acontecer, principalmente nos meses de férias de verão; propomos que adicionalmente se realizem eventos com objetivos de ensinamento como as habituais visitas guiadas, representações, tempos livres, teatros, caças ao tesouro, peddy-paper, etc. Durante a realização destas atividades deve encontra-se sempre uma maneira de transmitir conhecimentos seja sobre a História de Portugal, os monumentos representativos do nosso país, as distintas tradições regionais, etc. Obviamente estas atividades além de terem em conta as idades do grupo de crianças participantes também deve ter em atenção o seu nível de escolaridade.

Para a realização destes eventos com faixas etárias mais novas seria extremamente enriquecedor ter voluntários, ou estagiários, das áreas de animação cultural e educação infantil a colaborar com o Portugal dos Pequenitos. A realização de estágios, curriculares ou não, permitiriam tornar os respetivos estagiários encarregues de organizar várias das atividades do programa de atividades anual do Portugal dos Pequenitos. Esta situação beneficiaria os dois lados uma vez que ajuda os estagiários a enriquecer o seu *curriculum* e constituiria uma ajuda para o Portugal dos Pequenitos que, para além de beneficiar com profissionais encarregues das atividades, não fica obrigado a fazer contratações para a realização das mesmas.

Além das atividades livres que acabámos de referir, poderiam coexistir também acordos com as escolas, principalmente até ao 2º ciclo do Ensino Básico, para se lecionarem aulas no local, sobretudo do período histórico da criação do Portugal dos Pequenitos. Como também promover projetos curriculares em parcerias com as mesmas escolas, que previssem a atribuição de prémios ao primeiro, segundo e terceiro lugares. Os trabalhos das escolas concorrentes podiam ainda originar exposições temporárias, no centro de interpretação.

No que concerne a atividades para adultos, a quantidade de possibilidades de exposições temporárias no Portugal dos Pequenitos, sobre o mesmo é igualmente interminável, uma vez que este tem intrínsecas inúmeras áreas do conhecimento (história, de Portugal e do estrangeiro; arquitetura; cultura; geografia; arte; educação; museologia; etc.). Ao serem “*las exposiciones temporales [que] sostienen el interés del público por el museo y atraen nuevo*

*público a la vez que hacen volver al «usuario»*²²⁹ é do maior interesse da instituição torná-las o mais diversificadas possível. Assim, existe a hipótese de exposições em parceria com outros museus, por exemplo, uma exposição sobre Macau em parceria com o Museu da Fundação Oriente, em Lisboa, que mantém coleções sobre vários países da Ásia (Macau, Timor, Coreia, China, Japão, Tailândia e Índia) e, tal como o Portugal dos Pequenitos, pertence a uma fundação de cariz privado mas de utilidade pública. Podem ainda realizar-se mostras de trabalhos de arquitetura de alunos da Universidade de Coimbra; uma possível reconstituição do antigo Museu da Criança, cujas peças ainda se encontram na posse da FBB; exposições sobre as Casas da Criança e a sua evolução das mesmas desde a sua criação; entre tantas outras eventualidades.

No que se refere a temas para colóquios, conferências e palestras, o mais próximos possível do Portugal dos Pequenitos, podendo obviamente também existir outros desligados, seria de interesse abordar o colonialismo português e/ou a sua presença no Portugal dos Pequenitos; a aldeia portuguesa na Exposição do Mundo Português, a sua influência na construção do Portugal dos Pequenitos, ou, diferenças e proximidades; a História de Portugal durante o Estado Novo e a política do “ser português”; a época barroca em Portugal; os estilos arquitetónicos presentes nos principais monumentos nacionais; o “português suave”; as culturas regionais; as elites na esfera política do Estado Novo; o regionalismo; a ruralidade; o património cultural imaterial; etc. Estes eventos tornam-se quanto mais interessantes quando os oradores sejam qualificados professores e especialistas convidados pela FBB para as respetivas atividades.

Uma possibilidade igualmente interessante seria a realização de um projeto de memórias que recolhesse testemunhos orais de várias entidades e pessoas que trabalharam para e no Portugal dos Pequenitos, ou apenas para e com Bissaya Barreto. Os testemunhos destas pessoas, que se encontram ainda com vida, constituem hoje uma importante fonte informação histórica sobre Bissaya Barreto, sobre o Portugal dos Pequenitos e sobre a FBB. A recolha poderia fazer-se em vários suportes (escritos, gravações de áudio ou gravações

²²⁹ PRATS, Carmen – **Plan museológico y exposiciones temporales**, p. 46.

vídeo) para depois ser integrada no CDB, ou no centro de documentação do centro de interpretação proposto, e pudesse estar à consulta, como documentação relevante na história de criação e evolução do Portugal dos Pequenitos. De facto, perder o relato das lembranças destas pessoas pode resultar numa perda incalculável de informação sobre a construção, abertura e funcionamento deste local nos seus primeiros anos de vida.

4.7. AVALIAÇÃO

Antes de cada exposição, temporária ou permanente, é necessário desenhar um projeto da mesma, que deve ser seguido cuidadosamente, onde estejam definidos os seus objetivos e os meios para os atingir e, após a sua realização, é necessário fazer a respetiva avaliação. As avaliações podem ser: quantitativas ou diretas e qualitativas ou estruturadas. A avaliação quantitativa é a mais simples de fazer e, na opinião de alguns autores, o número de visitantes, ou seja, o método quantitativo, da exposição é um fator direto do seu sucesso; Carmen Prats chega mesmo a afirmar que “*el éxito de público de una exposición es sin duda un buen índice de calidad de la misma.*”²³⁰ Os fatores que contribuem para o êxito são: o tipo de exposição, a temática e o carácter da exposição e, por fim, a difusão que se fez da atividade.²³¹ No entanto, em nossa opinião, a autora confunde êxito com qualidade, pois uma exposição muito divulgada vai ter um elevado número de visitantes, o que não significa obrigatoriamente que possua qualidade.

A avaliação qualitativa, é bastante mais complexa que a anterior, sendo as mais simples o livro de visitantes e as caixas de sugestões que “*(...) deben utilizarse con precaución, ya que las ideas expresadas no representan necesariamente las de una muestra representativa de público.*”²³² O método mais utilizado para a avaliação qualitativa é o questionário que, em comparação com

²³⁰ PRATS, Carmen – **Plan museológico y exposiciones temporales**, p. 46.

²³¹ PRATS, Carmen – **Plan museológico y exposiciones temporales**, p. 47.

²³² ALONSO FERNÁNDEZ, Luis; GARCÍA FERNÁNDEZ, Isabel – **Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje**, p. 174.

a entrevista, tem a desvantagem de possuir respostas pré-concebidas em que o visitante apenas escolhe aquela que mais se aproxima da realidade o que, grande parte das vezes, não corresponde exatamente à sua opinião. Por essa razão cada vez mais se opta por questionários com perguntas abertas que permitem ao visitante expressar a sua opinião, mas onde a análise se torna mais difícil. A entrevista, em grupo ou individual, a um determinado número de visitantes é o método mais eficaz da avaliação mas que pode demonstrar “(...) *falta de objetividad y no [es] representativa. Sin embargo, si se diseñan bien, (...) este tipo de evaluaciones puede resultar de gran ayuda.*”²³³ As principais desvantagens deste método são, “(...) *por un lado, el hecho de que el individuo no está dispuesto a conceder 20 minutos para una entrevista; y por otro, que dependen decisivamente de la personalidad del entrevistador.*”²³⁴ Independentemente, a realização da avaliação de todas as atividades deve ser obrigatória, pois ainda que os resultados não sejam totalmente precisos são o *feedback* mais fidedigno em que as instituições podem basear os seus estudos para realização de atividades futuras.

4.8. GESTÃO

“O aumento contínuo da diversidade de trabalhos desenvolvidos pelos museus no século XXI exige dos modelos de gestão administrativa novas formas de ação organizacional. (...) Pensar novas estruturas e procedimentos para a gestão de museus se faz necessário perante os avanços da tecnologia, a crescente modernização e informatização dos museus, a incorporação da representação da sociedade no processo de construção e dinâmica dos museus e os cada vez mais presentes conteúdos interdisciplinares. Atualizar a gestão de museus (...) é uma ação política de valorização e qualificação do papel dos museus na sociedade.”²³⁵

²³³ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis; GARCÍA FERNÁNDEZ, Isabel – **Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje**, p. 174.

²³⁴ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis; GARCÍA FERNÁNDEZ, Isabel – **Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje**, p. 174.

²³⁵ MOURA, Rafael Muniz de – **O gerenciamento de projetos aplicado a exposições museológicas**, p. 27.

“*La aplicación de las técnicas de gestión al mundo de los museos, las artes y la cultura en general, no debe hacerse de forma mecánica a imitación de lo que sucede en el mundo comercial e industrial, si no que siempre se ha de partir de la reflexión, del profundo conocimiento y respeto por la materia (...).*”²³⁶ Na gestão de projetos museológicos, realizados ou a realizar, é necessário ter em conta não só os “*(...) resultados previstos em relação ao público mas também atentar para a sua própria estrutura administrativa.*”²³⁷ De facto, a gestão é um processo circular que começa com análises e estudos (de público, de exposições, de peças, de técnicas expositivas, etc.), que levam à geração de objetivos que tomam forma no projeto e originam resultados que devem ser controlados e processados para depois serem avaliados originando *feedback* que, ao ser analisado, volta a gerar novos objetivos para a realização de novos projetos e assim em diante.²³⁸ Assim, “*la gestión sería por tanto unión de recursos, conocimientos acciones orientados a la consecución de resultados concretos, cuantificables, materiales.*”²³⁹

Na opinião dos autores Barry Lord e Gail Dexter Lord, a gestão de museus tem cinco funções principais: inspirar, no sentido à missão do museu; comunicar o mandato (objeto de dedicação da instituição); dirigir os esforços até à realização das metas; controlar a realização dos objetivos e avaliar o cumprimento das funções do museu.²⁴⁰ Todos eles estariam concentrados na pessoa do diretor. No fundo, a gestão de museus tem como objetivo principal garantir o bom funcionamento do museu, e pode ser fundamental na qualidade das suas funções e atividades. Contudo, “*a gestão pela qualidade nos museus (...) visa o monitoramento*

²³⁶ PEREZ MARTIN, Miguel Angel – *Gestion de museos*, p. 285.

²³⁷ MOURA, Rafael Muniz de – **O gerenciamento de projetos aplicado a exposições museológicas**, p. 27.

²³⁸ PEREZ MARTIN, Miguel Angel – **Gestion de museos**, p. 287.

²³⁹ PEREZ MARTIN, Miguel Angel – **Gestion de museos**, p. 287.

²⁴⁰ LORD, Barry; LORD, Gail Dexter – **Manual de gestión de museos**, p. 19.

*dos processos, a avaliação dos resultados obtidos e, sobretudo, a participação das pessoas (...), a participação da sociedade junto aos profissionais de museus (...).*²⁴¹

Nos museus devem ainda ser utilizadas técnicas de *marketing* apesar de estes se tratarem de instituições sem fins lucrativos. Aquelas que têm especial importância são: fidelizar os públicos, captar a atenção de novos públicos, ter impacto sob a opinião pública e as entidades culturais, influenciar a atitudes dos públicos perante a cultura, conectar-se com as fontes de financiamento e aumentar o ciclo de vida do produto oferecido.²⁴² “*La rentabilidad sociocultural, dependiente (...) de la buena gestión y administración de la institución museística (...)*”²⁴³, porém, é a “*capacitação dos profissionais em técnicas de gestão e administração [que] contribui para a valorização e o aperfeiçoamento do trabalho dos museus.*”²⁴⁴

²⁴¹ MOURA, Rafael Muniz de – **O gerenciamento de projetos aplicado a exposições museológicas**, p. 27.

²⁴² PEREZ MARTIN, Miguel Angel – **Gestion de museos**, p. 295.

²⁴³ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis; GARCÍA FERNÁNDEZ, Isabel – **Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje**, p. 63.

²⁴⁴ MOURA, Rafael Muniz de – **O gerenciamento de projetos aplicado a exposições museológicas**, p. 42.

CONCLUSÃO

Nesta dissertação abordámos a história do Portugal dos Pequenitos desde a idealização até à atualidade. Começámos por dar a conhecer o seu ideólogo, Bissaya Barreto, bem como o trabalho de assistência social que realizou materializado no âmbito das suas funções políticas na presidência da Junta da Província da Beira Litoral. Demos a conhecer o percurso biográfico do arquiteto Cassiano Branco, encarregue da realização do projeto do Portugal dos Pequenitos. Explicitámos o contexto sociopolítico de criação do parque, bem como as fases de construção do mesmo. Tivemos ainda a possibilidade de analisar e avaliar o Portugal dos Pequenitos no seu todo. Após esta avaliação pessoal, e com base na observação e estudo dos resultados da mesma, decidimos então quais as propostas a fazer com vista à revitalização do parque e quais as sugestões para o novo plano de atividades.

O principal objetivo a atingir com as propostas e sugestões de renovação são converter o parque, do ponto de vista museológico, um local mais atrativo, principalmente a adultos e especialistas, uma vez que as crianças são um público sempre fiel do Portugal dos Pequenitos. A análise e avaliação do parque não recaíram apenas sobre a construção arquitetónica, mas também sobre o recheio dos pavilhões que o constituem, a sua criação, as remodelações de que foram vítimas, as adaptações sofridas, o seu desenvolvimento até a atualidade e, em alguns casos, a sua extinção.

A 23 de Dezembro de 1959 é publicada no *Diário do Governo* a transferência do Portugal dos Pequenitos (e de várias outras instituições) para a FBB, a fundação de cariz privado criada com o Professor Bissaya Barreto ainda em vida, e que tem como objetivo continuar o trabalho de ajuda social por ele iniciado. Ainda hoje o Portugal dos Pequenitos se encontra sob a alçada desta fundação.

Aportámos os conceitos de parque temático e parque temático histórico. A noção de parque temático, ao contrário do que se pensa, não teve a sua origem nos conhecidos parques *Disney*, mas antes nas feiras medievais europeias e nos designados jardins do prazer do século XVIII. As exposições universais, muito em voga no século XX, também tiveram o seu

contributo para a evolução da história do conceito de parque temático, uma vez que foram estas as primeiras a ter em conta o transporte, vias de acesso, instalações sanitárias, etc. para eventos de grande escala. Os parques temáticos *Disneyland* revelaram-se inovadores apenas pela sua ligação com o cinema e porque associaram dois novos conceitos ao de parque temático: o lucro e o consumo de massas. Esta associação resultou na criação do complexo *Walt Disney World* que revolucionou e transformou a ideia de parque temático naquela que hoje a conhecemos.

Um parque temático, como o próprio nome indica, escolhe um determinado tema que aborda e explora com propósitos de entretenimento. Os temas podem ser dos mais variados, contos-de-fadas, animais, água, história, etc. No entanto, não devemos confundir parques temáticos que abordam uma temática histórica com parques temáticos históricos. Os primeiros continuam a ser apenas e só parques temáticos onde o principal objetivo é entreter o visitante, utilizando um tema histórico. Enquanto os segundos são perpetuadores de património imaterial de uma determinada região ou país.

Sendo o Portugal dos Pequenitos uma reprodução em miniatura do país que tomou como modelo e construído nesse mesmo tempo, reflete as ideologias políticas, sociais e culturais do Portugal dessa época, encerrando assim, em nosso entender, PCI. Daí a nossa proposta de candidatura de manifestação de PCI ao IMC, encarregue da classificação e salvaguarda de PCI no nosso país. Apesar de a aprovação não ser dado adquirido, acreditamos que faz todo o sentido tentar tal candidatura uma vez que esta apenas beneficiaria o Portugal dos Pequenitos e torná-lo-ia mais “apetecível” aos olhos dos visitantes e turistas.

O principal objetivo da edificação do centro de interpretação é contextualizar o visitante na idealização e criação do Portugal dos Pequenitos, bem como dar a conhecer o seu patrono, arquiteto e atual proprietária. Secundariamente tem ainda a intenção de, através de exposições temporárias, colóquios, palestras, aulas recreativas, etc., atrair e fidelizar novos públicos. Juntamente com as propostas para a realização de exposições permanentes e temporárias apresentámos ainda metodologias, de acordo com a nova museologia, para a

organização de uma exposição; demonstrando a indispensabilidade da realização prévia de um projeto expositivo com objetivos definidos.

Após a realização de cada exposição, ou qualquer outro projeto, é necessária a realização de uma avaliação com vista à excelência por parte da instituição organizadora. Para tal, apresentámos os possíveis métodos de avaliação a utilizar nestas situações: o quantitativo e qualitativo. Ambos utilizam o público como medidor e ambos possuem vantagens e desvantagens, resta assim à instituição escolher o mais apropriado ao seu caso devendo depois pô-lo em prática.

Os resultados obtidos de cada avaliação são de grande importância não apenas para a exposição ou evento que se realizou, mas também para a que se vai realizar. São estes que vão fornecer a informação necessária para que a realização da próxima atividade vá ao encontro das expectativas do público, uma vez que a gestão é processo circular. De facto, a realização do projeto de cada uma das atividades inicia-se com base em estudos e análises prévias. O projeto culmina na execução da atividade que, após o seu término terá sido objeto de avaliação. Aos resultados obtidos desta avaliação e ao *feedback* do público, deve aplicar-se um controlo que vai transformar os resultados em novo material de estudo e análise para a produção de projetos futuros; repetindo-se continuamente o processo.

No que concerne às pesquisas documentais para a realização desta dissertação deparamo-nos com alguns entraves de acesso e falta de informação. Deu-se a situação, já por nós anteriormente mencionada em nota de rodapé, relativa ao relatório sobre o estado de conservação das peças no interior do pavilhão do Brasil, e os inventários das peças expostas entre 1979-80 nos restantes pavilhões, aos quais nos foi negado o acesso. Relativamente às exposições, divididas por 4 salas, que se encontravam na zona de Coimbra (e das quais apenas resta a Sala dos Capelos) além do livro *Portugal dos Pequenitos (Casa de Coimbra)* de Cassiano Branco e outro, com o mesmo nome, de Rocha Júnior, nada conseguimos a respeito. Caso semelhante é o das duas exposições dedicadas à capital e das quais não parece existir qualquer tipo de registo, aliás, apenas nos foi possível provar a sua existência através

das duas fotos que se encontram em anexo. Pois, mesmo a Dr.^a Isabel Horta e Vale, aquando da nossa entrevista, parecia nada saber a respeito, tal como com o caso das salas de Coimbra.

As informações sobre o Museu da Criança, presente no Portugal dos Pequenitos desde 1966 até 1996, também não foram as de mais fácil acesso. No CDB apenas existe um pequeno panfleto/guia do museu mandado fazer aquando da sua abertura, bem como os blocos de apontamentos da conservadora. No entanto, e apesar de subsistir até 1996, nenhuma fotografia do mesmo se encontra disponível para consulta, sendo a informação presente conseguida através da entrevista com a Dr.^a Isabel Horta e Vale.

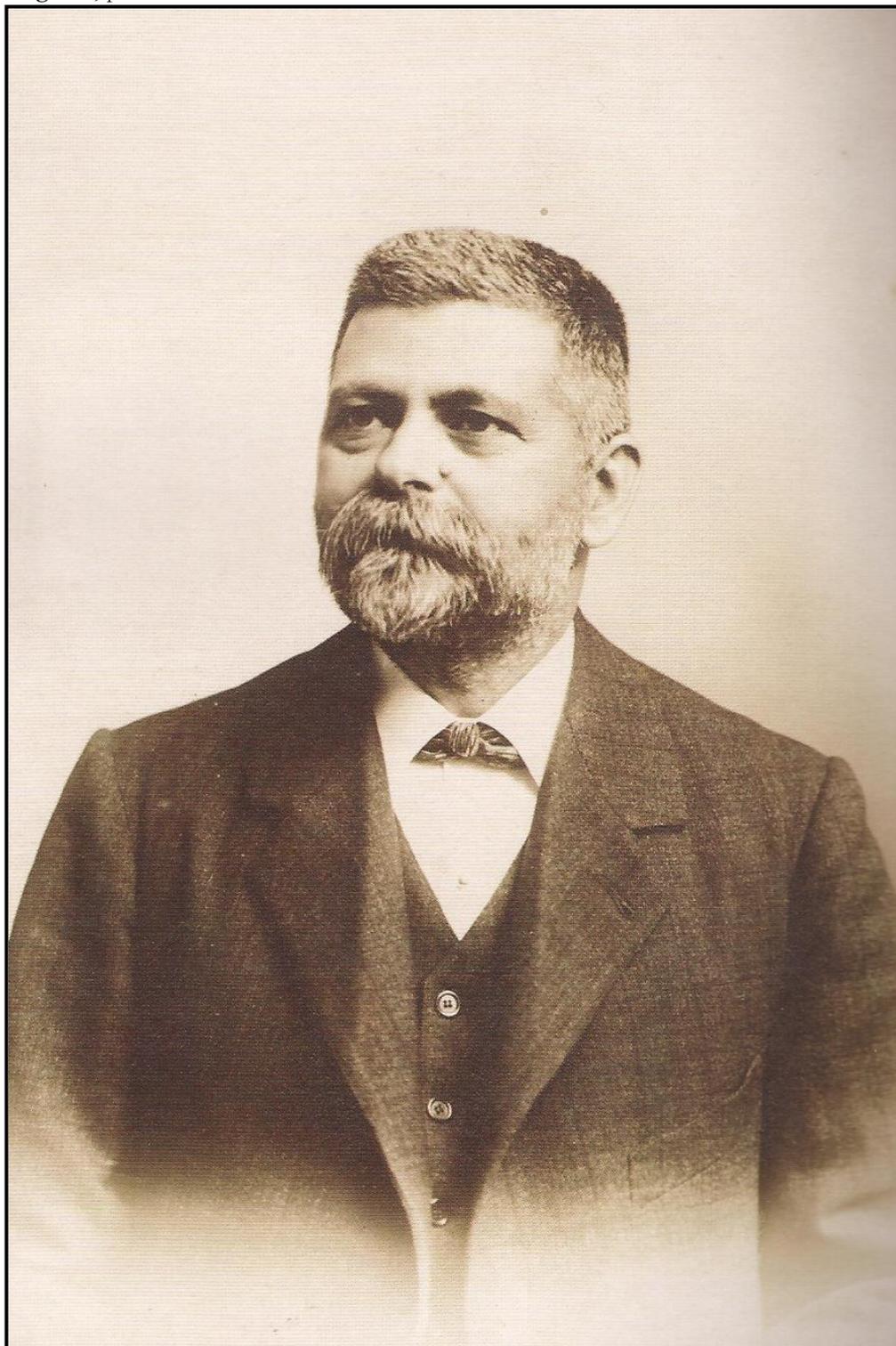
Confiamos com a realização desta dissertação ter dado a conhecer um pouco melhor o Portugal dos Pequenitos e o seu contexto de existência. Acreditamos também ter esclarecido algumas das alterações e desenvolvimentos que este parque e os seus conteúdos foram sofrendo ao longo do tempo e que, até agora, se encontravam escondidos (apesar de acreditarmos que muitos ainda o estão). Finalmente, esperamos que o Portugal dos Pequenitos continue a avançar e a adaptar-se e, no futuro, o possamos encontrar como um espaço museológico desenvolvido.

ANEXOS

Anexo 1

Fotografia de Albino Inácio Rosa, pai de Bissaya Barreto.

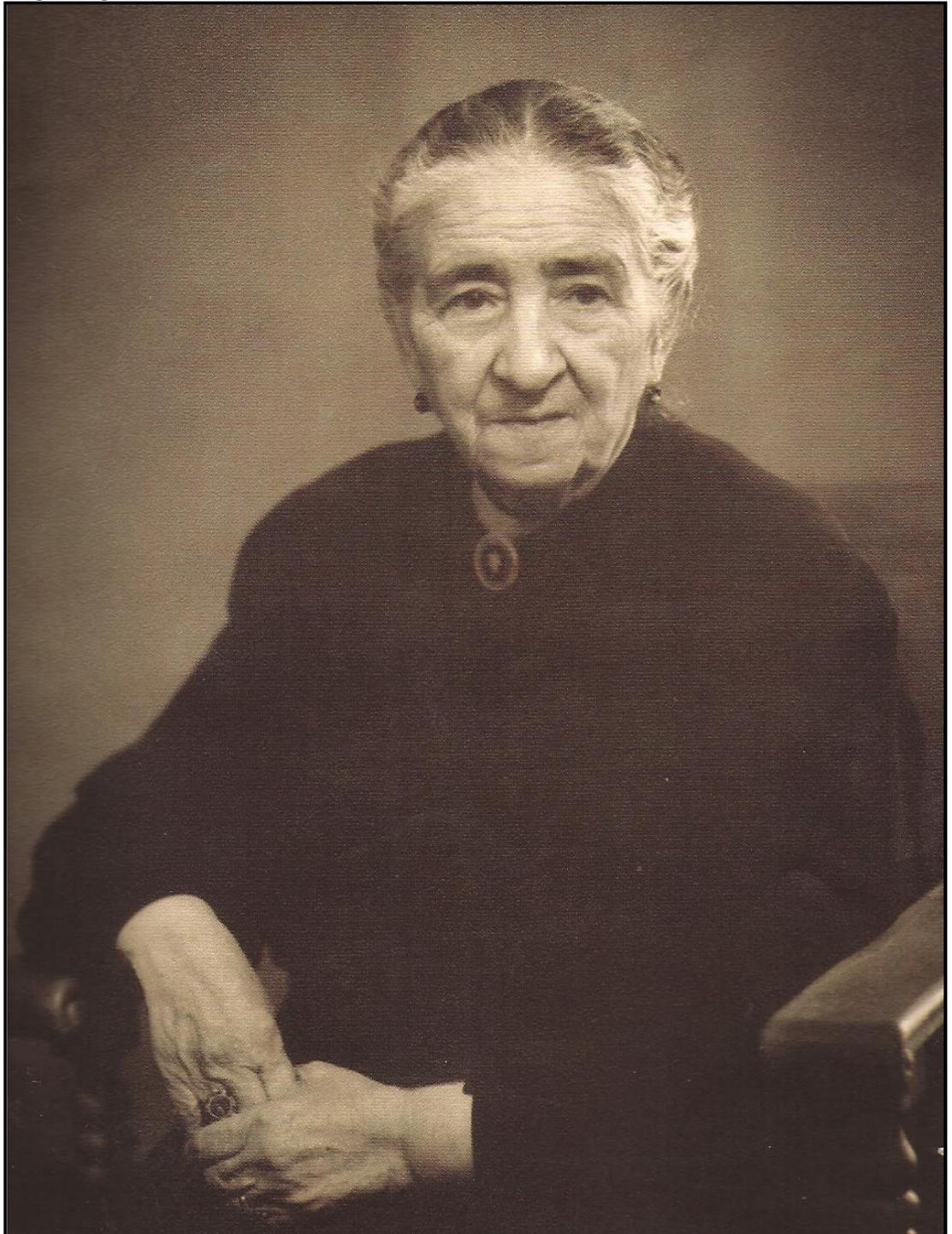
Fonte: FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya Barreto, um homem de causas**
fotobiografia, p. 12.



Anexo 2

Fotografia de Joaquina da Conceição, mãe de Bissaya Barreto.

Fonte: FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya Barreto, um homem de causas**
fotobiografia, p. 13.



Anexo 3

Fotografia de Bissaya Barreto com o traje académico, 1909.

Fonte: FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya Barreto, um homem de causas**

fotobiografia, p. 21.



Anexo 4

Fotografia de Bissaya Barreto com Borda e Capelo.

Fonte: FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Fundação Bissaya Barreto – 50 anos**, p. 35.



Anexo 5

Fotografia de Cassiano Branco.

Fonte: PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artificio 1897-1970**, p. 147.



Anexo 6

Fotografia do Hotel do Luso.

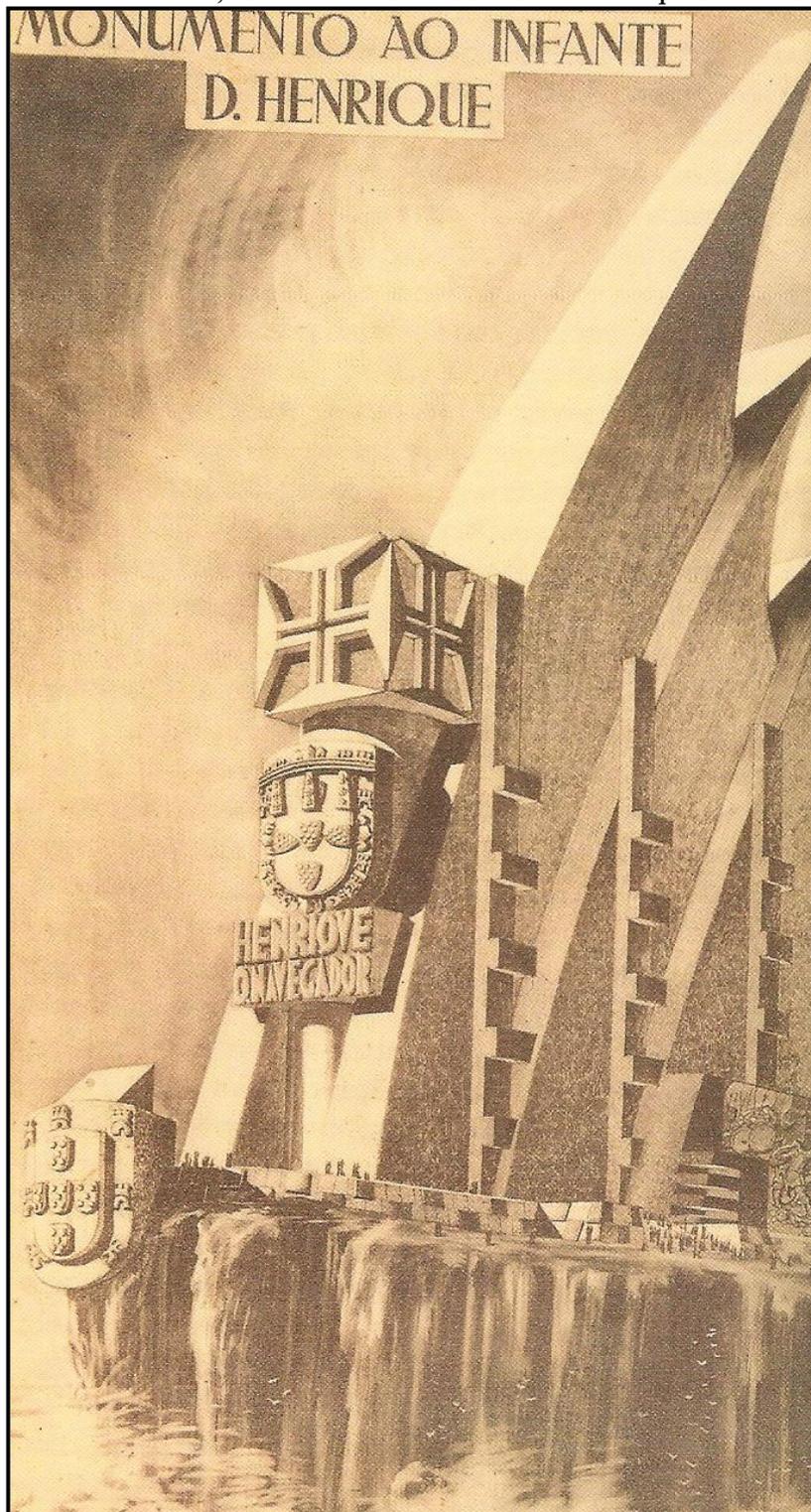
Fonte: PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artificio 1897-1970**, p. 93.



Anexo 7

Desenho da proposta de Cassiano Branco para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres, 1934.

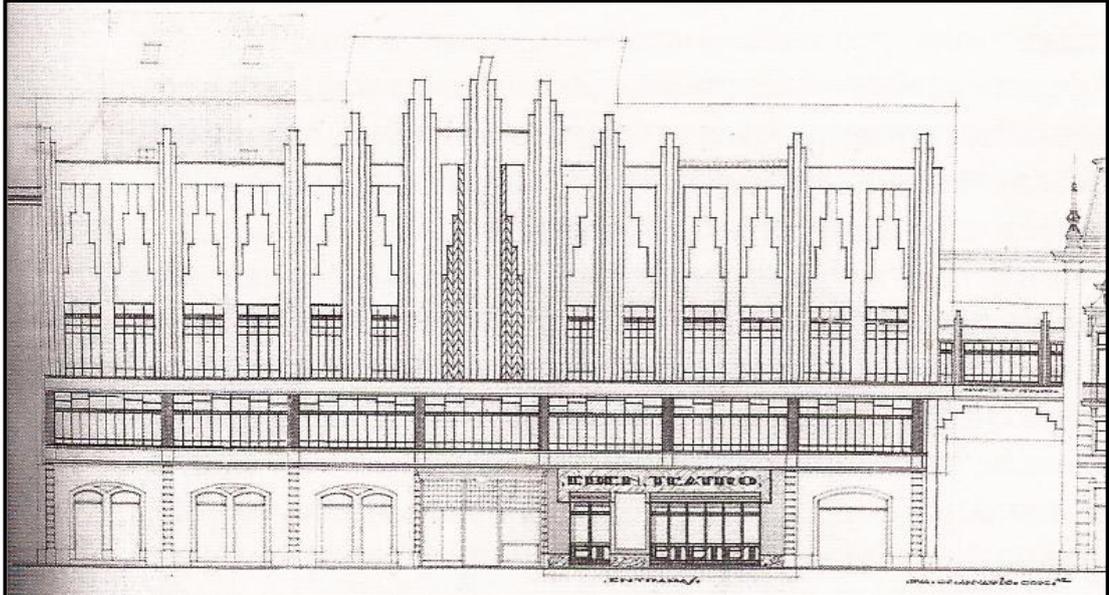
Fonte: PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artificio 1897-1970**, p. 47.



Anexo 8

Desenho da primeira proposta de Cassiano Branco para o Éden Teatro, 1929.

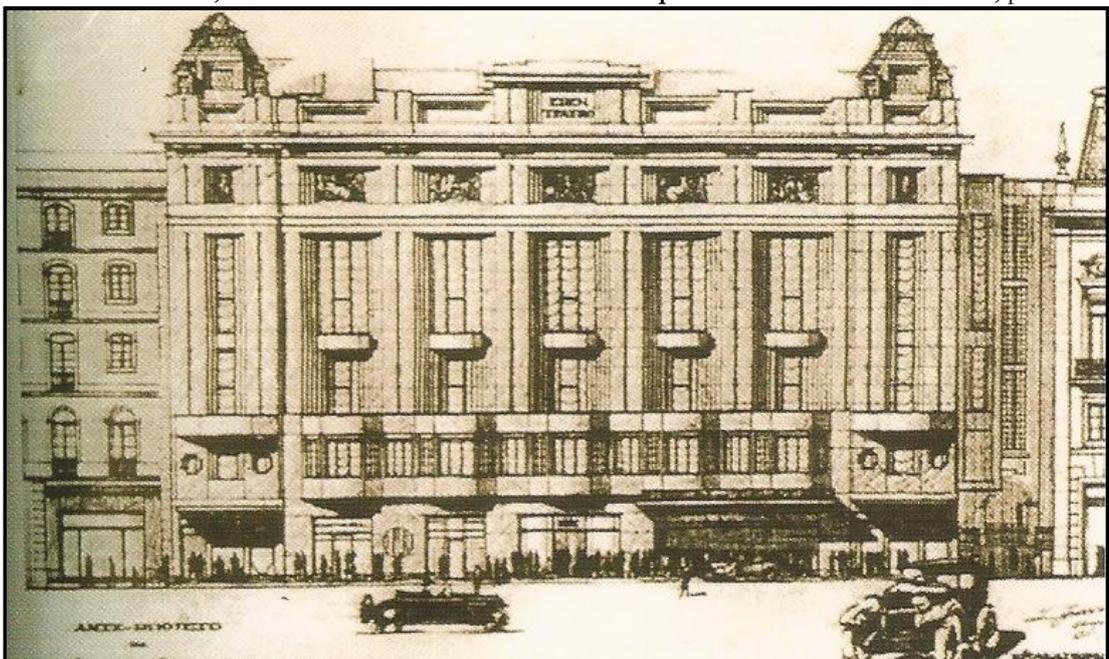
Fonte: PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artifício 1897-1970**, p. 40.



Anexo 9

Desenho da segunda proposta de Cassiano Branco para o Éden Teatro, 1930.

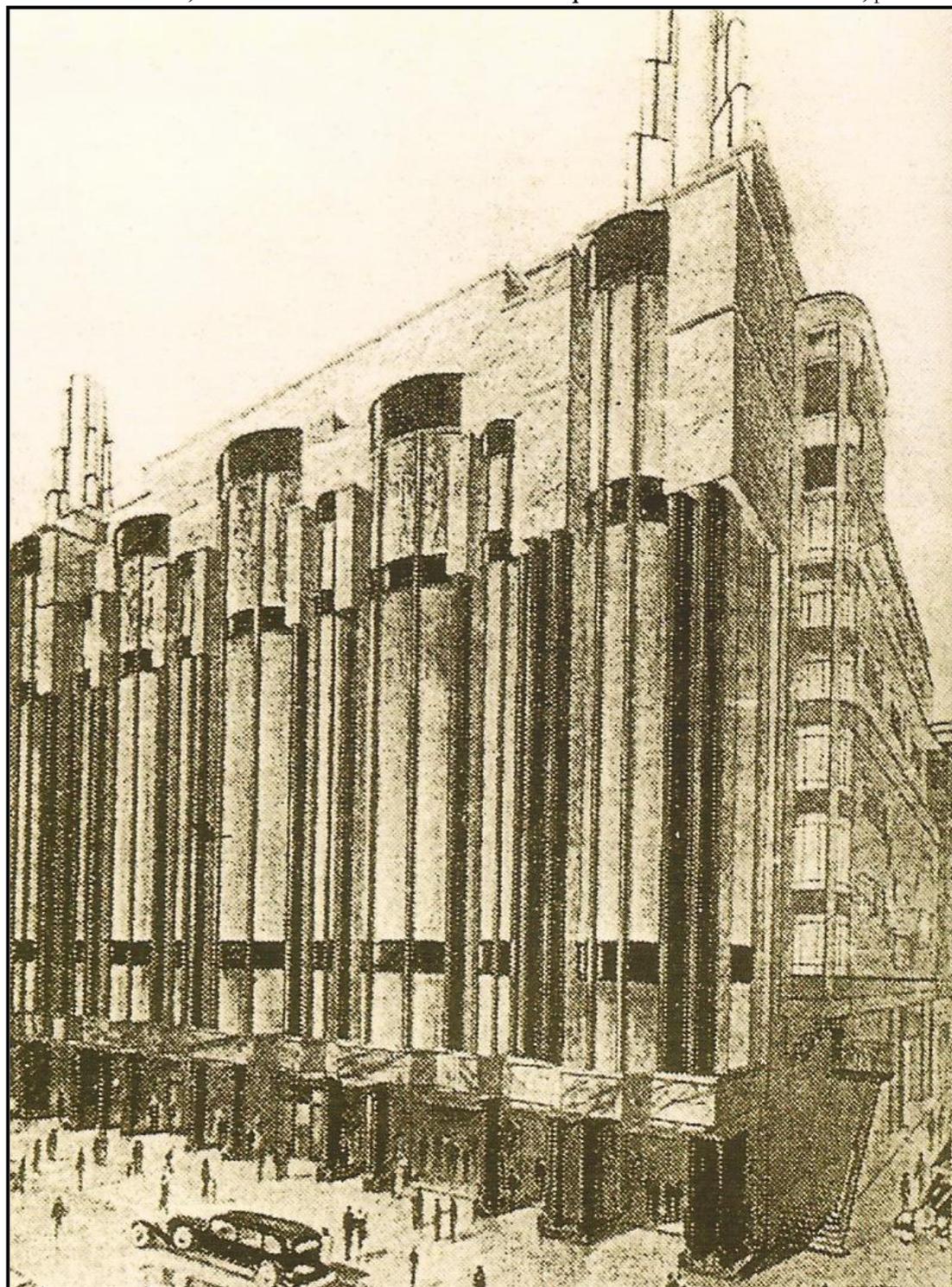
Fonte: PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artifício 1897-1970**, p. 41.



Anexo 10

Desenho da terceira proposta de Cassiano Branco para o Éden Teatro, 1931.

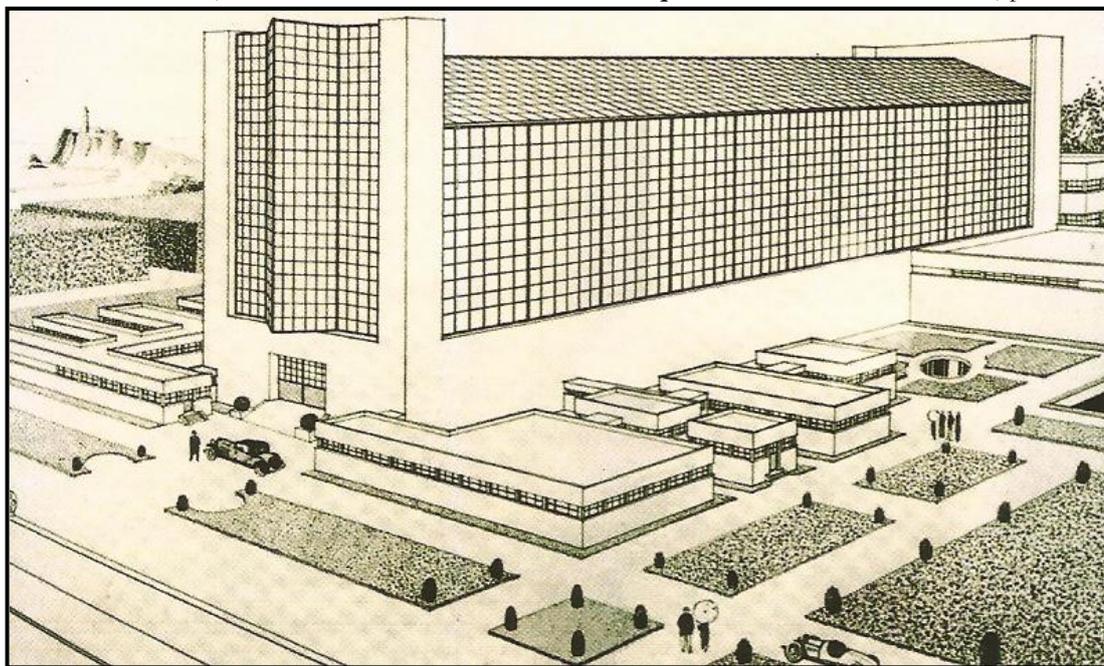
Fonte: PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artifício 1897-1970**, p. 41.



Anexo 11

Desenho da Cidade do Cinema Português em Cascais, 1930.

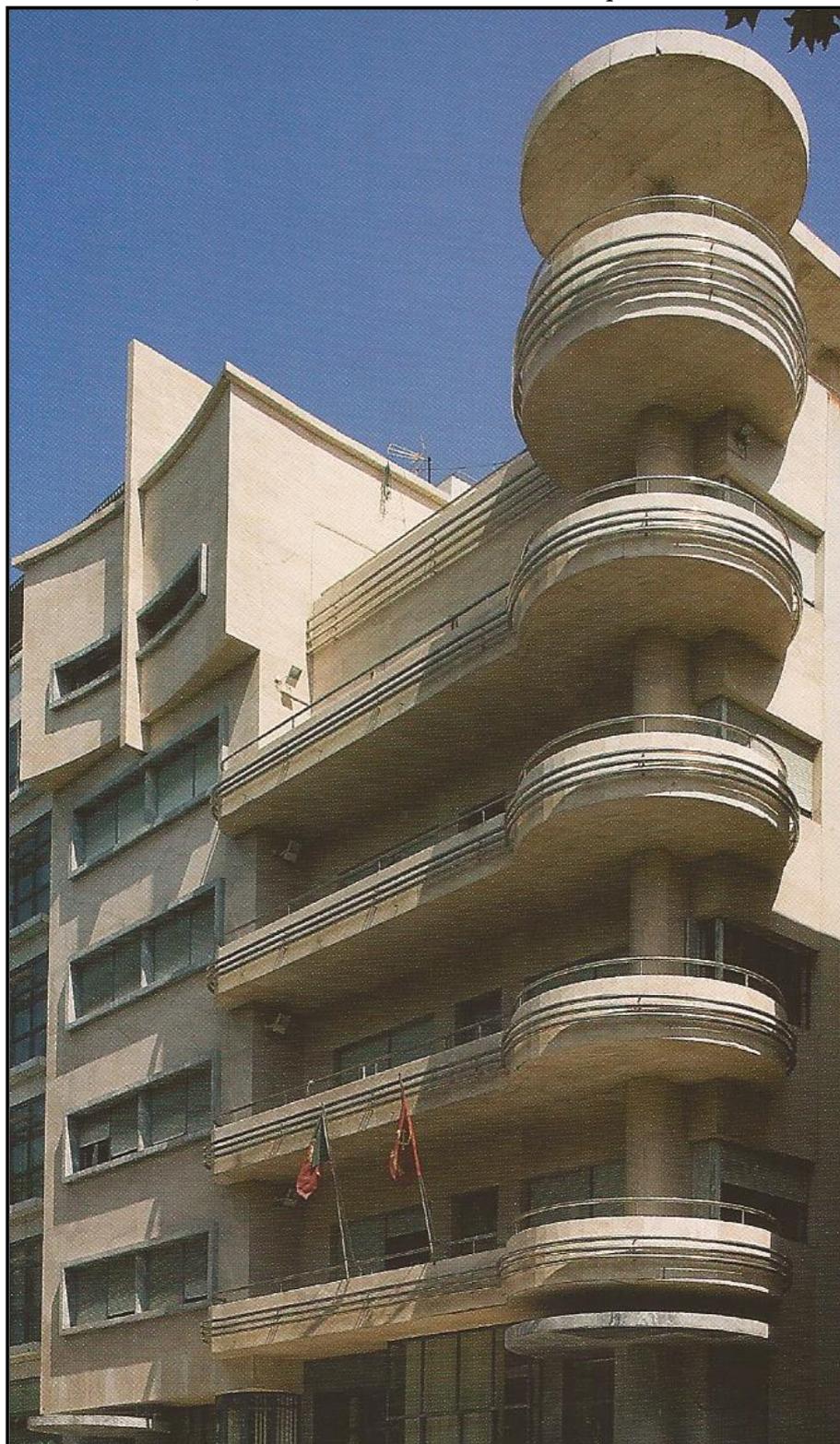
Fonte: PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artificio 1897-1970**, p. 32.



Anexo 12

Fotografia do Hotel Vitória em Lisboa.

Fonte: PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artificio 1897-1970**, p. 66.



Anexo 13

Fotografia da Inauguração do Portugal dos Pequenitos, 8 de Junho de 1940.

Fonte: FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya Barreto, um homem de causas**

fotobiografia, p. 78.

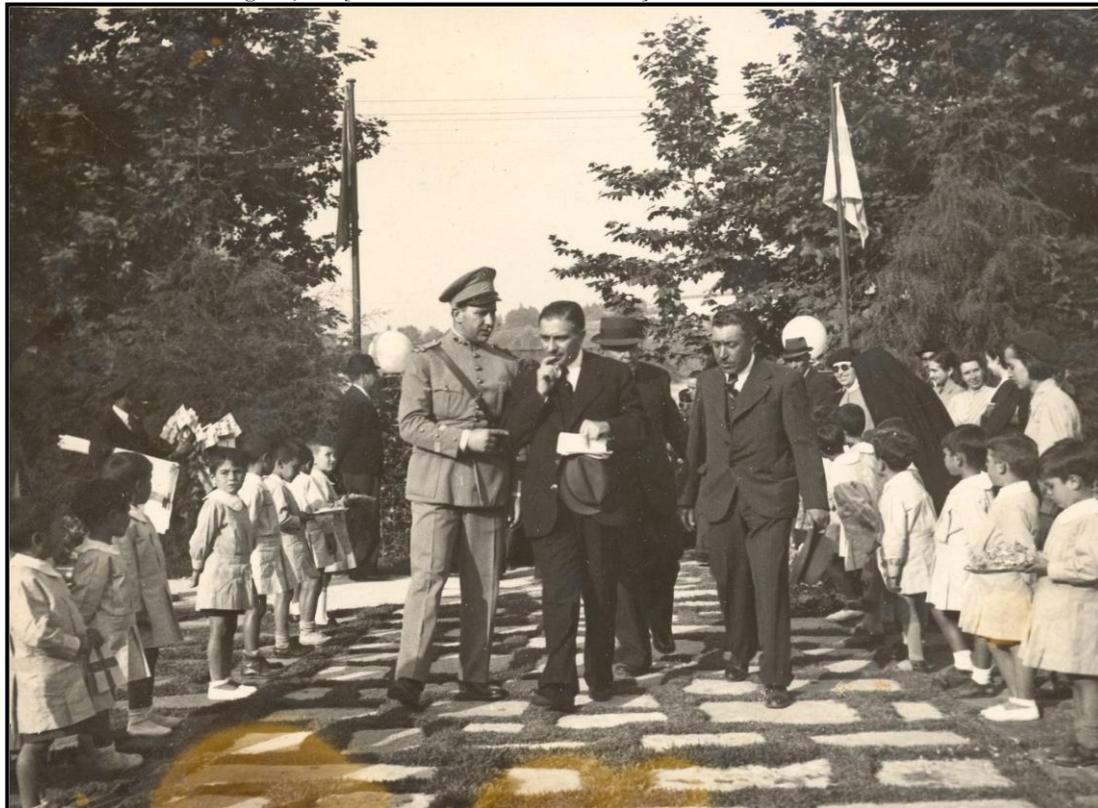


Anexo 14

Fotografia da Inauguração do Portugal dos Pequenitos, 8 de Junho de 1940.

Fonte: Fotografias do Professor Bissaya Barreto

Dos. 2 Inaugurações [FBB-BB-FOT-INAUG-285]



Anexo 15

Fotografia do Coliseu do Porto.

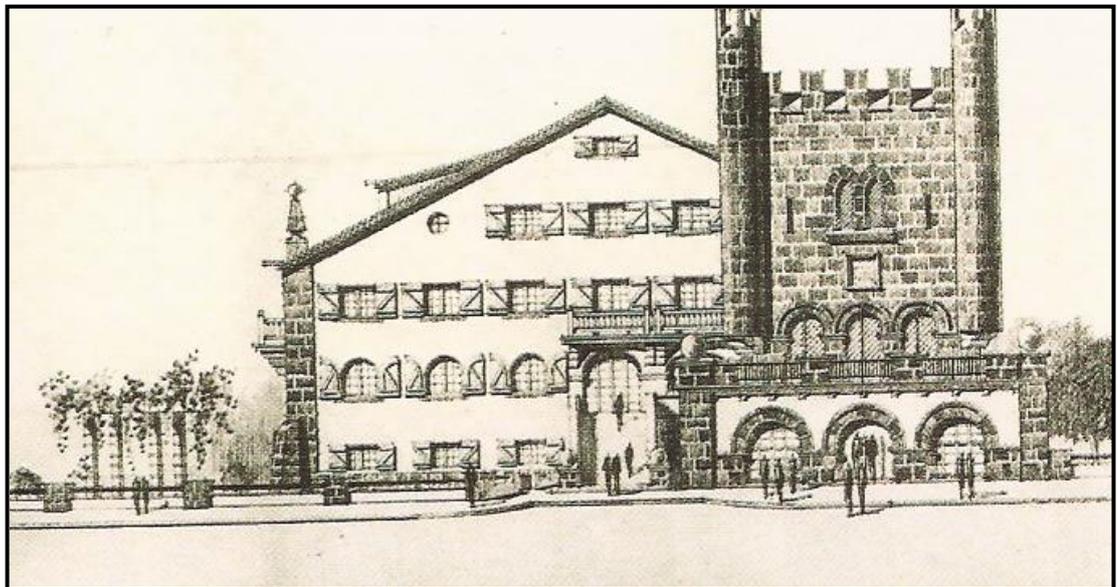
Fonte: PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artificio 1897-1970**, p. 89.



Anexo 16

Desenho da proposta de Cassiano Branco para o Hotel em Bragança, 1944.

Fonte: PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artificio 1897-1970**, p. 117.



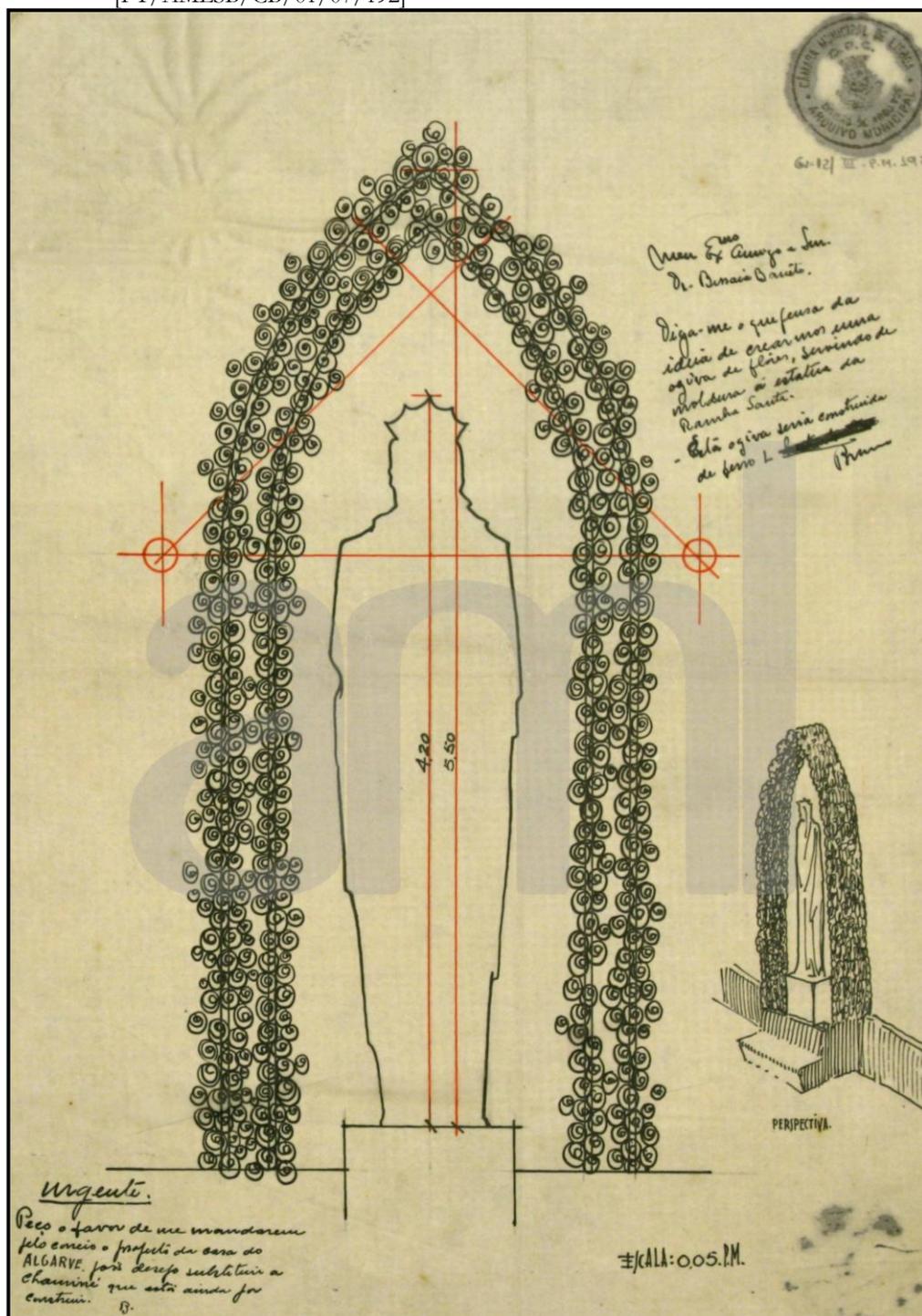
Anexo 17

Desenho de uma ogiva de flores para a estátua da Rainha Santa Isabel com notas de Cassiano Branco dirigidas a Bissaya Barreto, 1938.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – Fundo de Cassiano Branco

Plantas do Portugal dos Pequenitos

[PT/AMLSB/CB/01/07/192]

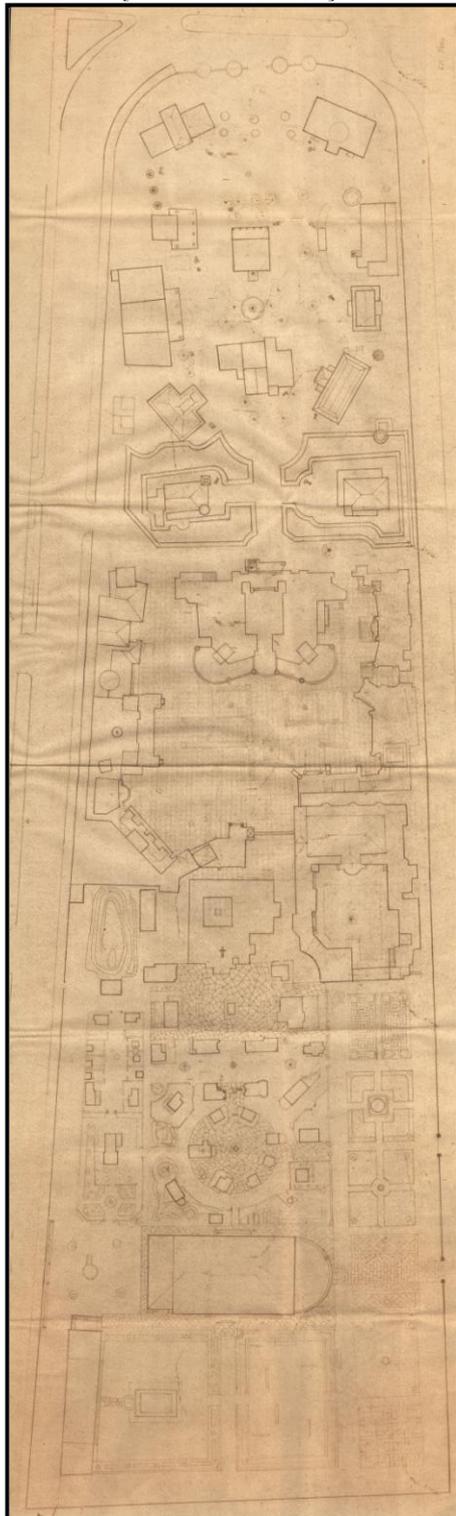


Anexo 18

Planta geral do Portugal dos Pequenitos.

Fonte: Plantas do Portugal dos Pequenitos

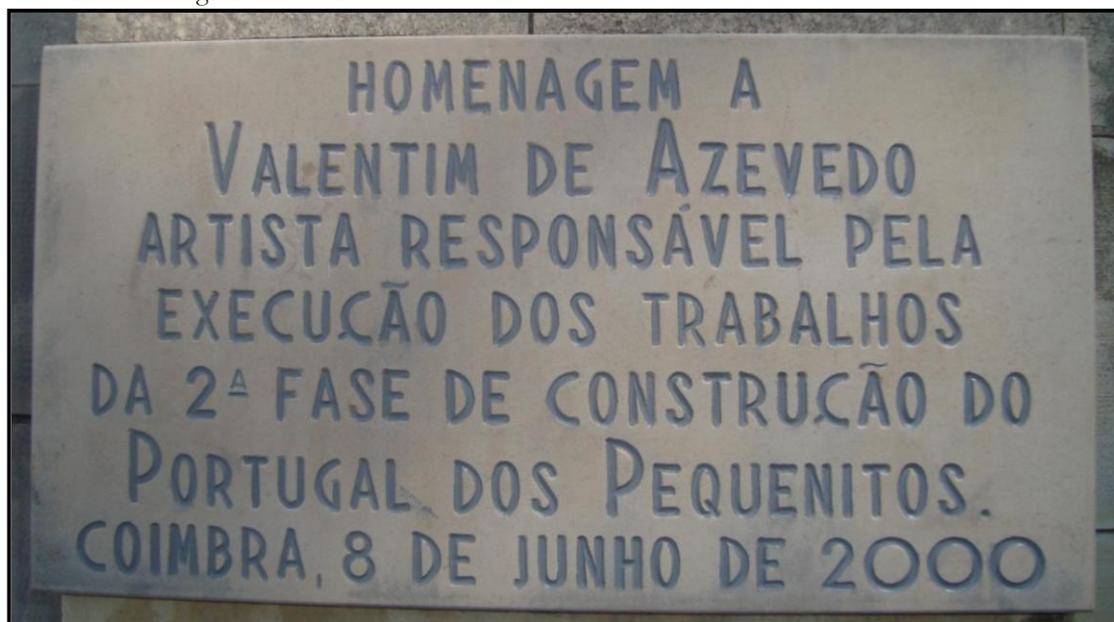
[FBB/PLAN/PP/3]



Anexo 19

Fotografia da placa de homenagem a Valentim de Azevedo no Portugal dos Pequenitos.

Fonte: Fotografia da autora

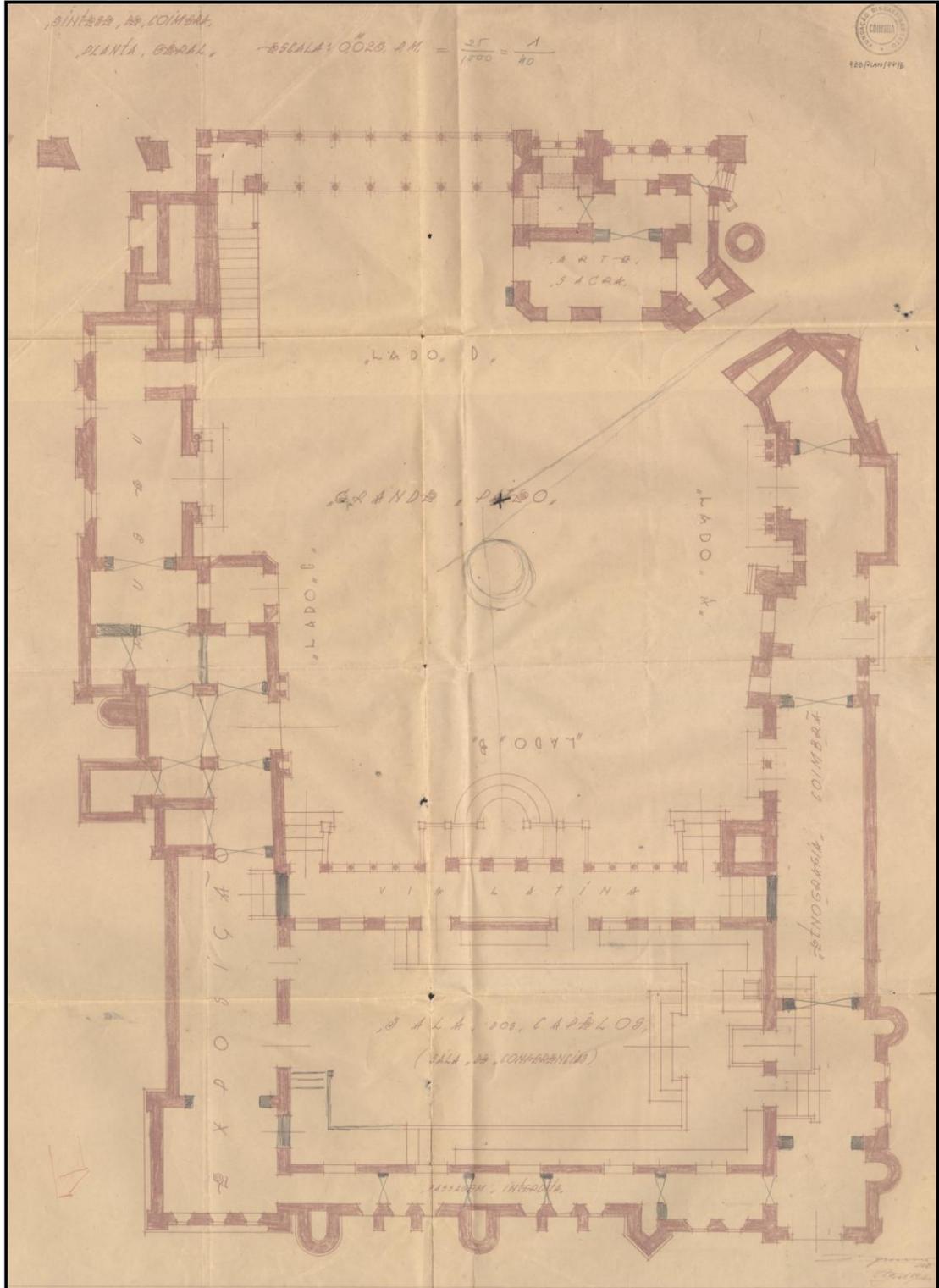


Anexo 20

Planta geral do interior da síntese de Coimbra do Portugal dos Pequenitos, 1940.

Fonte: Plantas do Portugal dos Pequenitos

[FBB/PLAN/PP/6]



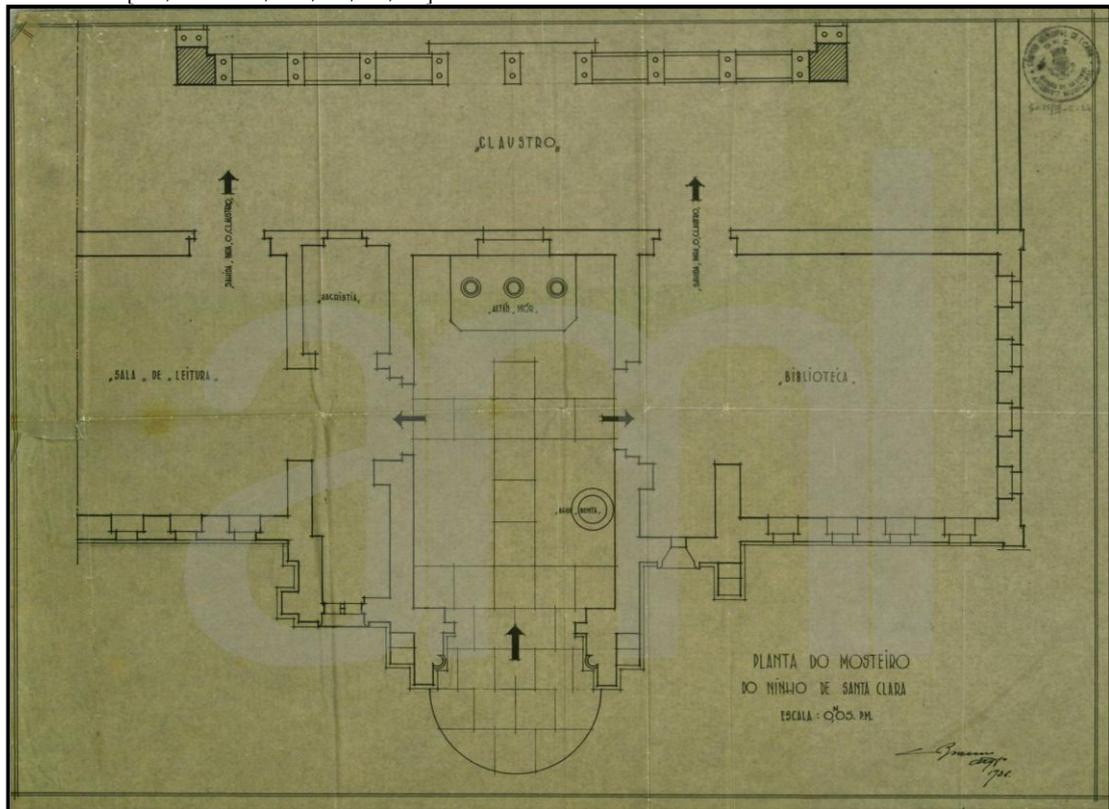
Anexo 21

Planta parcial do interior do Mosteiro do Portugal dos Pequenitos, 1938.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – Fundo de Cassiano Branco

Plantas do Portugal dos Pequenitos

[PT/AMLSB/CB/01/01/16]



Anexo 22

Fotografia do pavilhão de Angola de Cassiano Branco no Portugal dos Pequenitos.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – Fundo de Cassiano Branco

Fotografias do Portugal dos Pequenitos

[PT/AMLSB/CB/01/03/81]



Anexo 23

Fotografia do pavilhão de Moçambique de Cassiano Branco no Portugal dos Pequenitos.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – Fundo de Cassiano Branco

Fotografias do Portugal dos Pequenitos

[PT/AMLSB/CB/01/03/54]



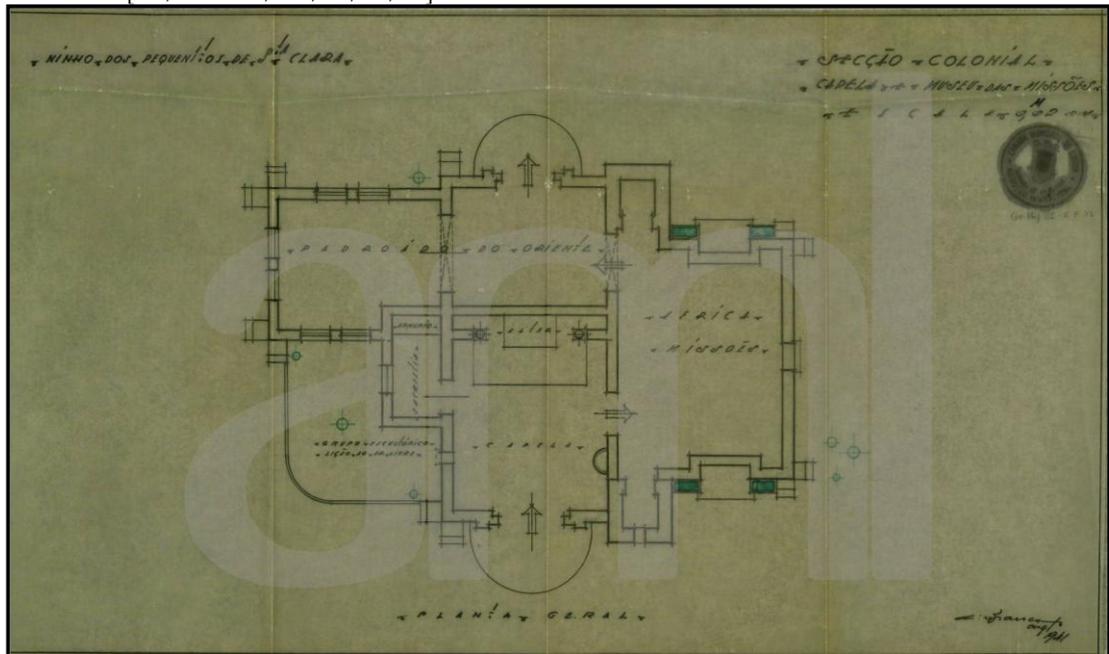
Anexo 24

Planta geral do interior da Capela das Missões dos Pequenitos, 1941.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – Fundo de Cassiano Branco

Plantas do Portugal dos Pequenitos

[PT/AMLSB/CB/01/03/37]



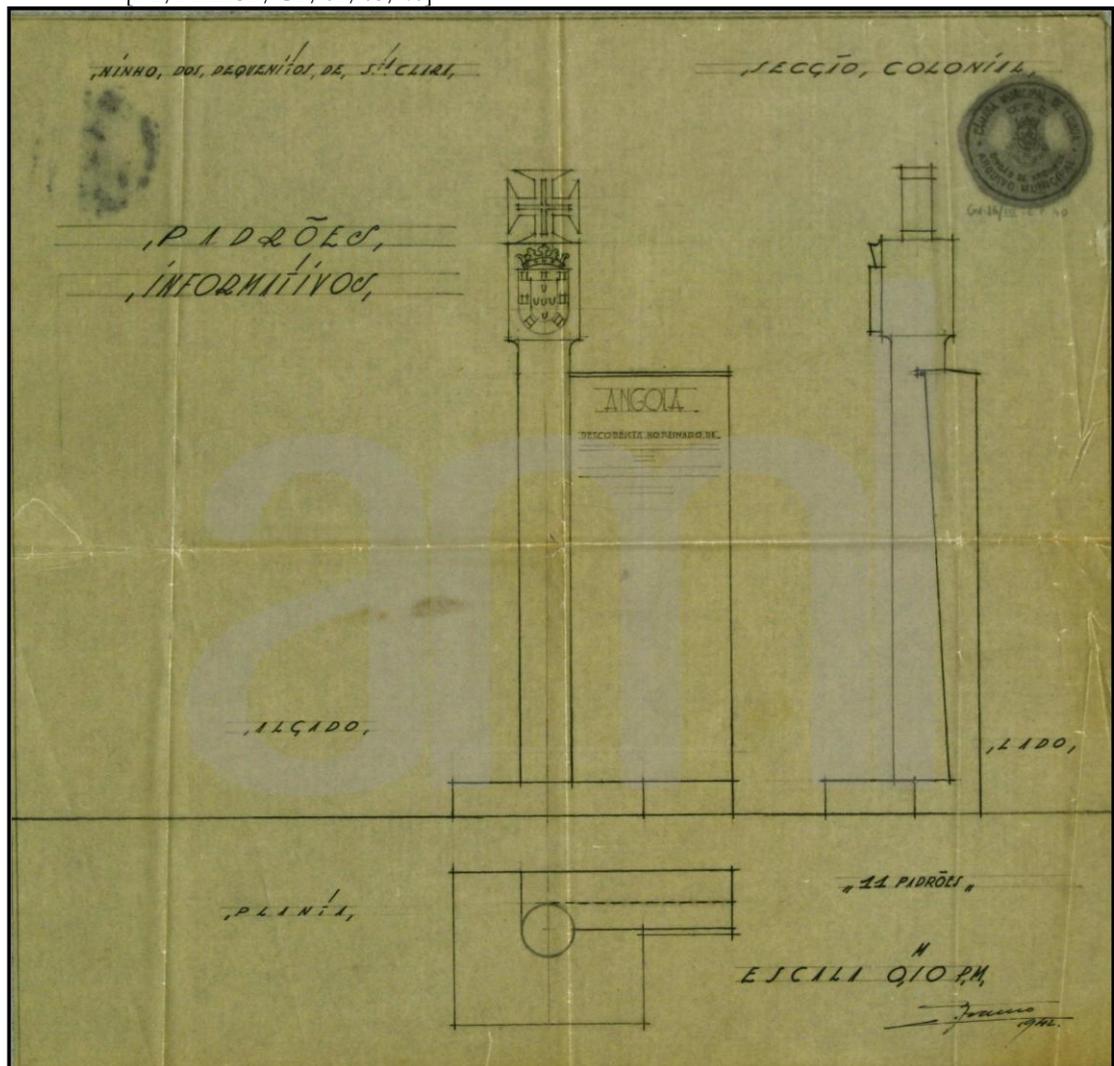
Anexo 25

Desenho dos padrões informativos da secção colonial do Portugal dos Pequenitos, 1942.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – Fundo de Cassiano Branco

Plantas do Portugal dos Pequenitos

[PT/AMLSB/CB/01/03/40]



Anexo 26

Fotografia do padrão informativo do pavilhão da Guiné no Portugal dos Pequenitos.

Fonte: Fotografia da autora



Anexo 27

Fotografia do padrão informativo do pavilhão da Índia no Portugal dos Pequenitos.

Fonte: Fotografia da autora



Anexo 28

Fotografia do padrão informativo do pavilhão de S. Tomé e Príncipe no Portugal dos Pequenitos.

Fonte: Fotografia da autora



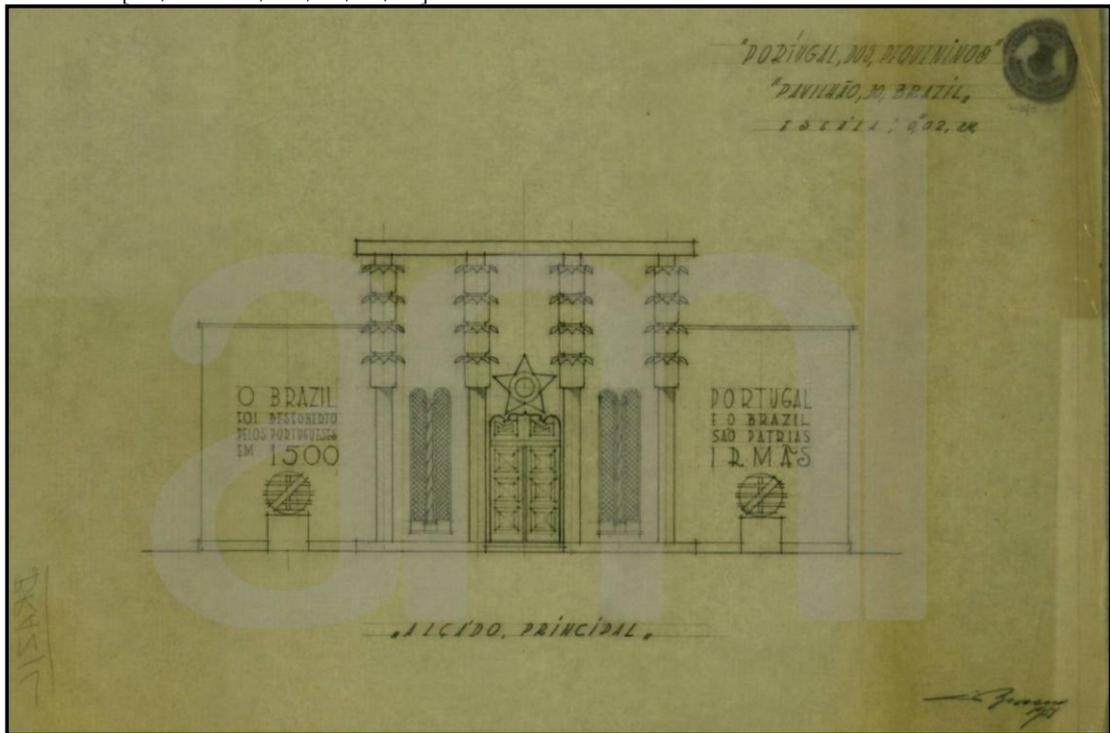
Anexo 29

Desenho do alçado principal do pavilhão do Brasil do Portugal dos Pequenitos, 1951.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – Fundo de Cassiano Branco

Plantas do Portugal dos Pequenitos

[PT/AMLSB/CB/01/03/11]

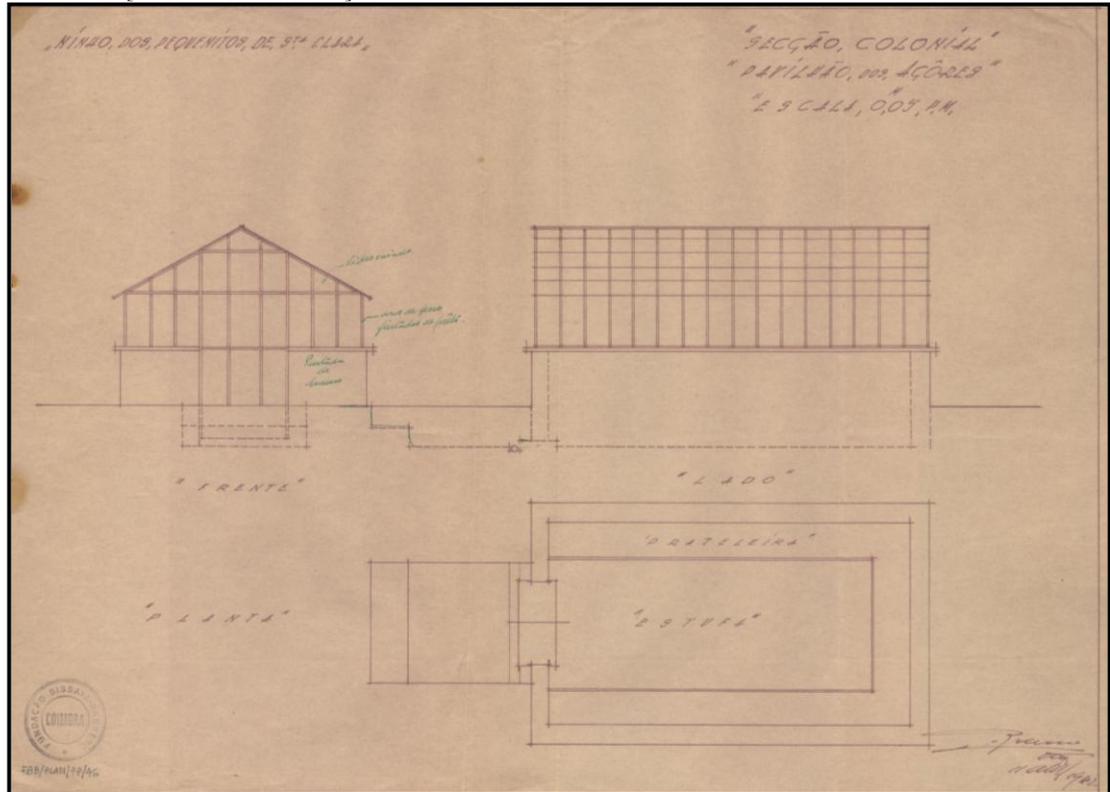


Anexo 30

Desenho de uma estufa para o pavilhão dos Açores do Portugal dos Pequenitos, 1942.

Fonte: Plantas do Portugal dos Pequenitos

[FBB/PLAN/PP/46]



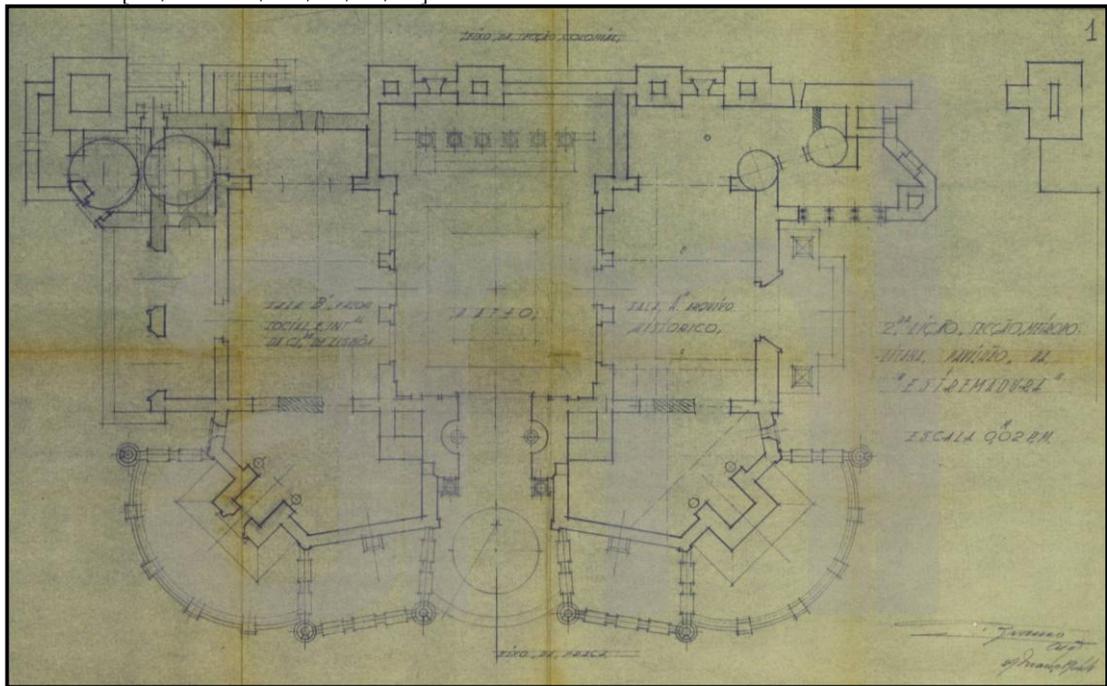
Anexo 31

Planta geral do interior do pavilhão da Estremadura do Portugal dos Pequenitos, 1944.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – Fundo de Cassiano Branco

Plantas do Portugal dos Pequenitos

[PT/AMLSB/CB/01/12/05]



Anexo 32

Fotografia de uma visita oficial no interior do pavilhão da Estremadura do Portugal dos Pequenitos.

Fonte: Fotografias do Professor Bissaya Barreto

Dos. 2 Inaugurações [FBB-BB-FOT-VISOF-634]



Anexo 33

Fotografia do interior do pavilhão da Estremadura do Portugal dos Pequenitos.

Fonte: Fotografias da Obra Social

[FBB-OBRS-FOT-PP-191PP]



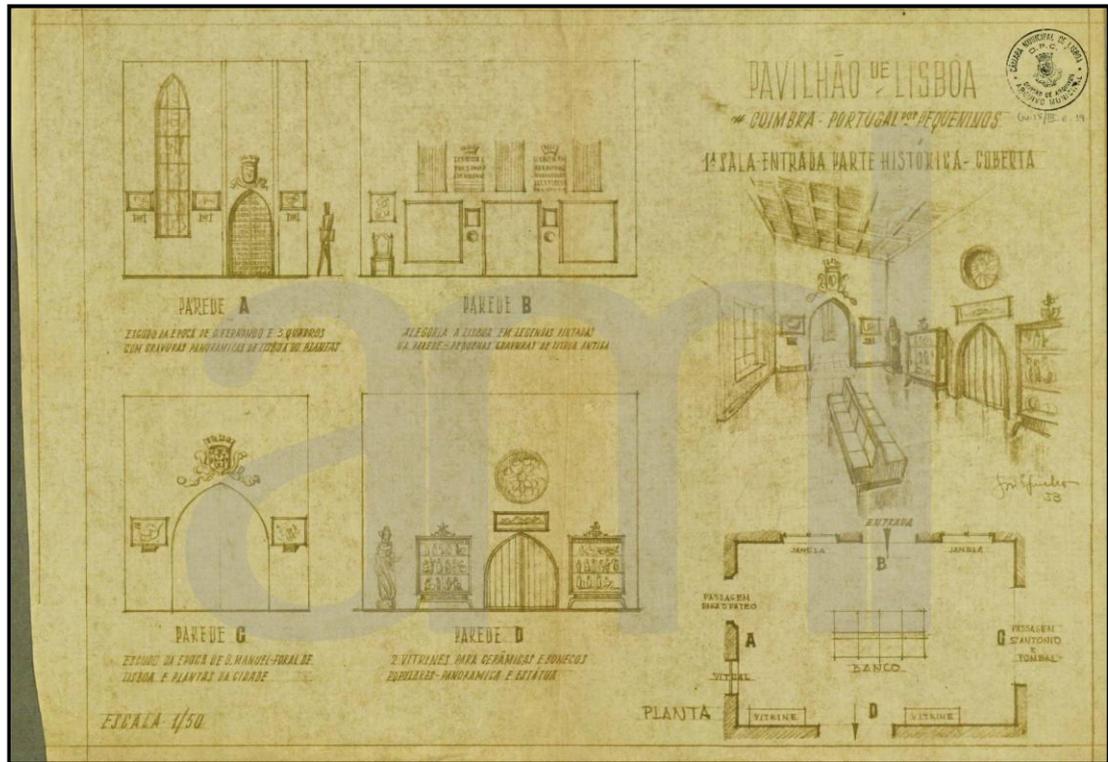
Anexo 34

Desenho do interior de uma sala do pavilhão da Estremadura do Portugal dos Pequenitos, 1953.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – Fundo de Cassiano Branco

Plantas do Portugal dos Pequenitos

[PT/AMLSB/CB/01/12/19]



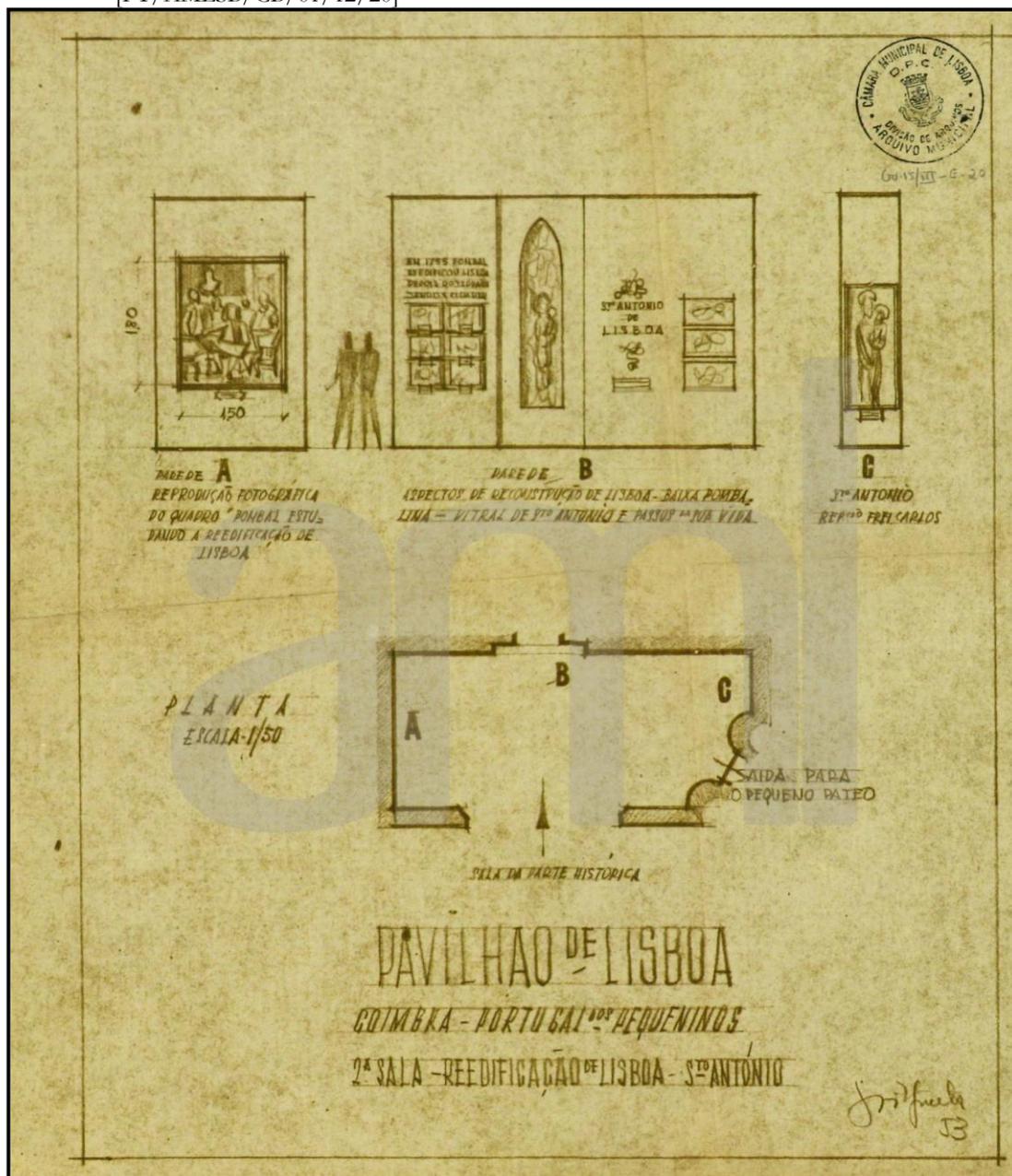
Anexo 35

Desenho do interior de uma sala do pavilhão da Estremadura do Portugal dos Pequenitos, 1953.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – Fundo de Cassiano Branco

Plantas do Portugal dos Pequenitos

[PT/AMLSB/CB/01/12/20]



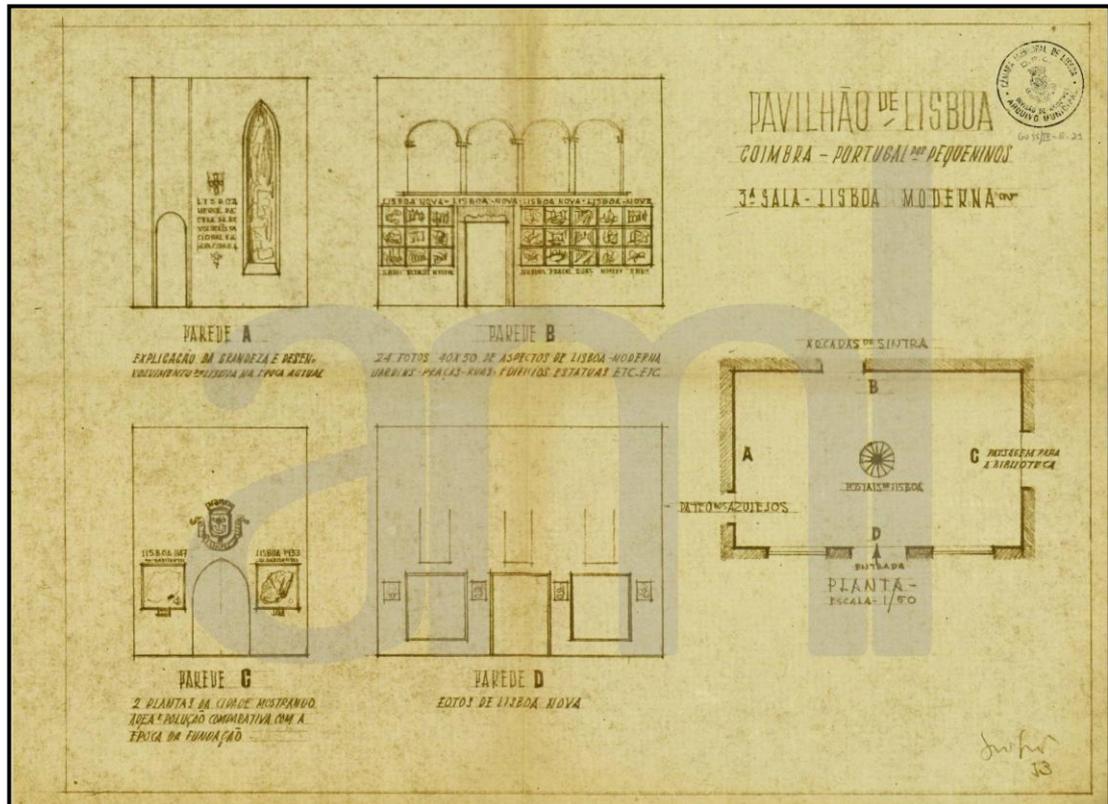
Anexo 36

Desenho do interior de uma sala do pavilhão da Estremadura do Portugal dos Pequenitos, 1953.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa – Fundo de Cassiano Branco

Plantas do Portugal dos Pequenitos

[PT/AMLSB/CB/01/12/21]



Anexo 37

Fotografia da inauguração do Museu da Criança do Portugal dos Pequenitos, 1966.

Fonte: Fotografias do Professor Bissaya Barreto

Dos. 2 Inaugurações [FBB-BB-FOT-VISOF-550]



Anexo 38

Fotografia da inauguração do Museu da Criança do Portugal dos Pequenitos, 1966.

Fonte: Fotografias do Professor Bissaya Barreto

Dos. 2 Inaugurações [FBB-BB-FOT-VISOF-555]



Anexo 39

Fotografia da inauguração do Museu da Criança do Portugal dos Pequenitos, 1966.

Fonte: Fotografias do Professor Bissaya Barreto

Dos. 2 Inaugurações [FBB-BB-FOT-VISOF-563]



Anexo 40

Fotografia da inauguração do Museu da Criança do Portugal dos Pequenitos, 1966.

Fonte: Fotografias do Professor Bissaya Barreto

Dos. 2 Inaugurações [FBB-BB-FOT-VISOF-566]



DOCUMENTAÇÃO

ARQUIVO

- Atas da Junta da Província da Beira Litoral:

Sessão 22-07-1937 AUC-AD-39

Sessão 08-09-1938 AUC-AD-39

Sessão 24-08-1939 AUC-AD-39

Sessão 16-11-1939 AUC-AD-39

Sessão 24-08-1940 AUC-AD-39

Sessão 04-08-1940 AUC-AD-39

Sessão 15-06-1942 AUC-AD-14

Sessão 30-06-1942 AUC-AD-14

Sessão 15-03-1943 AUC-AD-14

Sessão 31-05-1943 AUC-AD-14

Sessão 15-01-1944 AUC-AD-14

Sessão 15-02-1944 AUC-AD-14

Sessão 01-02-1944 AUC-AD-14

Sessão 15-02-1944 AUC-AD-14

Sessão 31-03-1944 AUC-AD-15

Sessão 15-05-1944 AUC-AD-15

Sessão 15-06-1944 AUC-AD-15

Sessão 31-07-1944 AUC-AD-15

Sessão 30-09-1944 AUC-AD-15

Sessão 15-01-1945 AUC-AD-15

Sessão 15-03-1945 AUC-AD-15

Sessão 16-04-1945 AUC-AD-15

Sessão 15-05-1945 AUC-AD-15

Sessão 31-08-1945 AUC-AD-16

Sessão 01-07-1946 AUC-AD-16

Sessão 15-01-1951 AUC-AD-20

Sessão 30-04-1952 AUC-AD-21

Sessão 16-06-1952 AUC-AD-21

Sessão 30-06-1952 AUC-AD-21

Sessão 16-08-1952 AUC-AD-21

Sessão 01-09-1952 AUC-AD-21

Sessão 30-04-1953 AUC-AD-22

Sessão 10-06-1953 AUC-AD-22

Sessão 30-06-1953 AUC-AD-22

Sessão 31-08-1955 AUC-AD-24

Sessão 31-05-1957 AUC-AD-25

Sessão 31-07-1959 AUC-AD-26

Sessão 31-12-1959 AUC-AD-26

- ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. FUNDO DE CASSIANO BRANCO – Considerações gerais 1 [PT/AMLSB/CB/01/16/36, 1940-62]
- ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. FUNDO DE CASSIANO BRANCO – Considerações gerais 2 [PT/AMLSB/CB/01/16/36, 1940-62]
- ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. FUNDO DE CASSIANO BRANCO – Considerações gerais 3 [PT/AMLSB/CB/01/16/36, 1940-62]
- ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. FUNDO DE CASSIANO BRANCO – Considerações gerais relativas a todas as regiões de Portugal 1 [PT/AMLSB/CB/01/16/35, 1940-62]
- ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. FUNDO DE CASSIANO BRANCO – Considerações gerais relativas a todas as regiões de Portugal 2 [PT/AMLSB/CB/01/16/35, 1940-62]

- ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. FUNDO DE CASSIANO BRANCO – Considerações gerais relativas a todas as regiões de Portugal 3 [PT/AMLSB/CB/01/16/35, 1940-62]
- ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. FUNDO DE CASSIANO BRANCO – Considerações gerais relativas a todas as regiões de Portugal 4 [PT/AMLSB/CB/01/16/35, 1940-62]
- ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. FUNDO DE CASSIANO BRANCO – Considerações gerais relativas a todas as regiões de Portugal 5 [PT/AMLSB/CB/01/16/35, 1940-62]
- ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. FUNDO DE CASSIANO BRANCO – Acabamentos dos pavilhões da secção colonial 1 [PT/AMLSB/CB/01/16/44, 1944]
- ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. FUNDO DE CASSIANO BRANCO – Acabamentos dos pavilhões da secção colonial 2 [PT/AMLSB/CB/01/16/44, 1944]
- ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. FUNDO DE CASSIANO BRANCO – Acabamentos dos pavilhões da secção colonial 3 [PT/AMLSB/CB/01/16/44, 1944]
- ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. FUNDO DE CASSIANO BRANCO – Acabamentos dos pavilhões da secção colonial 4 [PT/AMLSB/CB/01/16/44, 1944]
- Bloco de Apontamentos da Conservadora do Museu da Criança – 1-3 [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6]
- Catálogo de Moedas Estrangeiras [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.7]
- Catálogo de Moedas Portuguesas [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.7]
- CDB Notícias 1973-1984 FBB/FBB/IMPR – Dossier 1

- CDB Notícias 1985-1987 FBB/FBB/IMPR – Dossier 2
- CDB Notícias 1988-1989 FBB/FBB/IMPR – Dossier 3
- CDB Notícias 1990-1991 FBB/FBB/IMPR – Dossier 4
- CDB Notícias 1992 FBB/FBB/IMPR – Dossier 5
- CDB Notícias 1993-1994 FBB/FBB/IMPR – Dossier 6
- CDB Notícias 1995 FBB/FBB/IMPR – Dossier 7
- CDB Notícias 1996 FBB/FBB/IMPR – Dossier 8
- CDB Notícias 1997 FBB/FBB/IMPR – Dossier 9
- Copiadores de correspondência da Junta da Beira Litoral – Dep II-AD/D/EST 17/tab 3/1346 [nº 1634; nº 1637; nº 1698; nº 1757; nº 1831]
- Correspondência recebida e expedida do Portugal dos Pequenitos 1965-1969 – Facturas [Obra Documentação diversa sobre o Museu da Criança [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6]
- Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6]
- Correspondência recebida e expedida do Portugal dos Pequenitos 1970-1984 [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6]
- Estatutos da Fundação Bissaya Barreto
- Inventário dos objectos expostos no Museu da Criança no Portugal dos Pequenitos 1979-1980(?) [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.7]
- Portugal dos Pequenitos/ Correspondência recebida/expedida no Portugal dos Pequenitos 1970-1984 [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.6]
- Registo de livros na biblioteca do Portugal dos Pequenitos [Obra Social de Bissaya Barreto FBB/OBRS Cx.7]
- Sumário dos Copiadores de Correspondência 1931-1940
27-03-1940
- Portugal dos Pequenitos – PP/Remodelações das instalações sanitárias [FBB/FBB/PCR Cx. 3]

- Portugal dos Pequenitos – PP/Remodelações das instalações do Museu do Traje [FBB/FBB/PCR Cx. 4]
- Portugal dos Pequenitos – PP/Remodelações das instalações do Museu do Traje [FBB/FBB/PCR Cx. 5]

ICONOGRÁFICA

- Arquivo Municipal de Lisboa – Fundo de Cassiano Branco

Fotografias do Portugal dos Pequenitos:

[PT/AMLSB/CB/01/03/54]

[PT/AMLSB/CB/01/03/81]

Plantas do Portugal dos Pequenitos:

[PT/AMLSB/CB/01/01/16]

[PT/AMLSB/CB/01/03/11]

[PT/AMLSB/CB/01/03/37]

[PT/AMLSB/CB/01/03/40]

[PT/AMLSB/CB/01/07/192]

[PT/AMLSB/CB/01/12/05]

[PT/AMLSB/CB/01/12/19]

[PT/AMLSB/CB/01/12/20]

[PT/AMLSB/CB/01/12/21]

- Fotografias da Obra Social:

[FBB-OBRS-FOT-PP-191PP]

- Fotografias do Professor Bissaya Barreto:

Dos. 2 Inaugurações:

[FBB-BB-FOT-INAUG-285]

Dos. 3 Visitas Oficiais:

[FBB-BB-FOT-VISOF-550]

[FBB-BB-FOT-VISOF-555]

[FBB-BB-FOT-VISOF-563]

[FBB-BB-FOT-VISOF-566]

[FBB-BB-FOT-VISOF-591]

[FBB-BB-FOT-VISOF-634]

- Plantas do Portugal dos Pequenitos:

[FBB/PLAN/PP/3]

[FBB/PLAN/PP/6]

[FBB/PLAN/PP/46]

- Plantas e Desenhos Arquitetónicos:

[FBB/OBRS/PLAN Cx. 5]

IMPRESSA

AZENHA, Mário – **O professor Bissaia Barreto: a projecção do homem na sua obra.** Coimbra: [s.n.], 1956.

BESSA, José dos Santos – A obra médico-social do Doutor Bissaya Barreto. **Revista da Fundação Bissaya Barreto.** Vol. 1, nº 1 (1986), p. 9-13.

BRANCO, Cassiano – **Portugal dos Pequenitos (Casa de Coimbra).** Coimbra: [s.n.].

COSTA, Sousa – **O Novo Mundo dos Pequenitos.** Coimbra: [s.n.], 1941.

DECRETO-LEI nº 139/2009. **D.R. I Série,** nº 113 (15-06-09), p. 3647-3653.

FERRO, António – **Dez Anos de Política do Espírito.** Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional, [1943?].

FERRO, António – **Museu de Arte Popular.** Lisboa: Edições SNI, 1948.

FREIRE, José Paulo – **Férias d’um jornalista.** [s.l.]: Diário do Norte, 1949.

FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Bissaya Barreto, um homem de causas fotobiografia.** 1ªed. Coimbra: Fundação Bissaya Barreto, 2008.

FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Estaleiros Navais do Mondego, S.A.: 1944/1994 – Cinquenta anos de actividade.** Figueira da Foz: Fundação Bissaya Barreto, 1996.

FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Fundação Bissaya Barreto – 50 anos.** Coimbra: Fundação Bissaya Barreto. [s.l.]: [s.n.], 2007.

FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Notícias Fundação Bissaya Barreto [1958-2008].** Coimbra: Fundação Bissaya Barreto. 2008, n° 37.

FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Portugal dos Pequenitos.** Coimbra: Coimbra Editora lda, 1966.

JÚNIOR, Rocha – **Portugal dos Pequenitos (Casa de Coimbra).** Coimbra: [s.n.].

JÚNIOR, Rocha – **Portugal dos Pequenitos: Um país de conto de fadas.** Coimbra : [s.n.], [s.d.].

LEI n° 107/2001. **D.R. I Série-A**, n° 209 (08-09-2001), p. 5808-5829.

LIMA, J. da Costa – **Portugal dos Pequenitos.** Coimbra: [s.n.], [s.d.].

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA. DIRECÇÃO GERAL DE ASSISTÊNCIA. **D.G. III Série**, n° 277 (26-12-1958), p. 2601-2608.

MINISTÉRIO DO INTERIOR 2ª repartição. **D.G. II Série**, n° 298 (23-12-1959), p. 10587-10589.

MONTEZ, António – **O que é o Portugal dos Pequenitos.** Coimbra: [s.n.], 1941.

MOURA, Horácio – A Fundação Bissaya Barreto. **Revista da Fundação Bissaya Barreto.** Vol. 1, n° 1 (1986), p. 17-60.

NAMORA, Viriato – **Bissaya Barreto: O Homem e a Obra.** [s.l.]: Fundação Bissaya Barreto, [s.d.].

NASCIMENTO, Nuno Viegas; MACHADO, Manuel Augusto Soares; SILVA, Rui Nogueira Lobo de Alarcão e [et al.] – **Intervenções: Homenagem Nacional ao Prof. Doutor Bissaya Barreto - 11 de Outubro de 1997.** [s.l.]: Fundação Bissaya Barreto, [s.d.].

NEVES, Helena; VALE, Isabel Horta e – **Jardim Portugal dos Pequenitos.** Coimbra: Fundação Bissaya Barreto, [s.d.].

PORTARIA n° 196/2010. **D.R. I Série**, n° 69 (09-04-10), p. 1163-1167.

Portugal dos Pequenitos Santa Clara Coimbra (folheto)

Portugal dos Pequenitos – Museu da Criança (folheto)

ORAL

Entrevista com a Dr.^a Isabel Horta e Vale, dia 7 de Setembro de 2012, atual diretora da Casa Museu Bissaya Barreto e responsável do Portugal dos Pequenitos de 1999 a 2009.

BIBLIOGRAFIA

1º Encontro Internacional sobre Património Industrial e Museologia: comunicações. Lisboa: EPAL, 2000.

ACCIAIUOLI, Margarida – **Exposições do Estado Novo: 1934-1940.** [s.l.]: Livros Horizonte, 1998.

ACCIAIUOLI, Margarida – **Os anos 40 em Portugal: o país, o regime e as artes, “restauração” e “celebração”.** Lisboa: U.N.L., 1991.

ACTAS DO COLÓQUIO SOBRE OS FASCISMO EM PORTUGAL – **O Fascismo em Portugal.** Lisboa: Regra do jogo, 1982.

ALMEIDA, Ana – **Museologia e animação cultural.** Coimbra: [s.n.], [s.d.]. Trabalho no âmbito do seminário de Introdução à Museologia.

ALMEIDA, Pedro Vieira de; ALMEIDA, Rogério Vieira de; CALDAS, João Vieira [et al.] – **Arquitectura do Século XX: Portugal.** Lisboa: Centre Cultural de Belém, 1997.

ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – **A arquitectura moderna.** Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

ALONSO FERNÁNDEZ, Luis – **Museología: introducción a la teoría y práctica del museo.** Madrid: Istmo, 1995.

ALONSO FERNÁNDEZ, Luis; GARCÍA FERNÁNDEZ, Isabel – **Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje.** Madrid: Alianza, 1999.

ALVES, Vera Marques – **“Camponeses estetas” no Estado Novo: arte popular e nação na política folclorista do Secretariado da Propaganda Nacional.** Lisboa: ISCTE, 2007.

BANDEIRINHA, José António – **Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa.** 2ª ed. Porto: FAUP, 1996.

BRÁS, Emanuel – **Coimbra dos Pequenitos: 1995-1997.** [s.l.]: [s.n.], 1997.

BRITES, Joana – Em nome da “sanidade artística”: o Estado Novo e o estilo barroco. **Revista da Universidade de Aveiro**, nº 23 (2006), p. 59-85.

BRITES, Joana – Entre o poder da arte e a arte do poder: modernismo versus neoclassicismo monumentalista na arquitectura das décadas de 1920 a 1940. **Revista Portuguesa de História**, nº 37 (2005), p. 411-436.

BRITES, Joana – **Entre o poder da arte e a arte do poder: novas perguntas à arquitectura portuguesa dos anos trinta**. Coimbra: [s.n.], 2004. Trabalho realizado no âmbito do Seminário de História de Arte.

BRITES, Joana – Movimento Moderno: de resposta universal a hipótese de século. **Estudos do Século XX**, nº 9 (2009), p. 31-43.

BRITES, Joana – **O capital da arquitectura (1929-1970)**. Coimbra: [s.n.], 2012. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de História de Arte, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

BRITES, Joana – Uma nova memória para um Estado Novo: restauro de monumentos e ensino da História no Salazarismo. **Biblos**. Vol. III, 2ª Série (2005), p. 285-308.

BUTCHER-YOUNGHANS, Sherry – **Historic House Museums: A practical handbook for their care, preservation, and management**. New York: Oxford University Press, [s.d.].

CAMÕES, Luís de – **Os Lusíadas**. Porto: Porto Editora, 1974.

CANIZARO, Vincent B. [ed.] – **Architectural regionalism: collected writings on place, identity, modernity and tradition**. New York: Princeton Architectural Press, 2007.

CASELLAS, Antònia – El placer intelectual de los parques temáticos. **Biblio 3W**. Vol. XII, nº 765 (2007).

CASTRO, Pedro Jorge – As revelações dos diários. **Sábado**, nº 325 (22-07-2010), p. 46-52.

CASTRO, Pedro Jorge – Os melhores amigos de Salazar. **Sábado**, nº 427 (05-07-2012), p. 38-46.

CARDOSO, José Luís; ROCHA, Maria Manuela – Corporativismo e Estado-Providência (1933-1962). **Ler História**, nº 45 (2003), p. 111-135.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes dos Anjos – **Raul Lino em Coimbra**. [s.l.]: [s.n.], 1983.

CUSTÓDIO, Jorge; SANTOS, Luísa; RIBEIRO, Isabel [et al.] – **Museologia e Arqueologia Industrial: estudos e projectos**. Lisboa: Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, 1991.

DAMASCENO, Joana – **Museus para o povo português: a etnografia como elemento unificador do discurso museológico do estado Novo**. Coimbra: [s.n.], 2007. Dissertação de mestrado na área de História Contemporânea, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

DINIZ, Mário; PROENÇA, Luís – Junkers Ju. 52 nº 6304 da Alemanha ao museu do ar um percurso de 73 anos. **Mais Alto**, Ano XLVIII, nº 385 (2010), p. 39-44.

FERNANDES, José Manuel – **Português suave: arquitecturas do Estado Novo**. Lisboa: IPPAR, 2003.

FERNANDEZ, Sérgio – **Percurso: arquitectura portuguesa 1930-1974**. Porto: Serviço Editorial da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988. Dissertação expressamente elaborada para as provas de habilitação de obtenção do título de professor agregado do curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto.

FRANÇA, José-Augusto – **A arte em Portugal no século XX**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – **Anos quarenta na arte portuguesa**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – **Raul Lino: exposição retrospectiva da sua obra**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

GARCIA, João Paulo Vilaça – **História da Museologia em Portugal**. Coimbra: [s.n.], [s.d.].

GARCÍA BLANCO, Ángela – **Didáctica del museo: el descubrimiento de los objetos**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1988.

GOUVEIA, Henrique Coutinho – **Acerca do conceito e evolução dos museus regionais portugueses desde finais do séc. XIX ao regime do Estado Novo**. Lisboa: Bibl. Arq. Mus. Lisboa, 1995, p. 147-239.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca – **Manual de museología**. Madrid: Síntesis, 1998.

HERRERA ESCUDERO, María Luisa – **El museo en la educación. Su origen, evolución e importancia en la cultura moderna**. Barcelona: [s.n.], 1971.

História da Arte Portuguesa. [s.l.]: Círculo de Leitores, 1995.

HOMS, Maria Inmaculada Pastor – **El museo y la educación en la comunidad**. Barcelona: Ediciones CEAC S.A., 1992.

JACOB, Cândido Adriano Ramos – **Os Edifícios da Fundação Bissaya Barreto em Coimbra**. Coimbra: [s.n.] 2002-2003.

Jornal Campeão das Províncias: **Conhecer Bissaya-Barreto**. Lino Vinhal, dir. FIG Coimbra. Coimbra: [s.n.]. 2008.

LEON, Aurora – **El museo: teoría, praxis y utopía**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

LINO, Raul – **A casa portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1929.

LINO, Raul – **Casas portuguesas: alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples**. Lisboa: Cotovia, 1992.

LISBOA. CÂMARA MUNICIPAL. PELOURO DA CULTURA – **Cassiano Branco: Uma obra para o futuro**. Porto: Edições ASA, 1991.

LOBO, Susana – **Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX**. Coimbra: [s.n.], 2001.

LOPES, Maria Antónia – **Pobreza, asistencia y política social en Portugal en los siglos XIX y XX: perspectivas historiográficas**. Madrid: Ed. Marcial pons, 1997, p. 211-240.

LORD, Barry; LORD, Gail Dexter – **Manual de gestión de museos**. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 1998.

LORENTE LORENTE, Jesús-Pedro – Qué es una Casa-Museo? Por qué hay tantas Casas-Museo Decimonónicas?. **Revista de Museología**. nº 14 (1998), p. 30-32.

MACHADO, Roberto Gonçalves Brazão – **Coimbra no mapa do regime em dois edificios representativos: a consolidação - Portugal dos Pequenitos: a arquitectura das ditaduras cidade universitária de Coimbra: Portugal é Lisboa e o resto... é Estado Novo**. Coimbra: [s.n.], 2005.

MARQUES, Ana Margarida Castro e Silva de Meneses – **Casa-Museu Bissaya Barreto: O refúgio de um professor**. Coimbra: [s.n.], 2000. Trabalho de um seminário de História de Arte da Faculdade de Letras de Coimbra.

MARTINS, Ana Filipa; SILVA, Joana Isabel; SANTOS, Lúcia Raquel – **Mundo Fantástico**. Coimbra: [s.n.], 2002.

MATOS, Patrícia Ferraz de – **A História e os Mitos: Manifestações da ideologia colonial na construção do Portugal dos Pequenitos em Coimbra**. Lisboa: [s.n.], 2010.

MATOS, Patrícia Ferraz de – **As côres do Império: representações raciais no Império Colonial Português**. Lisboa: ICS, 2006.

MEIRELES, Ana Margarida – **Portugal dos Pequenitos: Ensaio para uma musealização**. Coimbra: [s.n.], 2009. Trabalho de seminário de Museologia e Cultura Material.

MELO, Daniel – **Salazarismo e cultura popular: 1933-1958**. [s.l.]: Imprensa de Ciências Sociais, 2001.

MELO, Inês Nogueira – **Empresa de moagem do Fundão: nascimentos de um núcleo museológico**. Coimbra: [s.n.], 2010. Relatório de Mestrado em Política Cultural Autárquica, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

MOREIRA, Marta Rocha - **Da casa ao museu**. Porto: [s.n.], 2006.

MOURÃO, Teresa – **Aprender a ser português no Portugal dos Pequenitos**. Coimbra: [s.n.], 1998-99. Trabalho de seminários Museus, Investigação e Educação.

NEVES, Helena – Inventário do Espólio de Cassiano Branco. **Cadernos do Arquivo Municipal**. Lisboa, p. 51-88.

Ó, Jorge Ramos do – **Os anos de Ferro: o dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949 ideologia, instituições, agentes e práticas**. Lisboa: Editorial Estampo, 1999.

PAULO, Heloísa – Portugal dos Pequenitos: Uma obra ideológico-social de um professor de Coimbra. **Revista de História das Ideias**. Vol. 12 (1990), p. 395- 413.

PEREIRA, Miriam Halpern – As origens do Estado Providência em Portugal: as novas fronteiras entre público e privado. **Ler História**. nº 37 (1999), p. 45-61.

PEREZ MARTIN, Miguel Angel – Gestion de museos. In BALERDI, Iñaki Díaz [cord.] – **Miscelánea museológica**. Bilbao: Servicio Editorial Universidad del País Vaco, [s.d.].

PÉREZ SANTOS, Eloísa – **Estudio de visitantes en museos: metodología y aplicaciones**. Guijón: Trea, 2000.

PINTO, Paulo Tormenta – **Cassiano Branco: arquitectura e artificio 1897-1970**. [s.l.]: Caleidoscópio, 2007.

PORTUGAL. DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS – **Caminhos do Património**. Lisboa: D.G.E.M.N.: Livros Horizonte, D.L. 1999.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz – **Iniciação à Museologia**. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

ROSMANINHO, Nuno – A “casa portuguesa” e outras “casas nacionais”. **Revista da Universidade de Aveiro**. n.º 19/20 (2002-2003), p. 225-250.

RUYRA DE ANDRADE, Margarita [dir.] – **Museos y museología en Portugal**. Madrid: Asociación Española de Museólogos, 2000.

SILVA, Cristina Emília R. – Portugal Pequeninno. **Resdomus**. (2010), p.1-20.

SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS – **Arquitectura Popular em Portugal**. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961.

SOUSA, Cristiana – **A musealização de um espaço em constante mutação**. Coimbra: [s.n.], 2009. Trabalho no âmbito do seminário de Cultura Material e Museologia.

SOUSA, Jorge Pais de – **Bissaya Barreto: Ordem e progresso**. Coimbra: Livraria Minerva, 1999.

TOSTÕES, Ana – **Arquitectura moderna e obra global a partir de 1900**. [s.l.]: Fubu Edições, 2009.

TOSTÕES, Ana; COUTINHO, Bárbara; FOLGADO, Deolinda [et al.] – **Arquitectura moderna portuguesa 1920-1970**. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2004.

TRINDADE, Maria Beatriz Rocha [cord.] – **Iniciação à Museologia**. Lisboa: Universidade Aberta, [s.d.].

ZUBIAUR CARREÑO, Francisco Javier – **Curso de museología**. Gijón: Ediciones Trea, 2004.

WEBGRAFIA

ANTON CLAVE, Salvador – **The Global Theme Park Industry** [em linha]. UK: CABI, 2007. [Consult. 13 Mar. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=2&cad=rja&ved=0CCsQFjAB&url=http%3A%2F%2Fbookshop.cabi.org%2Fuploads%2FBooks%2F>

[DF%2F9781845932084%2F9781845932084.pdf&ei=dSNVUNPUEIGRhQf15YCgAQ&usg=AFQjCNGdqAKFhGloGSzwwTfC0wYXgSMOFQ>](#)

ARQUIVO DO MINISTÉRIO DO ULTRAMAR – **Inventário dos Arquivos do Ministério do Ultramar** [em linha]. Lisboa: BSAFE, [s.d.]. [Consult. 29 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL: <http://arquivos.ministerioultramar.holos.pt/source/presentation/pag.php?pag=0>>

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA – **Arquivo Municipal de Lisboa** [em linha]. Lisboa: [s.n.], 2012. [Consult. 24 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/default.asp?s=12079>>

ASHTON, Mary Sandra G. – Parques Temáticos. **Famecos** [em linha], nº 11 (1999), p. 64-74. [Consult. 21 Set. 2011]. Disponível em WWW: <URL: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3052/2330>>

BITGOOD, Steve; PATTERSON, Don – Principles of exhibit design. **Visitor behavior** [em linha]. Vol. II, nº 1 (1987), p. 4-6. [Consult. 1 Abr. 2011]. Disponível em WWW: <URL : http://informalscience.org/researches/VSA-a0a2n2-a_5730.pdf>

CENTRO JURÍDICO – **Diário da República Eletrónico** [em linha]. Portugal: I.N.C.M. S.A. [Consult. 01 Mar. 2012]. Disponível em WWW: <URL: <http://dre.pt/>>

CURA, J. – **Prof. Doutor Bissaya Barreto** [em linha]. Portugal: Secção Filatélica da AAC. [Consult. 03 Mar. 2012]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.aac.uc.pt/~sfaac/bissayabarreto.php> >

FERNÁNDEZ DE MATA, Ignacio – Reflexiones para un museo. **Museo: Revista de la Asociación Profesional de Museólogos de España** [em linha], nº 5 (2000), p. 109-119. [Consult. 06 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2334890>>

FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Fundação Bissaya Barreto** [em linha]. Coimbra: Fundação Bissaya Barreto. [Consult. 27 Set. 2011]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.fbb.pt/index.php>>

FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO – **Portugal dos Pequenitos** [em linha]. Coimbra: Fundação Bissaya Barreto, 2008. [Consult. 27 Set. 2011]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.portugaldospequenitos.pt/>>

GARCÍA-ORMAECHEA Y QUERO, Carmen – La investigación externa en el museo. **Museo: Revista de la Asociación Profesional de Museólogos de España** [em linha], nº 2 (1997), p. 287-291. [Consult. 06 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2168736>>

HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA – Exposição do Mundo Português (1940) [em linha]. Lisboa: [s.n.], 2005. [Consult. 09 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/Restauracao/Exposicaodomundoportugues.htm>>

ICOM – **International Council of Museums** [em linha], [s.l.]: Sitemap, 2012. [Consult. 2 Nov. 2011]. Disponível em WWW: <URL: <http://icom.museum/>>

JACQUES, Paola Berenstein – Patrimônio Cultural Urbano: Espetáculo contemporâneo?. **Rua** [em linha], nº 8 (2002), p. 32-39. [Consult. 21 Set. 2011]. Disponível em WWW: <URL: www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/download/3229/2347>

JIMÉNEZ VILLABA, Félix; TEJADA PICATOSTE, Pilar Romero – III Jornadas de museologia: “La organización del museo”. **Museo: Revista de la Asociación Profesional de Museólogos de España** [em linha], nº 2 (1998). [Consult. 06 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2171368>>

JULIÁN BAQUEDANO, José – La renovación permanente del museo. **Museo: Revista de la Asociación Profesional de Museólogos de España** [em linha], nº 5 (2000), p. 37-41. [Consult. 06 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2334315>>

LARDIÉS BOSQUE, Raúl – Un nuevo concepto de parque temático: origen e impactos de dinópolis. **Cuadernos de Turismo** [em linha], nº 15 (2005), p. 149-168. [Consult. 17 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1302249>>

LE PETIT PARIS – **Le Petit Paris** [em linha], Paris: Le Petit Paris, 2004. [Consult. 12 Dez. 2011]. Disponível em WWW: <URL <http://www.cite-capitales.com/en/>>

LIRA, Sérgio – **Exposições temporárias no Portugal do Estado Novo: Alguns exemplos de usos políticos e ideológicos** [em linha]. [s.l.]: Colóquio APOM, 1999. [Consult. 05 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://ceaa.ufp.pt/museus3.htm>>

LORENTE LORENTE, Jesús-Pedro – Nuevas tendencias en teoría museológica: a vueltas con la museología crítica. **Museos.es: Revista de la Subdirección General de Museos Estatales** [em linha], nº 2 (2006), p. 24-33. [Consult. 05 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2194340>>

LOWENTHAL, David – Theme Park Landscapes: antecedents and variations. **Dumbarton Oaks Colloquium on the History of Landscapes Architecture** [em linha]. Vol. 20 (2002), p. 11-23. [Consult. 21 Set. 2011]. Disponível em WWW: <URL: http://www.doaks.org/publications/doaks_online_publications/TParks/TParksFM.pdf>

MARQUES, ROSETTE – Salvar um legado da Fundação, da vila do Luso e da região. **Diário de Coimbra** [em linha] (2011), p. 4. [Consult. 09 de Setembro 2012]. Disponível em WWW: <URL http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=2&cad=rja&ved=0CDsQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.maloclinics.com%2Fcontent%2Fpdf%2FDiariodeCoimbra_BissayaBarreto.pdf&ei=l0paUNmgIYTF0QXzICgBQ&usq=AFQjCNGjSXfWhR9CQ34Vb0zCAze-wsgtnw>

MARTINS, Nuno; COSTA, Cláudia – Património, paisagens culturais, turismo, lazer e desenvolvimento sustentável. Parques temáticos vs parques patrimoniais. **Exedra** [em linha], nº temático (2009), p. 51-75. [Consult. 09 Jan. 2012]. Disponível em WWW: <URL: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3395757> >

MINI MUNDO – **Mini Mundo** [em linha]. Brasil: Webbureau, 2010. [Consult. 13 Dez. 2011]. Disponível em WWW: <URL <http://www.minimundo.com.br/minimundo/>>

MOLINA, Sérgio – **O pós-turismo** [em linha]. São Paulo: Aleph, 2003. [Consult. 20 Set. 2011]. Disponível em WWW: <URL:

http://www.ccsa.ufrn.br/ccsa/docente/juliana.backup/resenhas/Resenha_P%F3s-Turismo.pdf>

MOURA, Rafael Muniz de – O gerenciamento de projetos aplicado a exposições museológicas. **Revista Eletrônica Jovem Museologia** [em linha]. Vol. 3, nº 5 (2008), p. 24-47. [Consult. 12 Mar. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://www.unirio.br/jovemmuseologia/numeroatual2.htm>>

NAVARRO, Jorge Fernando; NAZOR, Olga – La museología en la encrucijada. **Revista electrónica de bibliotecología, archivología y museología** [em linha], nº 7 (2001). [Consult. 12 Mar. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=283274>>

NAVARRO ROJAS, Óscar; TSAGARAKI, Christina – Museos en la crisis: una visión desde la museología crítica. **Museos.es: Revista de la Subdirección General de Museos Estatales** [em linha], nº 5-6 (2009-2010), p. 50-57. [Consult. 05 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3667728>>

NUNES, MÁRIO – **Rotunda Bissaya Barreto** [em linha]. Coimbra: [s.n.], 2007. [Consult. 03 Mar. 2012]. Disponível em WWW: <URL: <http://denunciacoimbra2.wordpress.com/2007/08/02/rotunda-bissaya-barreto/>>

OLIVEIRA, Claudemir – Psicologia Positiva, Walt Disney e sucesso. **Segredo do Sucesso** [em linha], nº 16 (2011), p. 16. [Consult. 12 Dez. 2011]. Disponível em WWW: <URL: <http://seedsofdreams.files.wordpress.com/2011/08/revista-segredo-do-sucesso-aug-2011-roy-and-disney.jpg>>

Os maiores parques temáticos do mundo. Blog de viagens férias e turismo [em linha], [s.l.]: WordPress, 2008-2012. [Consult. 12 Dez. 2011]. Disponível em WWW: <URL <http://www.bigviagem.com/os-maiores-parques-tematicos-do-mundo/>>

PARDO, Jordi – Ideas e ideología en el proyecto museológico. **Museo: Revista de la Asociación Profesional de Museólogos de España** [em linha], nº 5 (2000), p. 61-71. [Consult. 06 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2334364>>

PÉREZ, Xerardo Pereiro – **Turismo Cultural: uma visão antropológica** [em linha]. Espanha: PASOS, 2009. [Consult. 06 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://pt.scribd.com/doc/50475878/61/O%C2%A0que%C2%A0sao%C2%A0os%C2%A0centros%C2%A0de%C2%A0interpretacao>>

PORTUGAL. INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO – **IMC: Instituto dos Museus e da Conservação** [em linha]. [s.l.]: creat/it, 2012. [Consult. 08 Ago. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/Default.aspx>>

PORTUGAL. INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO – **MatrizPCI** [em linha]. Lisboa: BOND, 2011. [Consult. 08 Ago. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://www.matrizpci.imc-ip.pt/matrizpci.web/Home.aspx>>

PRATS, Carmen – Plan museológico y exposiciones temporales. **Museo: Revista de la Asociación Profesional de Museólogos de España** [em linha], nº 5 (2000), p. 43-39. [Consult. 06 Mai. 2012]. Disponível em WWW: <URL <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2334326>>

PUY DU FOU – **Puy do Fou** [em linha]. Les Epesses: Douny, [s.d.]. [Consult. 12 Dez. 2011]. Disponível em WWW: <URL <http://www.puydufou.com/fr>>

RALUCA, Dridea Catrinel; GINA, Strutzen – Theme park: the main concept of tourism industry development. **Annals of University of Oradea** [em linha]. Vol. 17, nº 2 (2008), p. 635-640. [Consult. 12 Dez. 2011]. Disponível em WWW: <URL <http://steconomice.uoradea.ro/anale/volume/2008/v2-economy-and-business-administration/113.pdf>>

ROSAS, Fernando – A crise do Liberalismo e as origens do “Autoritarismo Moderno” e do Estado Novo em Portugal. **Penélope** [em linha], nº 2 (1989), p. 98-114. [Consult. 04 Set. 2012]. Disponível em WWW: <URL http://www.penelope.ics.ul.pt/pages/numero_02.htm>

SANTOS, Tiago – **Os parques temáticos históricos como preservadores do património imaterial** [em linha]. [s.l.]: [s.n.], 2009. [Consult. 20 Set. 2011]. Disponível em WWW: <URL: <http://quintacidade.com/2009/06/12/os-parques-tematicos-historicos-como-preservadores-do-patrimonio-imaterial/>>

SOLÀ-MORALES, Ignasi de – **Patrimonio arquitectónico o parque temático** [em linha]. [Consult. 21 Set. 2011]. Disponível em WWW: <URL: <http://upcommons.upc.edu/revistes/bitstream/2099/1907/1/Patrimonio.pdf>>

TERRA MÍTICA – **Terra Mítica** [em linha]. [s.l.]: Terra Mítica Park, 2011. [Consult. 13 Dez. 2011]. Disponível em WWW: <URL <http://www.terramiticapark.com/index.asp?idioma= esp>>

WALT DISNEY – **Disney Insider** [em linha]. [s.l.]: Walt Disney, [s.d.]. [Consult. 12 Dez. 2011]. Disponível em WWW: <URL <http://disney.go.com/disneyinsider/insider>>

WALT DISNEY – **Disneyland Paris** [em linha]. Paris: Walt Disney, [s.d.]. [Consult. 12 Dez. 2011]. Disponível em WWW: <URL <http://www.disneylandparis.com/>>

WALT DISNEY – **Walt Disney World** [em linha]. California: Walt Disney, [s.d.]. [Consult. 12 Dez. 2011]. Disponível em WWW: <URL <http://disneyworld.disney.go.com/>>

ZEVI, Bruno – **História da arquitectura moderna**. [s.l.]: Editora Arcádia, 1970.

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1	
Fotografia de Albino Inácio Rosa, pai de Bissaya Barreto	pág. 108
Anexo 2	
Fotografia de Joaquina da Conceição, mãe de Bissaya Barreto	pág. 109
Anexo 3	
Fotografia de Bissaya Barreto com o traje académico	pág. 110
Anexo 4	
Fotografia de Bissaya Barreto com Borda e Capelo	pág. 111
Anexo 5	
Fotografia de Cassiano Branco	pág. 112
Anexo 6	
Fotografia do Hotel do Luso	pág. 113
Anexo 7	
Desenho da proposta de Cassiano Branco para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres	pág. 114
Anexo 8	
Desenho da primeira proposta de Cassiano Branco para o Éden Teatro	pág. 115
Anexo 9	
Desenho da segunda proposta de Cassiano Branco para o Éden Teatro	pág. 115
Anexo 10	
Desenho da terceira proposta de Cassiano Branco para o Éden Teatro	pág. 116
Anexo 11	
Desenho da Cidade do Cinema Português em Cascais	pág. 117
Anexo 12	
Fotografia do Hotel Vitória em Lisboa	pág. 118
Anexo 13	
Fotografia da Inauguração do Portugal dos Pequenitos	pág. 119
Anexo 14	
Fotografia da Inauguração do Portugal dos Pequenitos	pág. 120

Anexo 15	
Fotografia do Coliseu do Porto	pág. 121
Anexo 16	
Desenho da proposta de Cassiano Branco para o Hotel em Bragança	pág. 122
Anexo 17	
Desenho de uma ogiva de flores para a estátua da Rainha Santa Isabel com notas de Cassiano Branco dirigidas a Bissaya Barreto	pág. 123
Anexo 18	
Planta geral do Portugal dos Pequenitos	pág. 124
Anexo 19	
Fotografia da placa de homenagem a Valentim de Azevedo no Portugal dos Pequenitos	pág. 125
Anexo 20	
Planta geral do interior da síntese de Coimbra do Portugal dos Pequenitos	pág. 126
Anexo 21	
Planta parcial do interior do Mosteiro do Portugal dos Pequenitos	pág. 127
Anexo 22	
Fotografia do pavilhão de Angola de Cassiano Branco no Portugal dos Pequenitos	pág. 128
Anexo 23	
Fotografia do pavilhão de Moçambique de Cassiano Branco no Portugal dos Pequenitos	pág. 129
Anexo 24	
Planta geral do interior da Capela das Missões dos Pequenitos	pág. 130
Anexo 25	
Desenho dos padrões informativos da secção colonial do Portugal dos Pequenitos	pág. 131
Anexo 26	
Fotografia do padrão informativo do pavilhão da Guiné no Portugal dos Pequenitos	pág. 132
Anexo 27	
Fotografia do padrão informativo do pavilhão da Índia no Portugal dos Pequenitos	pág. 133

Anexo 28	
Fotografia do padrão informativo do pavilhão de S. Tomé e Príncipe no Portugal dos Pequenitos	pág. 134
Anexo 29	
Desenho do alçado principal do pavilhão do Brasil do Portugal dos Pequenitos	pág. 135
Anexo 30	
Desenho de uma estufa para o pavilhão dos Açores do Portugal dos Pequenitos	pág. 136
Anexo 30	
Planta geral do interior do pavilhão da Estremadura do Portugal dos Pequenitos	pág. 137
Anexo 32	
Fotografia de uma visita oficial no interior do pavilhão da Estremadura do Portugal dos Pequenitos	pág. 138
Anexo 33	
Fotografia do interior do pavilhão da Estremadura do Portugal dos Pequenitos	pág. 139
Anexo 34	
Desenho do interior de uma sala do pavilhão da Estremadura do Portugal dos Pequenitos	pág. 140
Anexo 35	
Desenho do interior de uma sala do pavilhão da Estremadura do Portugal dos Pequenitos	pág. 141
Anexo 36	
Desenho do interior de uma sala do pavilhão da Estremadura do Portugal dos Pequenitos	pág. 142
Anexo 37	
Fotografia da inauguração do Museu da Criança do Portugal dos Pequenitos	pág. 143
Anexo 38	
Fotografia da inauguração do Museu da Criança do Portugal dos Pequenitos	pág. 144
Anexo 39	
Fotografia da inauguração do Museu da Criança do Portugal dos Pequenitos	pág. 145

Anexo 40

Fotografia da inauguração do Museu da Criança do Portugal dos Pequenitos

pág. 146